REVIST[...]ANA

Nº 17 ★ 26-4-52

CR$ 4,00
EM TODO O BRASIL

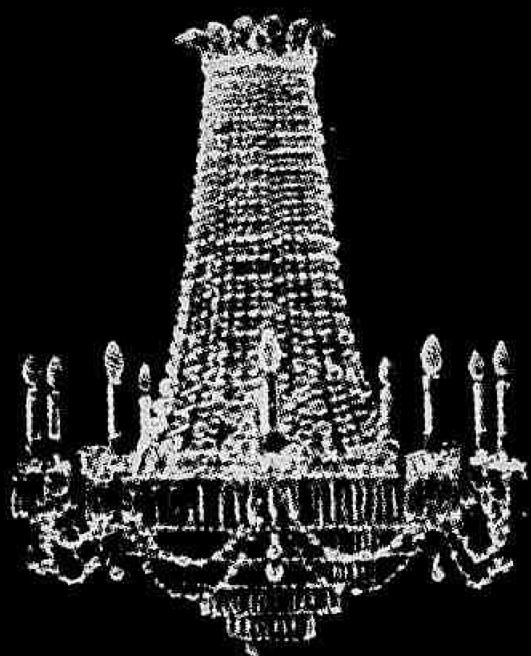
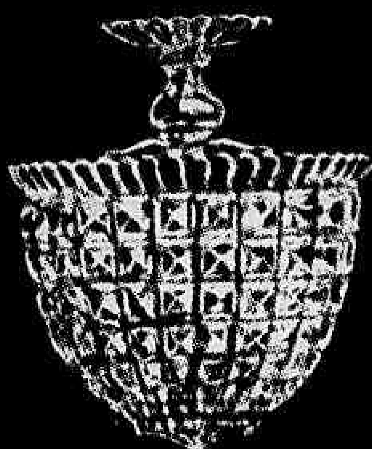
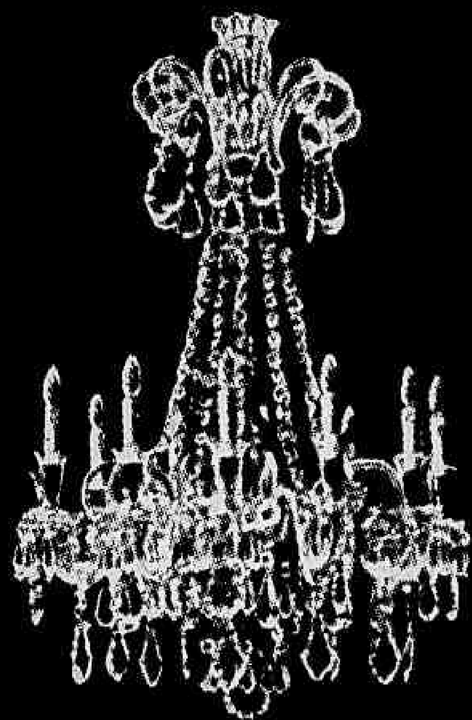


TORÊ

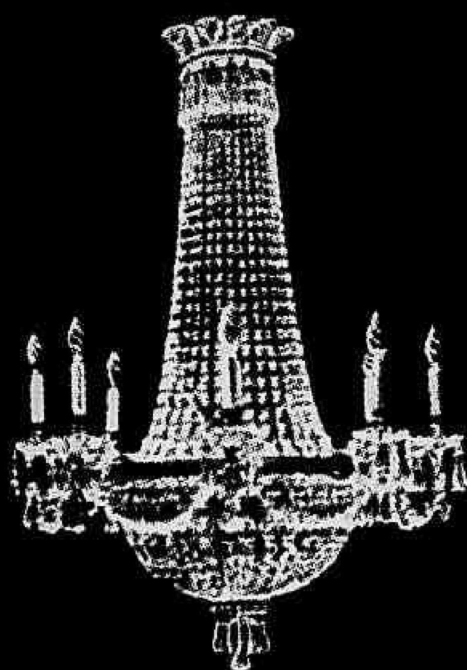
Dança dramática na Serra de Uman

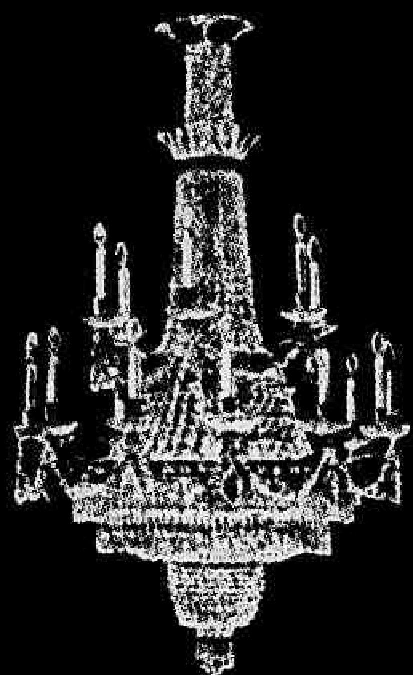
A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.

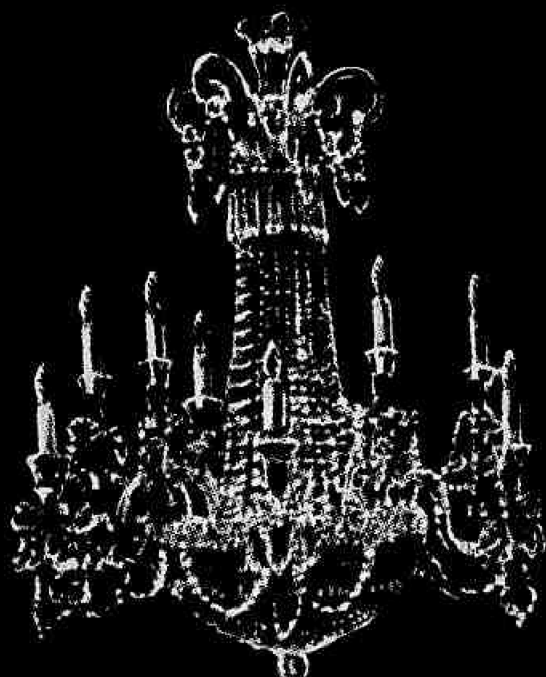
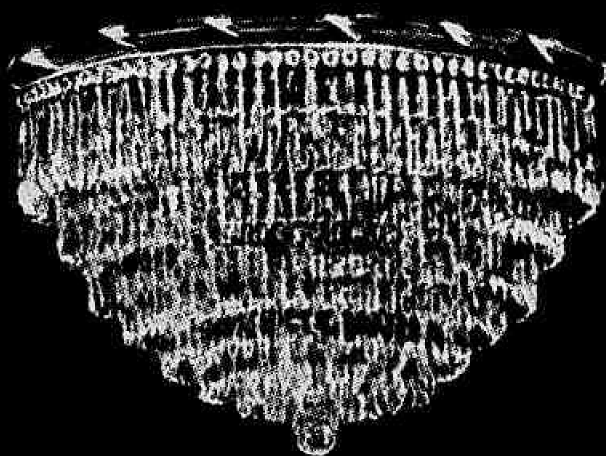




Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.





ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA


LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

ANO LI ★ N.º 17 **REVISTA DA SEMANA** ★ 26-4-52 ★

SUMÁRIO

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Graça e destreza no Campo do Vasco (Por Levy Kleiman) 4/7
Revelações do Continente Negro (Por Marcos Carneiro de Mendonça) 12/13
O Far-West em Paris 15/18
Uma vez Nordeste, sempre Nordeste (Por Domingos de Lucca Junior) 27/33
Torê — a dança da Serra de Umam (Por Nilo Velozo) 54/57

LITERATURA

O Tacômetro (Por Renato de Alencar) 3
O Pequeno Conto (Por Geo William) 8
Semana Literária (Por Edmundo Lys) 20/21
O Impacto (Conto de Nora Carrel) 26
A Grande Jogada (Conto de Waldemar Iglesias Fernandes) 35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (O menor abandonado) 9
À Luz da Psicanálise (Pelo Dr. Luiz Fraga) .. 45
Puxe pelo cérebro 46
Palavras Cruzadas 47
A Revista há 50 anos 51
Correio da Revista 51
Tudo isto aconteceu 52/53
A Pergunta da Semana (Por Sinimbu) 58

CERTAME FOTOGRÁFICO (Regulamento) ... 10

VARIEDADES

Resolvendo o maior quebra-cabeça do mundo (Artigo de F. G. Prince-White) 11
Ponte aérea de feno 48/49

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Espinhos do amor 38

ROMANCE

A Insatisfeita (Por Irene Temple Bailey) 22/23

FEMININAS

Modelos (Por Ramon) 36/37

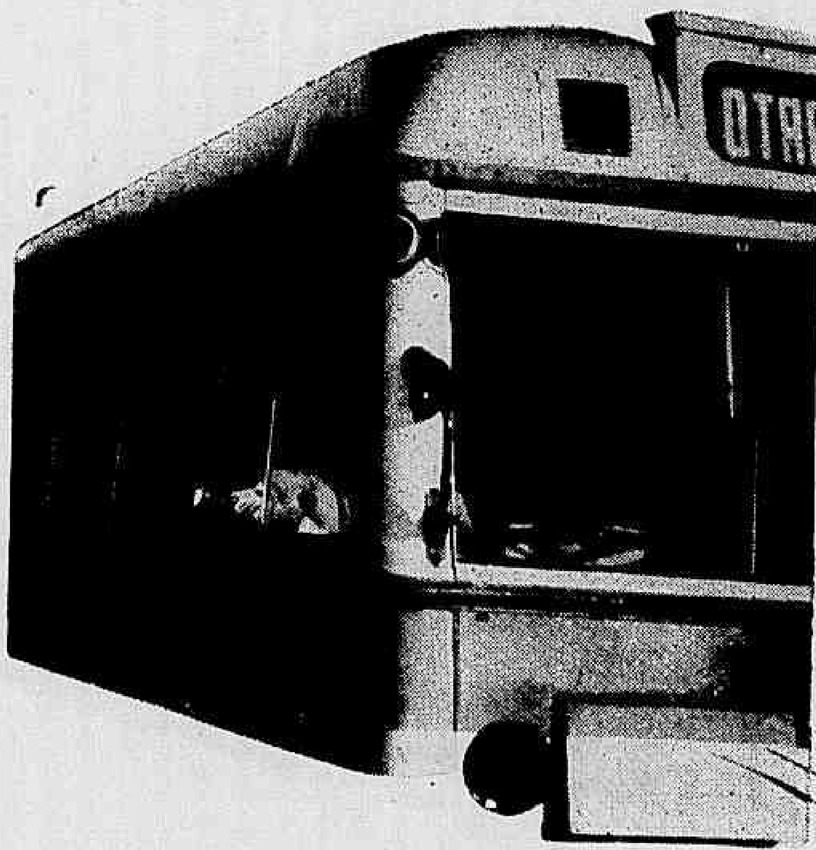
CINEMA (Por Leon Eliachar) 39

CARICATURA

Rumo ao campo (Por Théo) 14
Êste mundo e o outro (Por Darcy) 19

NA CAPA:

Caiuza da Serra de Umam
(Pernambuco)
Foto de Nilo Velozo



O TACÔMETRO

TACÔMETRO? Taquímetro? Taquiômetro? Tacógrafo? Qualquer pessoa dotada de espírito pesquisador, manuseando os étimos gregos takus ou takys, defenderá a grafia que melhor lhe aprouver. Poderá robustecer suas convicções filológicas servindo-se da analogia: **taquicardia**, taquigrafia, **taquigênese** palavras que, antes da simplificação ortográfica ainda apresentavam os vestígios do étimo grego: **tachygrafia**, **tachycardia**, tachygênese com **ch** forte.

Mas, seja como fôr, chamando-se àquêle fenomenal aparelhozinho, de **tacômetro**, **tacógrafo**, **taquiômetro** ou **taquímetro**, o que se não deve desprezar é o seu uso obrigatório nesses esquifes vertiginosos que disparam pelo Distrito Federal em busca de vítimas. Já fazia mais de um ano que a Diretoria do Trânsito desta cidade, por meio de portaria, exigira dos donos de coletivos a colocação do aparelho policiador de velocidades, como recurso de defesa de quem viaja e dos que vão a pé. Mas, como sempre sucede quando se trata de qualquer providência do poder público contra abusos, os proprietários dos veículos foram adiando a colocação dos tacômetros, na esperança velhaca de que o Diretor do Trânsito revogasse a ordem. Mas, contra tal espectativa, a autoridade dirigente não cedeu. Quando muito, permitiu adiamentos razoáveis. Qual o motivo por que se exigem tacômetros em lotações, micro-ônibus e ônibus? E' porque, segundo provam as estatísticas, de quase duas mil infrações diárias registradas no Rio, cêrca de 20% cabem aos excessos de velocidade. Tomando-se por base o dia 11 de fevereiro último, vemos que houve 1830 infrações. Destas, 22,5% por desobediência ao sinal, e 17,5% por **excesso de velocidade**. E haveria 10 mil num dia, se mais guardas houvesse...

O excesso de velocidade numa terra como esta, com ruas estreitas e tortuosas, quase sempre esburacadas, com calçamento irregular, transitada por uma população sem nenhuma educação de tráfego, significa, evidentemente, risco de atropelamento e morte a cada instante. O motorista de carros coletivos, por mais hábil que seja ao volante, sempre que deseja **voar**, está na reta de atingir alguém. As chispadas são o prefácio de uma tragédia que está mais adiante. Com o tacômetro, êsses bravos cidadãos sabem que, alí, na engrenagem daquele relógio, está sendo registrado o corpo de delito de sua imprevidência.

O tacômetro é o guarda de trânsito que se posta ao lado do volante e detém a tendência meteórica do sinesíforo sem misericórdia para com o público. Todos os dias lemos atropelamentos e mortes de crianças, senhoras e cidadãos já na idade provecta, apanhados por ônibus lotações, micro-ônibus. Com o tacômetro a vida das crianças está mais defendida, os velhos de pernas cansadas já podem ter mais confiança no atravessar de uma rua. Seria completa a providência, se o Diretor de Trânsito estendesse aos caminhões o uso obrigatório dêsse policial mecânico, pois aos caminhões nesta cidade cabe grande percentagem no vulto total dos acidentes. O tacômetro é um juiz inflexível, e o sábio Brunings jamais pensou que sua primitiva invenção viesse a defender tantas vidas neste Rio de Janeiro de pistas urbanas para loucos ao volante!

RENATO DE ALENCAR

JOGOS INFANTIS

GRAÇA E DESTRESA NO CAMPO DO VASCO

Texto de LEVY KLEIMAN — Fotos de NODGI

A CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA NO DESENVOLVIMENTO FÍSICO DA MOCIDADE ★ UM CERTAME ORIGINAL ★ CONTAGEM DE PONTOS DE FAZER DOR DE CABEÇA A QUALQUER JUIZ ★ O FLUMINENSE GANHOU A PARADA

ESTA é uma verdade que ninguém desconhece: o esporte no Brasil é exclusivamente uma iniciativa particular. As contribuições governamentais para a difusão esportiva tem sido um pingo d'água no oceano das realizações promovidas por desportistas desinteressados de qualquer provento comercial.

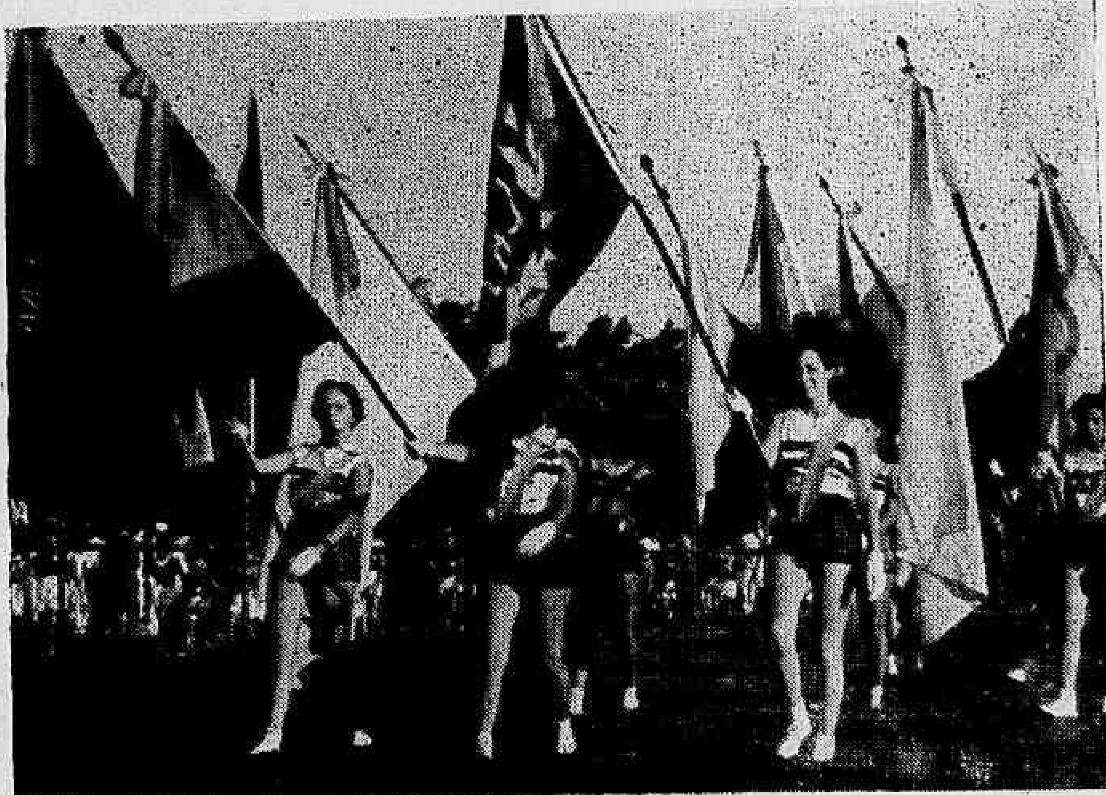
A imprensa tem contribuído, com grande parcela, para maior propaganda das atividades esportivas, e vem últimamente promovendo, através os órgãos especializados, certames que ganham mais interêsse que os levados a efeito pelas entidades oficiais. Em S. Paulo, a "Gazeta Esportiva" promove anualmente uma série de competições, algumas de repercussão internacional, como a Corrida de São Silvestre, disputada na noite de 31 de Dezembro por atletas do mundo inteiro, além dos certames de box, bochas, basket e outras de caráter eminentemente popular. No Ri,o, o "Jornal dos Esportes" vem efetuando com real sucesso uma série de certames que, de ano para ano, conquistam mais a mocidade esportiva, o campeonato de volei de praia, os Jogos da Primavera e o Jogos Infantis, êstes últimos que agora vão ser disputados pela segunda vez.

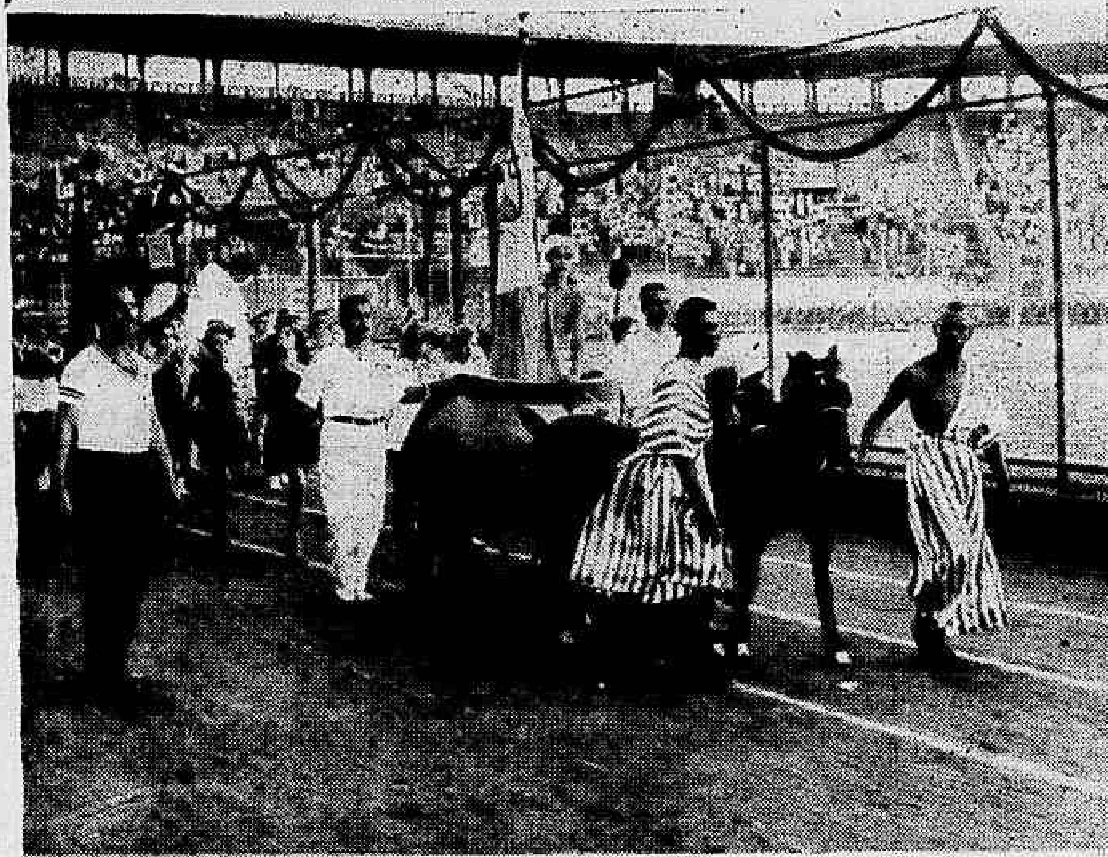
Os "Jogos Infantis", conforme prescreve o seu regulamento, tem por objetivo estimular a infância na prática desportiva, despertando-lhe a atenção e o gôsto pelas atividades relacionadas com o aperfeiçoamento físico, disciplinando-a e encaminhando-a no verdadeiro sentido educacional do desporto.

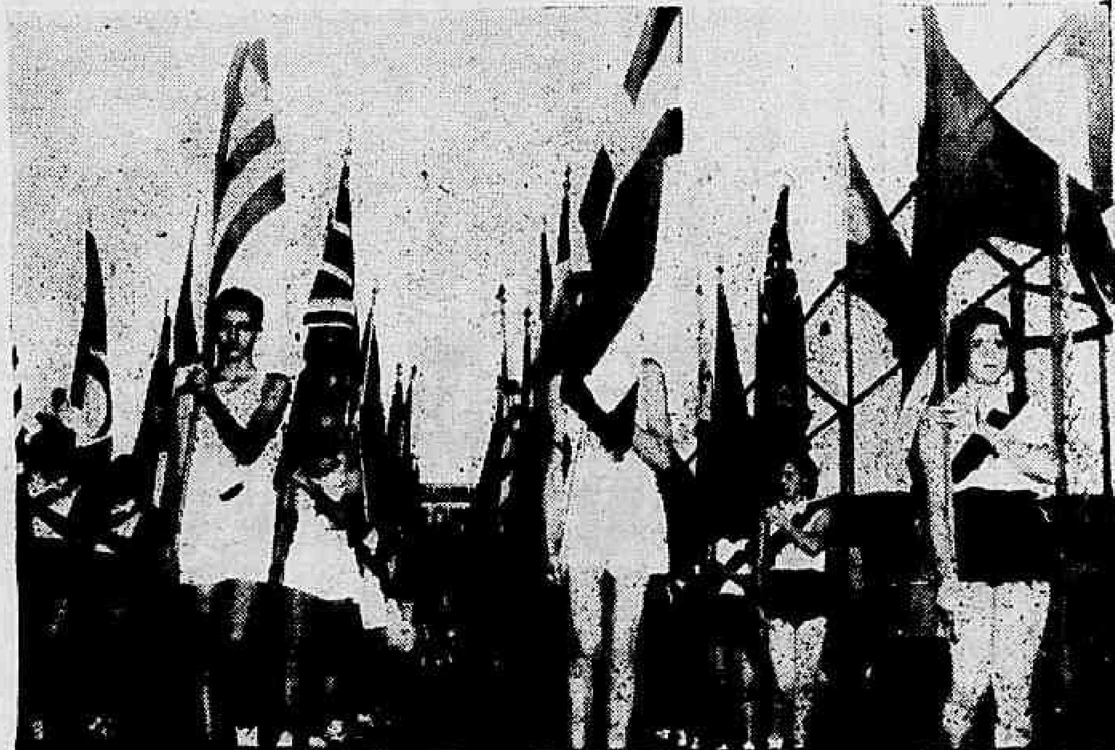
Mário Filho, o romancista do futebol, sentindo a necessidade de despertar a atenção dos clubes e colégios para o setor infantil, idealizou em 1951 uma Olimpiada Infantil, que finalizou com a vitória da representação do Clube de Regatas Vasco da Gama, clube que possui um modelar departamento dedicado a infância esportiva, com dependências e campos de esporte exclusivos para a garotada e completamente isolados dos atletas adultos.

Os "Jogos Infantis" constituem uma iniciativa impar em todo o mundo, porque não só reúne os jogos pròpriamente desportivos, isto é oficializados, tais como Atletismo, Basket, Ciclismo, Futebol, Natação, Tênis, Tênis de Mesa, Tiro e Volei, como os pequenos jogos, ou sejam as modalidades muito apreciadas pela criançada, automóvel de pedal, bola de gude, corrida de arco, futebol de botões, papagaios, patins, pião e velocipede. Isoladamente não constituem novidade, porque na Argentina vem sendo anualmente disputado um torneio de futebol para as crianças de todos os bairros de Buenos Aires pela posse da Taça "Evita Peron", e nos Estados Unidos são famosas as corridas de automóveis de criança, assim como os campeonatos de bola de gude, que todos devem ter tido a oportunidade de apreciar através os jornais cinematográficos. Aqui mesmo o "Jornal dos Esportes" já promoveu com real êxito um campeonato de papagaios, do qual participaram, além de meninos, adultos de conceito firmado na sociedade.

Os clubes tomaram tão a sério os "Jogos Infantis", que houve um duelo entre Vasco e Fluminense, agremiações de grande rivalidade em outras competições, tais como futebol e atletismo, pela posse do local que marcaria a inauguração da olimpiada. O Vasco pediu prioridade para o estádio de São Januário alegando que fôra o campeão de 51 e que portanto tinha o direito de ser a sede do desfile inaugural. O Fluminense, por sua vez, desejando iniciar as comemorações do seu 50º aniversário com uma grande festa, pleiteou a honra de ceder o estádio das Laranjeiras. A direção dos Jogos ficou atrapalhada e resolveu não se intrometer na questão para não ficar em situação embaraçosa com os dois grandes clubes. Reuniu as diretorias dos dois grêmios e deixou que discutissem o assunto à vontade. O Vasco fêz valer a sua condição de prioridade e de ter sido o campeão de 51, e de que o Fluminense já fôra sede no ano da inauguração do certame infantil. O "Jornal dos Esportes" tinha porém uma objeção quanto a candidatura do Vasco: o alambrado que cerca o campo de futebol. Teria que ser retirado na parte fronteira à arquibancada social para não obstruir a visão panorâmica durante as evoluções das equipes no gramado. O Vasco concordou com o pedido mas surgiu uma barreira de ordem técnica, os ferros de sustentação do alambrado estão firmados numa base de cimento sessenta centimetros abaixo do campo e seria preciso dinamitá-las para que fôsse cumprida a condição *sine qua non* para a realização do desfile em S. Januário. A solução foi retirar o alambrado,







ficando apenas as estacas, trabalho só concluido às vésperas do desfile. Por esta pequena amostra pode-se verificar como os clubes levam a sério a questão dos Jogos Infantis, isto é um bom sinal, mostra interêsse pelo pequeno atleta. Mas não ficou só nisto a briga entre o Vasco e o Fluminense, mais adiante contaremos o caso que surgiu por ocasião da competição do desfile.

A contagem de pontos desta olimpiada não envolve sòmente a competição esportiva, abrange tambem o desfile e a original competição de torcidas.

Cada uma das provas dos "Jogos Infantis", de que participam crianças entre 6 e 14 anos, tem o seu regulamento apropriado, estudado por técnicos, médicos e educadores, e a competição do desfile apresenta uma contagem de pontos muito original. Assim, pelo número de atletas apresentados, de 25 a 250, marca-se de 1 a 30 pontos — pelo uniforme de 1 a 20 — pelo garbo (atitude, disposição, alinhamento, cobertura e passo correto) de 1 a 20, — pelo contingente de bicicletas, de 0 a 15 pontos — pelo contingente mecanizado (velocipede e automóvel) de 0 a 10 pontos — pelo contingente de bandeiras, de 0 a 10 pontos — pelo simbolismo ou alegoria, de 0 a 10 — pela Porta Bandeira (melhor apresentação), de 1 a 10 pontos, e pela Baliza (Uniforme, apresentação e evoluções) de 0 a 10 pontos.

Milhares de crianças participaram do desfile inaugural da Olimpiada Infantil, marchando sob os sons vigorosos da Banda do Corpo de Fuzileiros Navais. Abriu o desfile a Bandeira Nacional, conduzida por uma atleta cruzmaltina com uma guarda de honra composta por meninas do Vasco da Gama. Depois a bandeira dos Jogos Infantis, empunhada por uma estudante do Colégio Anglo-Americano. Êste educandário abriu a marcha com um contingente bem grande. Ao passarem pela Tribuna de Honra os pequenos atletas dêste colégio soltaram bolas de tôdas as côres numa fantasia tecnicolorida. Em seguida deu entrada em campo, sob ovações de sua grande torcida, a representação do Fluminense, conduzida pela sua pequena baliza, que realizou uma série de evoluções acrobáticas que arrancaram aplausos da assistência. O clube tricolor constituiu uma atração da grande parada pelo colorido e originalidade dos motivos que apresentou. Um grande contingente de bandeiras precedeu o pelotão mecanizado e o de motivos alegóricos, dos quais se destacou uma parada romana em miniatura, com os litores à frente, e os escravos conduzindo a "biga". A grandiosa parada seguiu entusiasmando o público com o desfile dos demais clubes e colégios, e finalmente o Vasco, campeão de 51, encerrou o desfile. Dois valetes medievais, com as suas trombetas, anunciavam um grupo de pequenos acrobatas. A seguir veio o Almirante com duas damas antigas, e depois um pelotão conduzindo cartazes alusivos ao Comitê Olimpico, Jogos Infantis e as realizações do "Jornal dos Esportes" nos Jogos Amadores.

Formadas as representações no gramado, num alinhamento multicolorido, chega o fogo simbólico. Acesa a Pira foi feita a declaração solene da abertura dos Jogos Infantis pelo representante do Presidente da República. Após o Hino Nacional, cantado pelas milhares de vozes infantis, teve lugar o juramento do atleta que constituiu um espetáculo marcante e um fecho de ouro para uma realização que enobrece a imprensa do Brasil.

(Cont. na pág. [illegible])





A radiosa juventude e o garbo da baliza do Botafogo atraíram as atenções da parte do público.

A bonequinha morena que se vê de saiote e cartolinha brancos é a baliza do Bangu. Em baixo, num lance que arrancou aplausos do público, a baliza do Instituto Lafaiete faz interessantes acrobacias.

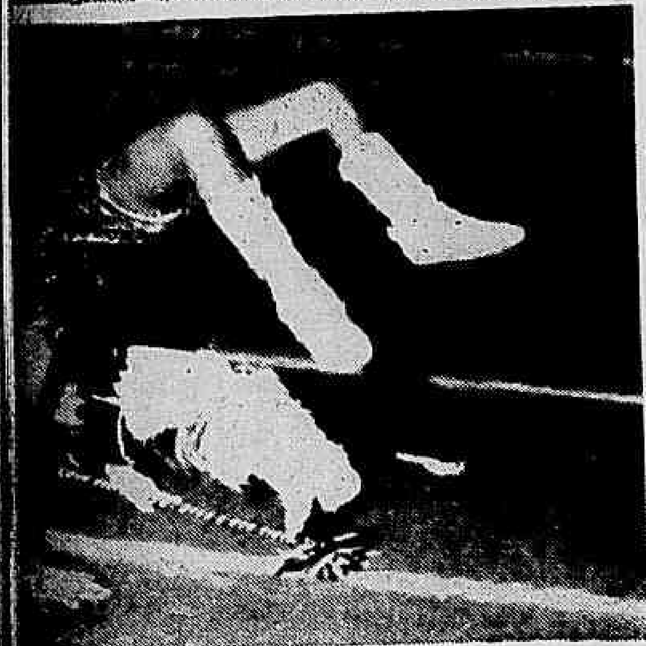




GRAÇA E DEXTREZA NO CAMPO DO VASCO





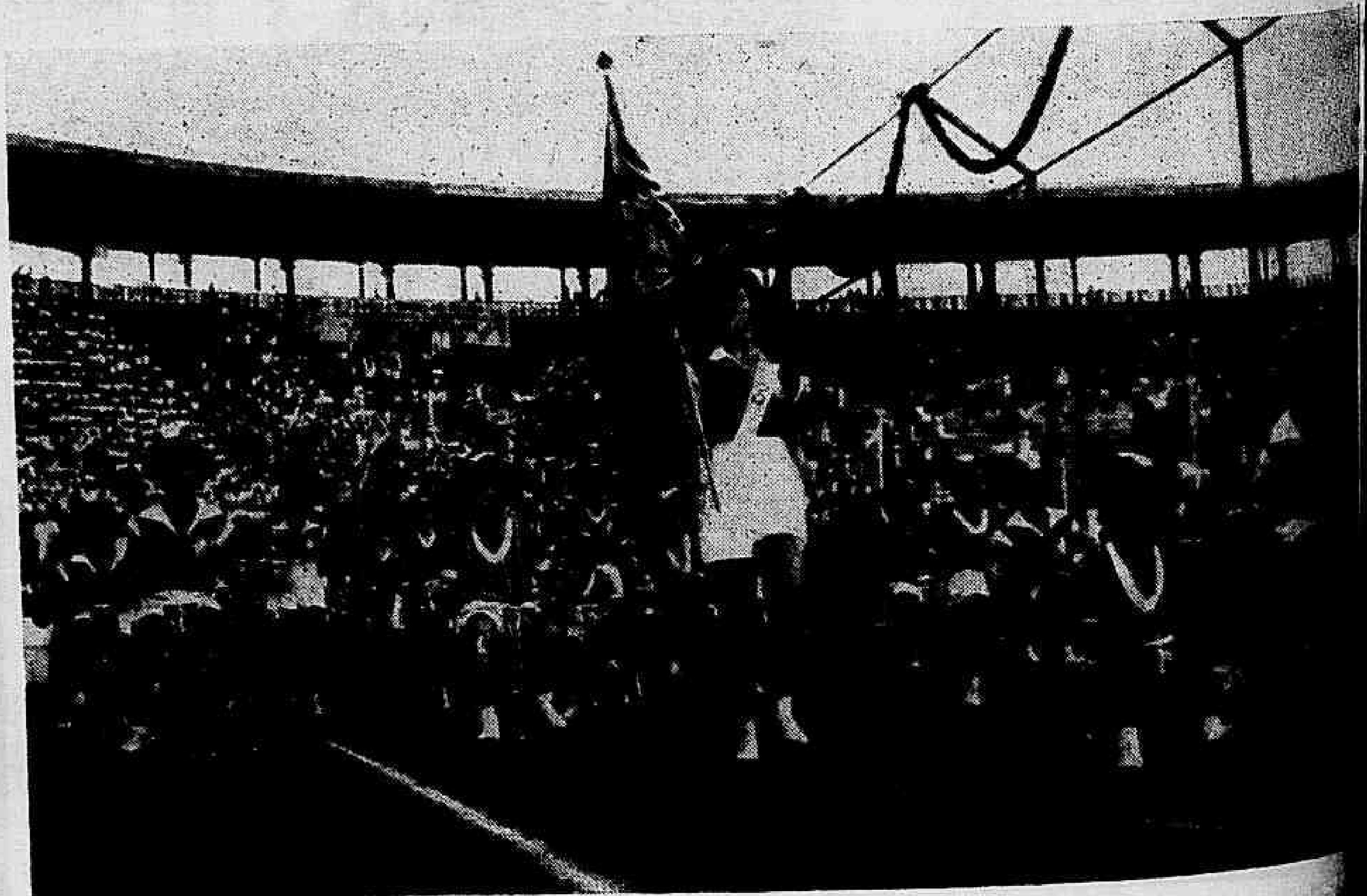








O Clube de Regatas Vasco da Gama exibiu a Cruz de Malta e longos bigodes, além de medalhas, ao seu pequeno representante, que vai acompanhado por uma mimosa pequenina. Um quadro divertido.



Empunhando o estandarte do Fluminense Futebol Clube, uma jovem abre a marcha dos pequeninos clistas, que oferecem um conjunto cheio de graça, de encanto e movimento. Tantos que nem





Bandeiras sôltas ao vento, bandeiras enfunadas, nas mãos de jovens desportistas. Clubes e colégios desfraldaram suas côres no estádio do Vasco.





O pequeno conto •

LICENÇA PARA CRUCIFICAR

Por GEO WILLIAM

HOJE, a história que vou contar, circula em vários lugares como simples anedota. No entanto é verdadeira, salvo os nomes das pessoas que tomo por empréstimo, mesmo para evitar susceptibilidades...



O fato passou-se da seguinte forma, numa cidade mexicana sita quase na fronteira do Rio Grande, próxima à caudalosa via líquida que separa a terra dos aztecas dos Estados Unidos.

Como soe acontecer com muita freqüência, nessas latitudes que sofrem a influência dos ianques surgiu, certa vez, uma seita religiosa sendo que o "santo" era de carne e osso e dizia-se novo Jesus Cristo. E como o suave antecessor, também êle vestia túnica, deixara crescer barba e cabelo e não desprezava beber na ânfora das novas samaritanas...

Milagres do quilate dos cinco pães ou dos peixes, nunca os realizou mesmo porque não havia fauna ictiológica pelas redondezas e o povo da cidadezinha desconhecia o alimento básico, limitando-se à clássica "tortilla" de milho.

Mas em compensação impressionava fortemente seus fidelíssimos sequazes, atordoando-os com as pregações entre os cactus, na falta de oliveiras verdejantes.

E o "santo" quis reeditar tôda a "Paixão, Vida e Morte", terminando por implorar a crucificação. Sòmente crucificado é que poderia verter seu sangue em benefício da humanidade sofredora.

Ficou estabelecido que os seus sequazes levariam avante semelhante propósito. Mandaram confeccionar uma cruz pesadíssima, grande, e duas menores para prováveis "ladrões de gado" que acompanhariam, em semelhante jornada o paranóico...

★

Tudo preparado, escolhido o local e hora, buscou-se uma comissão para se avistar com o delegado da terra. Sim, porque o fanatismo não tinha chegado ao ponto de fazer esquecer, aos piedosos crucificadores, da existência de uma polícia bem mais solícita do que a dos antigos romanos. Assim foi que, incorporada, a comissão foi visitar "el señor "sheriff", o astuto e arguto Don Mariano Vilasnuevas.

O decano dos "crucificadores", velho estancieiro de Poncho Furão, Don Casemiro Latuerta, expôs claramente o desejo ardente, não sòmente do novo Cristo, como também de tôda a comunidade que em tôrno dêle se congregara.

Ouviu-se calmamente o delegado. Estava num dos seus melhores momentos, fumando um "puro" e bebericando deliciosa "tequilla". Quando terminaram a explanação, passando a mão nos fartos bigodes à chinesa, respondeu:

— Nenhuma dúvida eu tenho em permitir que seja crucificado o "vosso" Cristo. Dou plena permissão! Entretanto, devo avisá-lo que, se no prazo de três dias êsse Cristo não ressuscitar, mandarei enforcar todos os senhores sumàriamente!

★

O novo "Cristo" vive ainda hoje e as cruzes, mandadas fabricar, serviram para alimentar os fogões das boas senhoras da localidade...

A Semana

Defendendo o idioma

O Pe. Assis Memória, pelas colunas do "Jornal do Brasil", deu uma penada em favor da defesa do nosso idioma, secundando a idéia que toma vulto entre o professorado de nossos colégios, alarmado com o baixo nível de conhecimentos da língua portuguêsa por parte da mocidade estudiosa e do povo em geral. Na verdade, estamos diante de uma transição idiomática. O português, como tôda língua viva, tem que receber os influxos do falar do povo, com as suas alterações sintáticas, sua contribuição em têrmos de gíria, suas intervenções semânticas de ação imperceptível. O que o sacerdote e jornalista deseja é o que sempre desejaram os nossos filólogos e comentaristas de gramática; entretanto, não há fôrça que possa deter a marcha da barbarização das línguas, quando um povo inteiro está atacado de estrangeirite nutrida de base de língua nacional. Há, como sempre houve e haverá sempre, duas línguas dentro de uma mesma sociedade humana: a culta e a popular. Não se pode impedir a popular, nem é ela quem desmoraliza a nação. Muitas vêzes a culta tem que aderir à outra, sendo absorvida por ela, pelo número e extensão dos usos. Uma coisa que era errada ontem, é hoje tolerada, assim como um fato de linguagem que hoje é condenado, amanhã estará consagrado na Gramática. Evolução, nada mais. Entretanto, nada mais justo e oportuno do que romper a campanha em defesa do nosso idioma. E' salutar e merece aplausos, embora os resultados sejam nulos.



Os peixes da Rodrigo de Freitas

A gente passa ali pela Lagoa Rodrigo de Freitas, acha-a bonita, situada entre as montanhas e o mar, num dos mais sugestivos e pitorescos recantos da cidade do Rio, mas não somos capazes de imaginar quanto peixe gordo e gostoso está ali por baixo do grande lençol d'água. Para suprir a população durante a Semana Santa, as autoridades mandaram barcos pesqueiros até à ilha da Trindade, num esfôrço homérico para trazer peixe à população carioca. Entretanto, segundo dizem os jornais, apenas vieram 38 toneladas de pescado, não compensando tanta canseira. Muita distância para tão pouco peixe... Agora, a surprêsa de todo mundo: dias antes da Semana da Paixão de Cristo, começaram a boiar na lagoa Rodrigo de Freitas, camadas e mais camadas de peixe. Que seria? Alguém colocara veneno nas águas? Alguma epidemia? Suicídio voluntário daquela peixama tôda? Desgostos na família ictiológica? O caso assumiu proporções alarmantes. Dentro de mais algumas horas, ninguém poderia suportar o mau-cheiro. A Prefeitura mobilizou os seus funcionários da Limpeza Urbana e mandou-os limpar a lagoa, enquanto os técnicos faziam pesquisas nos laboratórios. Resultado: a causa da mortandade fôra a carência de oxigênio nas águas em virtude de ter-se obstruído o canal que liga o lago ao mar. Com o calor e a estagnação, os peixes sentiram e morreram. E sabe o leitor quantas toneladas de peixe foram retiradas? Quinhentas! Só a lagoa Rodrigo de Freitas daria para suprir o Rio durante a Semana Santa...



Não matarás!

TODO mundo pensa que a vida do homem está muito bem protegida nos meios grandes e civilizados, pois que essa história de matar gente é coisa lá para os sertões do nordeste. As figuras de Jesuíno Brilhante, de Antônio Silvino, de Lampião e tantos outros cangaceiros, dão a idéia de que o nordeste brasileiro é uma terra em que só impera o trabuco, como nos velhos tempos do "Far West" norte-americano. Entretanto, nada mais falso. As mortes, os homicídios, as violências que se dão entre famílias do nordeste são, via de regra, causadas por questão de honra, ou por falta de justiça. Antônio Silvino caiu nos braços do banditismo porque a Justiça não puniu aquêles que mataram seu pai. A origem do cangaceirismo de Lampião teve a mesma razão. E assim por diante. O sertanejo é uma fera, mas só ataca depois de aperriado. Não se mexendo com ela, é um cordeiro. Se fizermos uma estatística entre os sertões do nordeste e o Distrito Federal com suas adjacências, chegaremos à conclusão de que ali se mata muito menos do que aqui na civilizada capital do Brasil. Todos os dias os jornais trazem notícias de crimes de morte, de tentativas de homicídios praticados até com motivos fúteis, o que bem comprova a perversidade dos seus autores. O preceito bíblico "Não Matarás", como que teve aqui no Rio uma interpretação inversa: "Matarás", e quanto mais, melhor. Mata-se por qualquer motivo, ou sem motivo algum. A cacete, a foice, a bala, a faca, tudo serve. E' uma calamidade, e os cariocas não têm nenhuma garantia de vida.



Em Revista

Rumo ao Maranhão



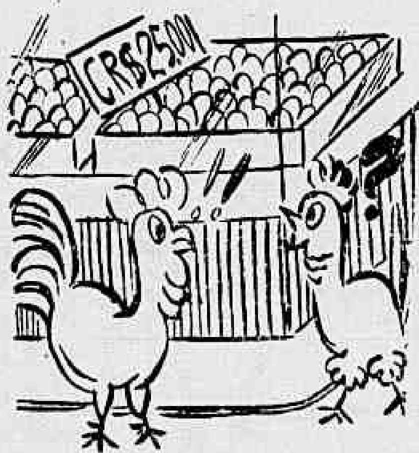
O govêrno maranhense acaba de abrir excelentes perspectivas a quantos queiram tornar-se proprietários rurais e trabalhar com o mais absoluto êxito: ofereceu ao Ministério da Agricultura nada menos de 500 mil hectares de terras férteis no coração dos babaçuais, com estradas de rodagem e próximas aos centros consumidores. Não se pode admitir que milhares e milhares de nordestinos desçam para o sul, despovoando aquelas zonas, enquanto o Maranhão oferece tanta possibilidade de vida e riqueza. E' aquêle Estado um dos mais ricos do Brasil, em valores fixos, estando apenas à espera de que o homem vá povoá-lo e retirar do solo as maiores riquezas necessária à civilização. Todos sabemos que os nordestinos buscam o sul, nem sempre para a vida rural, e sim se vão deixando ficar aqui pelo Rio, atraidos pelas promessas de bons salários nas construções urbanas e noutras obras de vulto. Resultará disso uma crise de proporções gigantescas contra o país, que passa a consumir muito mais do que produz. Não sabemos qual foi a resposta do Ministério da Agricultura ao governador do Maranhão, ou se já está planeando um programa de aproveitamento das terras oferecidas com a fixação de milhares de brasileiros nas matas de babaçu; mas que o gesto do chefe do executivo daquele Estado merece louvores e imediata execução, não se pode negar. No Brasil, tudo dá, e bem; mas, que fazer para que isso suceda?

A fala do Presidente



A oito de abril o Presidente da República falou à Nação pelo microfone da Agência Nacional, na meia hora destinada ao país. O discurso de Sua Excelência não foi longo, nem curto. Equilibrado. A tese sustentada pela maior autoridade da nação é a de que estamos consumindo mais do que produzimos, e isso é ameaça das mais funestas a uma nação pobre e inculta. Que devemos fazer? Produzir mais e consumir menos. Nada de "deficits" alarmantes. O Presidente descreveu a situação com muita serenidade e prometeu que, a partir dêste ano de 1952, o Brasil iria produzir suficientemente para si e para vender aos outros povos. Em todos os setores de nossas atividades produtivas, agricultura, pecuária, indústrias, etc., teríamos o início de uma sinfonia de riquezas em ritmo sempre crescente. As atenções do Chefe do Govêrno brasileiro se voltaram, especialmente, para a agricultura. Praza aos céus que o Presidente Vargas consiga restabelecer a confiança entre os camponeses, cada vez mais desiludidos de seu meio de vida pelos fatôres de morte do ideal agrícola que são, dentre outros: a má compensação de seu trabalho, a falta de transportes para a produção, a ausência de crédito, a nenhuma assistência médica, dentária e pedagógica à família, o que desanima o mais otimista homem do campo. Produzir, produzir, produzir, armazenar e depois ver tudo apodrecer por falta de condução, é episódio que sucede todos os anos por todo o Brasil, mesmo nas regiões privilegiadas do sul.

Ovos suecos



A dúzia de ovos chegou a 20 cruzeiros e foi subindo à proporção que a Semana Santa se aproximava. A Paixão de Cristo servia, antigamente, para grandes demonstrações de meditação cristã. Ninguém blasfemava, ninguém fazia mal a ninguém, não se mentia, não se desejava a mulher do próximo, não se furtava, eram todos os habitantes dêste Brasil uma população de fervorosos crentes nos mistérios da morte do Divino Mestre, tementes a Deus, cumpridores das tradições do cristianismo. Hoje, porém, quem tem recursos vai para gozos mundanos, passeia, diverte-se, joga e bebe como quiser, em cassinos, hotéis de luxo aqui e no estrangeiro; a massa geral da população fica a sofrer as consequências da morte de Jesus, sem ter direito de meditar nos seus mistérios. A mentira é geral, a começar dos peixeiras, dos quitandeiros e de todos os que vendem ao povo; furta-se com a maior facilidade e ninguém pode orar e pedir misericórdia a Cristo. Um mês antes de chegar a Semana da Paixão, o peixe estava mais ou menos acessível e uma dúzia de ovos custava, no muito 16 e 17 cruzeiros. Uma semana antes de 11 de abril (Sexta-feira Santa), só comprava ôvo quem pudesse pinchar de vinte a vinte e cinco cruzeiros! Em fins de março a Agência de navios Johnson Line recebeu de Estocolmo, capital da Suécia, pedido de informação sôbre a possibilidade de armazenagem no cais do Pôrto do Rio, para 375 toneladas de ovos suecos. Não sabemos qual foi a resposta; mas se essa "ovação" tivesse vindo, os quitandeiros não estariam tão "ovantes"...

A PERSONAGEM DA SEMANA



SOB inspiração do Juizo de Menores do Distrito Federal e auspícios da ABAM (Associação Brasileira de Ajuda ao Menor) iniciou-se a 14 de abril a Primeira Semana do Menor Abandonado. A inauguração teve como sede a ABI, reunindo nomes da mais elevada categoria social, ouvindo-se uma conferência do Dezembargador Sabóia Lima sôbre o tema "O Problema do Menor". Outras palestras se seguiram, cada orador analisando a situação do menor abandonado em nosso país. De ordinário, ao falar-se em "menor abandonado", vem ao nosso espírito a idéia do menino indigente, do menor que vive maltrapilho a perambular pelas ruas, a pedir um "tostãozinho para o café", uma "prata para a mamãe doente", e outros recursos que a necessidade ou o abandono sabe inspirar. Não se pode negar que, dia a dia, avulta assustadoramente o número de menores abandonados nas ruas das cidades. Vemos crianças estiradas ao solo nas praças, à beira dos dortais, nos desvãos de ruas por êsses bairros em fora, nos bancos dos jardins e até mesmo nas peças diversionais dos "play-grounds" recentemente inaugurados pela Prefeitura; mas, será apenas para êsses que se instituiu a Semana do Menor Abandonado? Não estará insuficiente o conceito que dêsse nome fazemos ao referir-nos a menores abandonados, ligando-os, por associações de idéias, exclusivamente às crianças pobres? Devemos ampliar mais o sentido dêsse julgamento e incluir também, entre menores abandonados os filhos de gente mais abonada pela sorte. A vida atual, com suas exigências sociais e de produção de dinheiro para a manutenção da família, exige sacrifícios por vêzes lamentáveis. E um dêsses é do abandono do menor pelos pais que se vêem forçados a assim proceder, em face das contingências a que foram arrastados. Há menores abandonados em apartamento de confôrto; há menores abandonados em casas de bons recursos; há menores abandonados fora do casebre dos morros, porque, infelizmente, nem todos os casais que podem, seguem uma linha de conduta no meio familiar, de amparo e proteção aos próprios filhos, permitindo que os mesmos passem a maior parte da vida entre maus elementos, recebendo os piores exemplos, contraindo vícios de tôda espécie, numa época da vida em que a curiosidade e o desejo de "ser homem" ou de "ser mulher", leva os menores desamparados pelo lar, a hábitos, costumes e procedimentos que, mais tarde, se convertem nos mais amargos frutos dêsse abandono no pórtico da vida. A Semana do Menor Abandonado, sob a orientação de tantos elementos de escol da sociedade carioca, muito poderá fazer por tôda essa garotada infeliz, entre ricos e pobres.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERARIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no "Correio da Revista" sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro fôlhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito fôlhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na fôlha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

REVISTA DA SEMANA

CONVOCA
OS FOTÓGRAFOS DO BRASIL E
DO ESTRANGEIRO PARA O SEU

CERTAME FOTOGRÁFICO



20 MIL CRUZEIROS

LEIA

PARTICIPE

TRIUNFE

VEJA REGULAMENTO AO LADO

CERTAME FOTOGRÁFICO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe forem enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: **a)** remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e **b)** remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contém por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: **a)** o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; **b)** as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; **c)** cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora, que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, **em lugar visível, o seguinte: "Pede-se não dobrar".**

RESOLVENDO O MAIOR QUEBRA-CABEÇAS DO MUNDO

Por F. G. PRINCE-WHITE

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

No começo da última grande guerra os imensos e valiosíssimos tesouros da éra medieval do Mosteiro de York foram retirados e escondidos em lugar seguro e secreto, como já tinha sido feito quando da interrupção da primeira grande guerra mundial.

Mas, passada a borrasca e chegado o tempo de recolocar nas janelas do mosteiro as 120 vidraças coloridas, era preciso entregar-se o trabalho delicado a uma pessoa que reunisse tôdas as qualidades de cultura e conhecimento dos painéis, recaindo a escolha no próprio Deão de York, o Revmo. Eric Milner-White, uma das maiores autoridades na matéria em todo o país.

O fato de ter-se entregue a tão competente conhecedor do assunto, a solução dessa embrulhada, capaz de desanimar o espírito de um chinês, já constituiu uma certeza de que tudo se resolva a contento, restaurando-se os vitrais de incalculável valor artístico. Sob a liderança do Deão, iniciou-se, há seis anos passados, excitante pesquisa que poderia ser chamada de "Quest of the Missing Medieval Links", ou seja, a "Pesquisa dos perdidos elos medievais".

Quase tôdas as vidraças das janelas examinadas com atenção e espírito de crítica, pela primeira vez em centenas de anos, apresentaram versões mutiladas de sua composição original.

Por mais de uma vez restauradores cruéis do passado, procurando emendar uma dessas janelas nada mais faziam do que destruir outras, corrigindo as mutilações com incríveis remendos.

Nem mesmo a grandiosa East Window, o maior vitral do mundo, pôde escapar a essa crueldade artística, recebendo remendos com vidraças sem nenhuma significação.

Nesse emaranhado de cacos de vitrais, as emendas eram feitas atabalhoadamente, vendo-se profetas e reis que trocavam coroas por halos luminosos, anjos que perderam suas asas e até de Noé se viam desenhos surpreendentes e até grotescos.

Vestidos que deveriam ter pertencido a alguma princesa, passaram a servir de adorno a árvores. Tudo isto aqui enumerado é apenas ligeira amostra do que há de confusão nesses vitrais, constituindo problema desolador para os que estão decididos a recolocar tudo em seus verdadeiros lugares.

Mas, como tudo tem sua compensação, notáveis acontecimentos vieram na esteira de tanta confusão. Importante descobrimento fêz o Deão em meio dêsse "bric-à-brac" todo, quando deu com os olhos no magnífico painel de 15 cenas datando do século XIV e que se considerava perdido há mais de trezentos anos, depois que os soldados de Cromwell o despedaçaram.

Conforme antigos cronistas, os vitrais foram vendidos então; mas, não se sabe por que misteriosos meios, os Puritanos frustaram os intentos profanadores, reaparecendo sete dêsses painéis na grande janela do Capítulo e outros sete no côro. Nada mais do que uma colossal misturada para dar dor de cabeça aos vindouros.

A grande e perdida janela que, com todos os seus painéis perfeitamente reunidos foi agora restaurada no seu respectivo local, mostra entre outras cenas e imagens, S. Pedro crucificado de cabeça para baixo e S. Cuthbert, S. Lourenço, Sto. Estevão e S. João, martirizados em azeite fervente.

Desculpa-se um pouco de orgulho na bôca do Deão, quando êle nos diz: "O que vemos agora é um novo vitral que os olhos não viram antes. Foi um grande descobrimento. Agora, pela primeira vez em trezentos anos, podemos ver em tôda a sua magnificência a linha de vitrais no Mosteiro na face sul.

Num painel representando o Anjo Gabriel sòmente 4, entre 500 peças de vidro, estavam em sua posição original, quando vieram a ser examinadas. Dias, semanas inteiras foram dispendidos para a busca, a pesquisa de um simples fragmento perdido naquele montão de vidros quebrados, sem uma indicação ou roteiro de sua feitura original por vidraceiros já falecidos há muitos anos.



Recentemente houve uma dificuldade particular que trouxe aparente desânimo na descoberta de fragmentos de uma seção de painéis na Janela do Leste representando a Revelação. Ninguém sabia o que era aquilo, nem poderia sequer conjeturar sôbre o que significasse. Era uma imensa massa de pequeninos fragmentos misturados.

Mas, depois de três dias, disse-nos o Deão, emendados os fragmentos, apareceu daquele quebra-cabeças uma figura que jamais esperaríamos: a cabeça de S. João, o Divino, entrando no Céu *através de um alçapão!*

O Deão, que é o braço direito, o homem de imensa paciência nessas reconstituições para a posteridade, é um cérebro privilegiado, uma pessoa de raro talento e grandes conhecimentos. Oswald Lazenby veio há 26 anos para servir no Mosteiro de York, e durante todo êsse tempo sempre se dedicou a manusear seu vasto tesouro de vidros representando cenas da História Sagrada, cujo valor foi calculado por um antigo Deão de York, o falecido Dr. Foxley Norris, em 73 milhões de libras, há mais de 30 anos passados. Lazenby revelou alguma coisa de visionário nessa devoção dedicada ao seu único ofício.

"Um longo trabalho, diz-me êle em tom afável e familiar, porém meditativo, mas eu amo todos os momentos dêsse trabalho. Há todos os dias, novas excitações, e sinto a imensa satisfação de estar fazendo um trabalho que não é para o presente e sim para as gerações futuras.

Êle, com outro membro da comissão de pesquisa do Deão, o septuagenário Herbert Nowland (com 72 janeiros) que mora em Leeds e vem, todos os dias, de ônibus, fazendo uma viagem de 24 milhas, a York, às 6,30 da manhã, além do jovem Peter Gibson e do aprendiz Ian Addy, trabalha naquela reclusão monástica, a fim de não ser perturbado. E é o Deão que assim quer, pois que tal serviço exige tremenda concentração.

As peças dêsse grande "puzzle" estão espalhadas sôbre uma mesa transparente e iluminada de baixo para cima. Depois que um painel é reconstituido, têm êles que realizar outro incrível trabalho de técnica e paciência, qual seja o de juntar-lhes com mãos de sêda os seus fragmentos e colocá-los convenientemente.

A posteridade se lembrará do trabalho dêsses três artífices do Mosteiro de York: seus nomes estão gravados num fragmento de vidro simples no alto da grande "East Window".

REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO



No quarteirão malaio de Capetown, faces bronzeadas e toucados como se vêem na foto podem ser surpreendidos a qualquer hora do dia e da noite



Na antiga Prefeitura da cidade (foto acima), hoje funciona a soberba Galeria Michaelis, reunindo uma riqueza em pinturas, louças e prataria antiga

1-Chegada a Capetown

Por MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

CONHECER a África é o sonho de muita gente. O meu vinha de longe; do meu tempo de menino, quando a guerra dos Boers ainda era a cada passo lembrada. O apêgo daquela gente à terra sul-africana enchia a nossa imaginação. Pretória, Bloemfontein, Ladysmith e Mafeking nos eram familiares, e a nossa simpatia pelo presidente Paulo Krüger e pelos seus valentes companheiros de luta era a maior.

Depois, o tempo passou e vieram as duas grandes guerras. Com isso tivemos a atuação de Winston Churchill. Mais tarde, as suas memórias e biografias. As impressões de menino se reavivaram. Churchill estivera na guerra dos Boers, como repórter. Mocinho ainda, mas já brilhante e destemido. Um dos capítulos mais emocionantes do seu livro de memórias é aquêle em que nos conta a sua prisão em Eastcourt e depois a sua fuga para Lourenço Marques.

Em Pretória, hoje a linda cidade dos jacarandás, visitamos a casa em que estêve prêso e da qual fugiu, quase por milagre.

Viajar não é novidade para nós. Completamos, Anna Amélia e eu, com esta nossa última volta, quarenta países, províncias e domínios territoriais visitados na Europa, Ásia, África e América; usando, para isso, navio, avião, estrada de ferro, automóvel e ainda de quebra o Graf-Zepellin, do Rio até a Alemanha, em 1935.

Poucos são os bons museus do mundo que os nossos olhos não viram. Já estivemos no alto da Tôrre Eifel, em Paris, e dentro da Fordlândia. No alto da pirâmide de Cheops, do Egito, e em noite enluarada, na Acrópole, de Atenas. Estivemos, no Vale dos Reis, da velha Thebas dos confins do Egito, dentro dos túmulos dos faraós Seti I. Rhamsés II, no da rainha Nefertari, sua espôsa, e no de Tut-onkh-aman, e agora, nesta viagem, dentro do mais lindo templo de caça, pré-histórico, que se conhece: na gruta de Lascaux, descoberta por acaso, na Dordogne, França, porquatro meninos, em 1941. Gruta cheia de animais pintados por homens que viveram de 15 a 25 mil anos atrás.

Viajar cada um faz a seu jeito. Eu sempre me lembro da aflição que sentimos em um rapaz, nosso conhecido, quando falávamos sôbre tudo que havíamos visto de precioso e interessante, onde êle estivera antes, só freqüentando cabarés e restaurantes elegantes. Ora, meu Deus, eu não vi isso. Que horror, que felice a minha! Como eu era errado! Mas a verdade, pela nossa observação, é que, em geral, as coisas assim se passam com a maioria dos viajantes.

Viajar é sugar as cidades e analisar os trajetos antes, durante e depois de feitos. E' renunciar aos nossos hábitos caseiros e muitas vêzes ao relativo confôrto a que estamos habituados.

Resolvemos ir à África. Entramos na fila das passagens. Na véspera da partida informaram-nos de que a nossa cabine fôra tomada pela agência matriz da companhia, em Buenos Aires. O remédio era irmos de avião até Dakar e daí descer para Angola e depois para África do Sul, caso quiséssemos insistir no passeio. Mas, como o nosso desejo era ir direto a Capetown, resolvemos fazer uma visita pessoal ao comandante do nosso ex-futuro barco

para ver se arranjávamos ainda lugar no único navio que nos poria em África, durante o inverno.

Quando chegamos a bordo, fomos recebidos com efusão, como se já estivéssemos sendo esperados. Logo depois apareceu-nos o comandante com uma cara holandesa muito espantada, e a seguir veio o nosso introdutor diplomático armado de uma bandeja com chá, biscoitos e outras coisas gostosas. A visita esperada era outra, mas o comandante foi ultra-cavalheiro. Fizemos notar o engano que sentíamos da parte de seu criado malaio, mas não perdemos tempo e pegamos na conversa.

Lugar para nós não havia a bordo. Tôdas as cabines estavam efetivamente tomadas. Choramos as nossas mágoas. O homem começou a dar demonstrações visíveis de interêsse pela nossa causa. Bem, eu tenho uma cabine fechada, vou mostrá-la, mas os senhores não vão querê-la. Puro engano. Conversamos mais. Só poderíamos ir como contratados. Aceitamos a condição sem discutir. Corremos para casa, arrumamos as malas e no dia seguinte estávamos na Embaixada da Holanda assinando contrato de trabalho. Houve alguém que amàvelmente estabeleceu a nossa condição de viajantes: Taifeiros de luxo! Não éramos bem isso, mas coisa parecida, pois, apesar de contratados, Anna Amélia ocupou sempre na mesa o lugar à direita do comandante e eu o da cabeceira da mesma.

Partimos do Rio, em julho, e passamos no Recife, onde compramos ótimas pinhas, que foram sendo comidas até Capetown. Ao todo, treze dias de viagem. Quando avistamos terra, o nevoeiro ainda não nos permitia ver a famosa "Table Mountain", que emoldura ao fundo a parte central da cidade. Um cabo aéreo como o do Pão de Açúcar levou-nos até ao altò da grande mesa, a mais de mil metros de altitude. O panorama lá de cima só podia ser lindo.

Na cidade, que lembra às vêzes o nosso Rio, há uma infinidade de coisas magníficas. Primeiro, respira-se riqueza e progresso. As lojas e grandes armazéns de moda, têm de um tudo. As últimas novidades de Londres e Nova York lá estão por preços convidativos. As tentações começam desde logo. Êsse é o mal e o bem das viagens. Quem quiser só viajar, pode ficar conhecendo o mundo, gastando quase o que comumente gasta em bom padrão de vida aqui. As compras é que atrapalham. Quando há antiguidades, nem falemos. Depois vêm os livros, as gravuras, a roupa, as lembranças de viagem e com isso, sendo possível, lá se vão os bons propósitos de parcimônia nos gastos. Há ainda as preciosas publicações especializadas de cada museu visitado, os cartões postais, e as despesas com a documentação fotográfica da viagem.

Em Capetown, as flores são preciosas pela multiplicidade de côres que apresentam, liderando o grupo, em beleza, as Protéas, que só lá, suponho, se encontram.

Terminada a visita aos principais pontos da cidade, aos seus magníficos museus, à Universidade e ao Livingstone Memorial, fomos de automóvel fazer um passeio de oito horas em volta da península que fica mais para o sul, na ponta da qual está o famoso cabo da Boa-Esperança, primeiro grande objetivo que tínhamos em vista.

E' lógico que quando se chega a um lugar como êste, tudo quanto lhe diz respeito começa a provocar em nós sentimentos evocativos. Olha-se para aquilo e todo o cortejo de heróis conhecidos e desconhecidos começa a passar, obrigando-nos a pensar no sacrifício que fizeram e nas emoções que sentiram para, mais tarde, com a sua glória, encher de orgulho as nossas tradições.

Nunca nos sentimos tão perto de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, como no momento em que bem da ponta da península, onde existe o velho farol, víamos à esquerda, logo em baixo, o cabo da Boa-Esperança; um pouco adiante e em frente, o monte Vasco da Gama, e mais além, à esquerda, banhado pelo Atlântico, o pequeno promontório onde se encontra a réplica do padrão ali plantado em nome da coroa portuguêsa, por Bartolomeu Dias, em 1486, quando descobriu, por mar, o caminho das Índias.

Nos museus visitados, vimos alguns dos padrões fincados pelos portuguêses ao longo da costa sul-africana. Encontramo-los sempre muito bem reconstituídos, magníficos na sua simplicidade e como que ali postos, com o firme propósito de assim homenagearem as figuras e os feitos dêsses grandes heróis do passado.

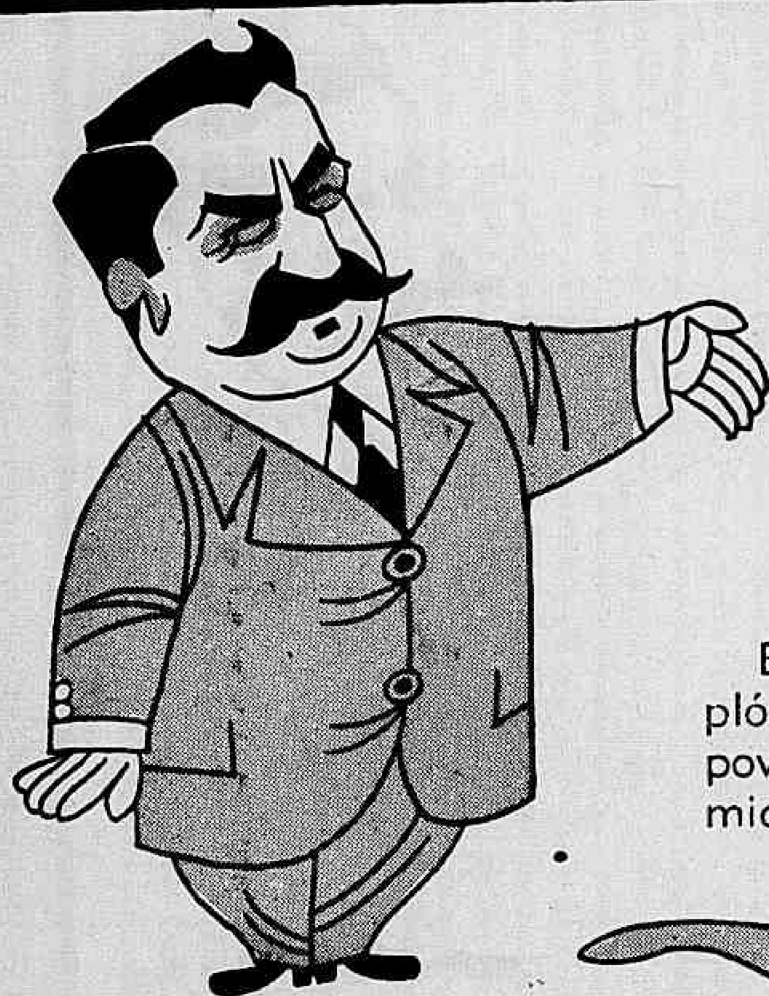
A SEGUIR:

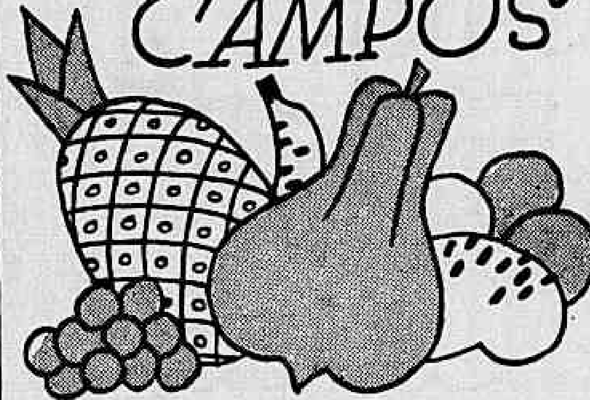
KIMBERLEY, JOHANESBURGO, PRETÓRIA E KRUGER-PARK

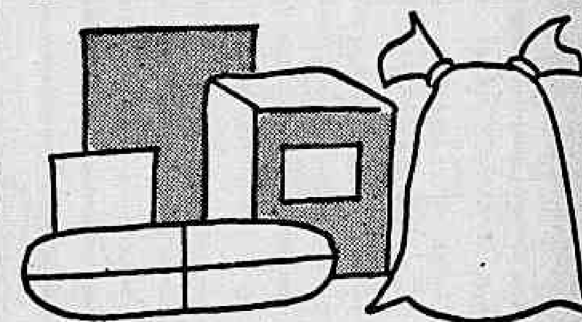


A "Table Mountain", cujo vasto altiplano se atinge por um cabo aéreo como o do Pão de Açúcar. A foto acima foi tomada do Mont Nelson Hotel, um dos melhores da cidade.

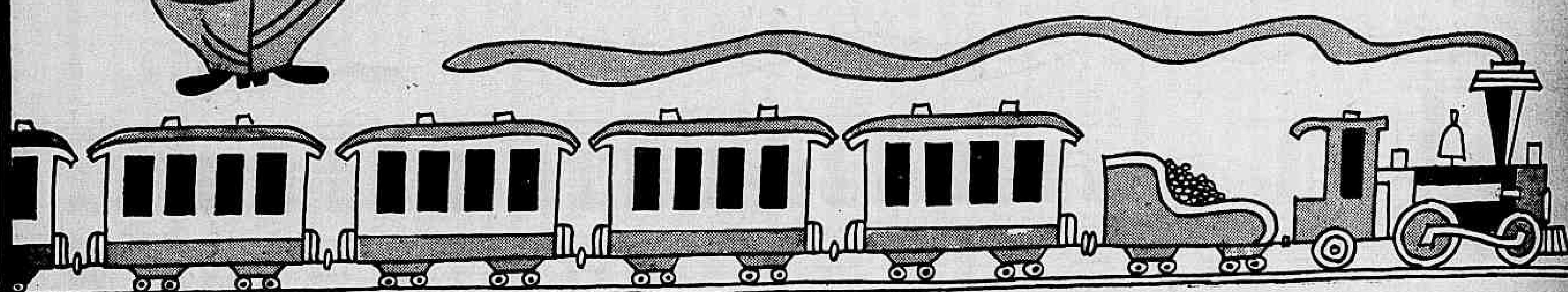
RUMO AO CAMPO

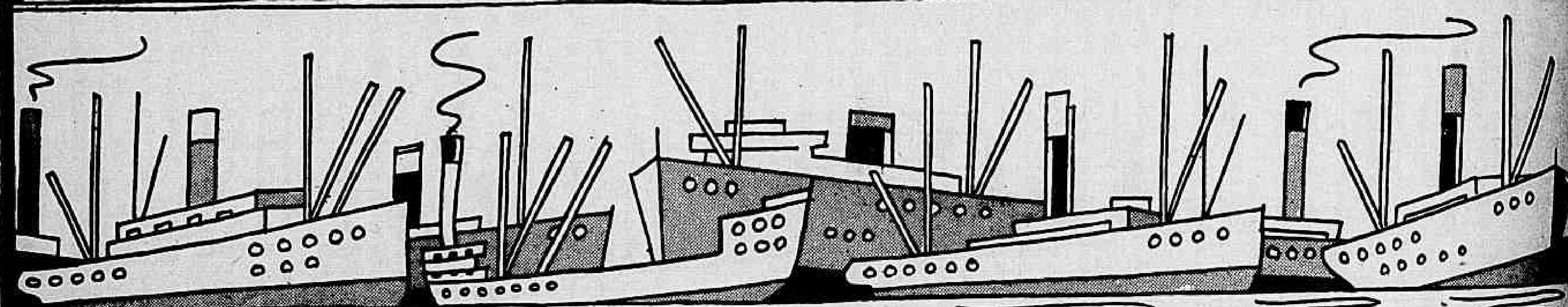






Em 1914, quando rebentou a guerra européia, um mineiro simplório, previu a crise consequente da hecatombe e apelou para o povo com os famosos "slogans" "Rumo aos Campos" e "Economia nos Gastos". . .







Em 1939, a despeito da experiência anterior, nada se fêz.

Agora, treze anos depois da tragédia, com as ferrovias estropiadas e os portos deficientes, apelam para o Jeca que tem visto, anos a fio, suas colheitas apodrecerem por falta de transportes.

Vamos esperar o milagre..

O FAR-WEST EM PARIS

UM "SALOON" DO TEXAS A DOIS PASSOS DOS CAMPOS - ELÍSIOS, NO CENTRO DE PARIS

★

BING CROSBY INAUGUROU A "COQUELUCHE" DE PARIS, NUMA NOITE ATÉ HOJE LEMBRADA

★

SENSAÇÃO: A MULATA FORTUNIA NO "LOUISIANA STRIPTEASE"

Júlia Rouge, que se vê na foto acima, fazendo um brinde à figura representada no cartaz (Georgia Rouge), é a «vedette» do «Crazy Horse Saloon». O brinde explica-se: a mulher que aparece no cartaz era avó de Júlia e cantora, no Texas, por volta de 1880



A orquestra se compõe de três instrumentistas (a foto à direita) e de um piano mecânico que está por trás. Ela é bamba nos compassos da «Square Dance»

O "FAR-WEST" EM PARIS



As paredes do «Crazy Horse Saloon» estão cobertas de autênticos cartazes da polícia americana, que oferecem prêmios pela captura de criminosos. A pistola empunhada por Júlia Rouge é de verdade, mas de 1880

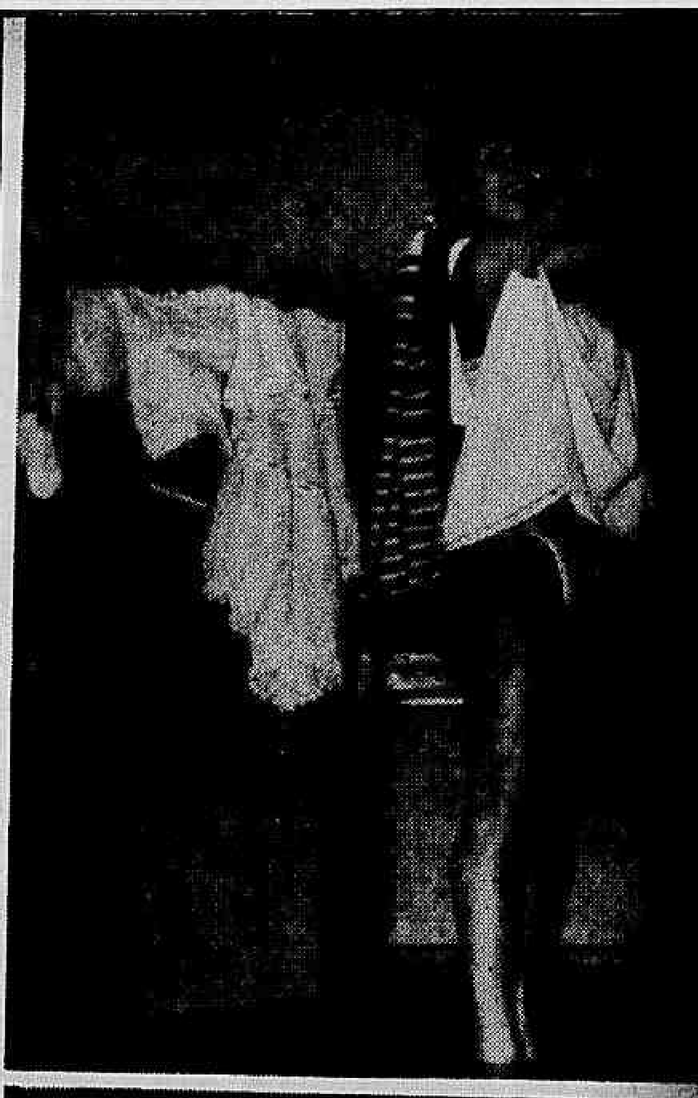


No palco, a mesma Júlia Rouge usa também a sua pistola de 1880, quando canta canções de «cow-boy»



O ponto alto do espetáculo é dado pela atriz Fortunia, mulata de bela [illegible] que se despe diante do público. Mas quando o número é anunciado e [illegible] aguardam a entrada de Fortunia no palco, eis o que surge, como número [illegible] de intervalo: um banhista de 1900! Mas Fortunia não tarda. Na página [illegible] com a supressão de certas seqüências, o seu número









O "FAR-WEST" EM PARIS





PARIS tem hoje a sua novidade, certamente introduzida pelas condições que sobrevieram à libertação do país por tropas norte-americanas. E talvez não baste dizer novidade: é preciso dizer coqueluche. A coqueluche dos que procuram diversões noturnas na cidade é hoje constituida pelo "Crazy Horse Saloon" (Taberna do Cavalo Doido), que é uma perfeita imitação dos célebres "saloons" que existiram no Texas (EE.UU.) pelas alturas de 1.900. O "Crazy Horse" está situado na Avenida Jorge V, a dois passos dos Campos Elisios.

Os músicos usam grandes chapéus à "cow-boy", os garçons vestem vistosas camisas de coreiro, botas e esporas, acompanhadas de um largo cinturão de couro com botões de metal. Tudo isso empresta côr local ao ambiente. A cena bem podia ser do Texas de 1880, com seus aventureiros de ouro e mulheres perigosas. Ali se aplaude tôdas as noites a "vedette" Julia Rouge, cuja avó foi cantora numa taberna do Texas daquele tempo e gosou seu minuto de celebridade. A arte passou a Julia no sangue.

Um dos números mais apreciados no "saloon" de Paris, por homens como por mulheres, que buscam o seu sabor picante, é o "Louisiana sstrip-tease", que apresenta a soberba mulata Fortunia, uma das famosas do "Folies Bergéres", despindo diante do público um sem número de peças do vestuário com que entra em cena. Até a última.

Mas a atração mais original é certamente a "square dance" (quadrilha norte-americana de 1900), na qual tomam parte, em sala especialmente arrumada para êsse fim, os atores e o público. Os quatro pares de dansarinos obedecem, na sua execução, ás instruções que lhes grita um marcador de passo, chamado "caller". O "Crazy Horse Saloon" foi inaugurado por Bing Crosby, numa noite em que o folguedo se prolongou até as primeiras horas da manhã e é até hoje recordada em Paris. (Fotos Keystone).

No fim do espetáculo, atores e público tomam parte, confundidos num só grupo, numa agitada «square dance». E é uma folia desenfreada por algum tempo

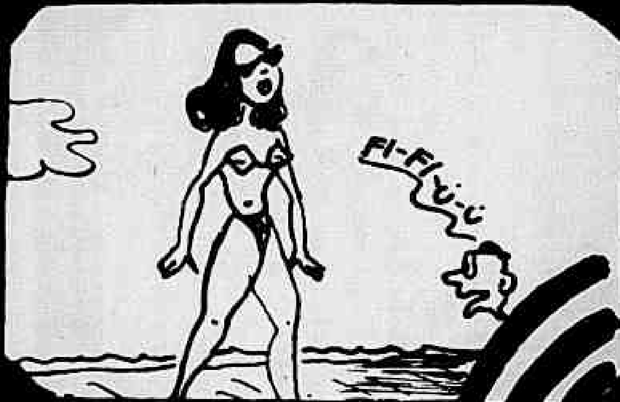
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

MANUAL PRÁTICO DO EXIBICIONÍSTA



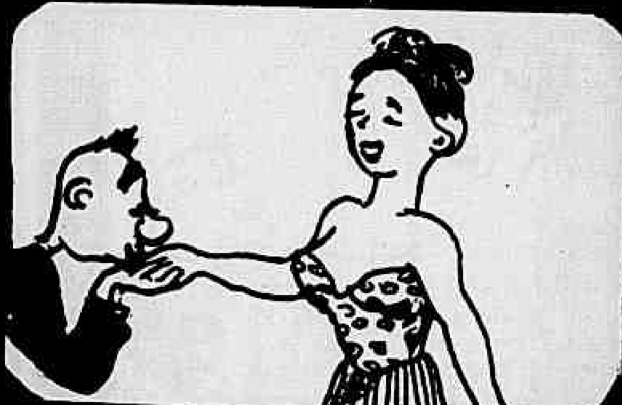
Exibicionismo é uma arte. E como arte, só terá sucesso manipulada por artistas.



Êste exibicionismo, por exemplo, não é exibicionismo, mas... moda de Paris...



E neste caso, a moda de Paris é chamada de exibicionismo, MESMO!



Naturalmente que, para se exibir alguma coisa com o devido sucesso...



...é preciso ter o que exibir para não passar como exibicionista...



Na arte de exibir, deve-se escolher a parte capaz de causar grandes efeitos...



...sem necessidade de se entrar em detalhes de somenos importância...



...do mesmo modo que uma jovem deve exibir-se dentro das regras da modéstia...



...sem ofender a verdade dos fatos mais íntimos.



Não! Não exiba o seu prestígio de uma maneira assim tão antipática.



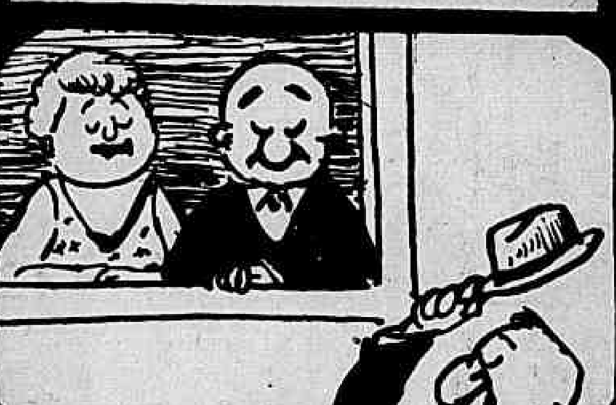
Assim, todos tomarão conhecimento pois, nesta hora ninguém é surdo nem burro...



Que a senhora exiba as suas jóias de causar inveja, está bem...



...Mas não exiba em público os pulos que seu marido deu para obtê-las...



Lembre-se. O exibicionismo é uma arte sorridente, como no teatro.



...em que o público só vê a cena de frente...

Semana Literária

EDMUNDO LYS

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

"A invenção do microscópio por Hans e Zacarias Jansen permitiu que fôsse onhecida a célula, o que se deu na segunda metade do século XVII por um ísico e naturalista inglês, Robert Hooke, que examinando, ao microscópio ue aperfeiçoara, um pedaço de cortiça, verificou ser o mesmo formado por equenos compartimentos comparáveis aos de um favo de mel, dando-lhes o ome de *little boxes or cells.*" (Pág. 12 da extraordinária "Anatomia e Fiiologia Humanas", de Paulo Décourt, Edições Melhoramentos, 1952).

★ "Orville A. Derby, 1851-1951, alguns aspectos da sua obra" é formoso ivro da Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional da Proução Mineral do Ministério da Agricultura, Rio. 1951. Justa homenagem a uem chegou até a naturalizar-se brasileiro e conosco trabalhou infatigávelnente. Walter da Silva Curvelo escreveu, pág. 80 do mencionado volume: "O maior e mais famoso dos meteoritos brasileiros, o Bendegó, mereceu de Derby um trabalho detalhado, dentro dos moldes da época, no qual uma escrição exaustiva fotografa analiticamente a composição e estrutura da rande massa de 5.360 quilogramas. Foi êste o seu maior trabalho de pesuisa sôbre meteoritos. E' êste o trabalho que o proclama taxativamente Pioneiro da Meteorítica no Brasil".

★ "Para asseguirar pleno assentimento substitui-se muitas vêzes POIS NÃO POIS SIM. O paradoxo explica-se. A frase é o resto duma dessas interroações de espanto de que nos costumamos servir para desfazer qualquer ombra de dúvida que possa haver no espírito de pessoa que pretende alguma oisa de nós: POIS (eu) NÃO acederia a teu desejo? POIS NÃO (estou pronto fazer-te a vontade?) Aceitas o convite? POIS NÃO (havia de aceitar?)" (Pág. 61 de "Meios de expressão e Alterações Semânticas", M. Said Ali, Rio, 1951, 2ª, Organização Simões).

★ "Chama-se *biscato* o bocado de alimento que as aves preparam para dar os filhotes. São aves de biscato os pássaros em geral, os beija-flores, tuanos, papagaios, picapaus, pombas, gaviões e corujas. Ao contrário, as alinhas e outras aves semelhantes, como os jacus, mutuns, inambus e ambém os filhotes do avestruz, dos pernaltas e das aves aquáticas em eral, saem do ôvo muito espertos e logo nos primeiros dias já aprendem a atar seu alimento. As aves aquáticas nascem tão espertas que, logo no rimeiro dia, os filhotes já sabem nadar". (Pág. 49 de "No campo e na loresta", de Rodolfo von Ihering, Livraria Zenith, S. Paulo, 1927).

★ São admiráveis os versos de Vámosi! "Respira-se nêles um ambiente aturado de névoa e mito, o que não é de admirar num poeta poderosamente mbebido de sugestões nórdicas, tão comuns nos simbolistas franceses, flamengos e belgas" (Pág. 54, "Estudos sôbre Alceu Vámosi", de Antônio Carlos Mathado, Rio, 1943).

BOTA DE SÉTE LEGUAS

EM "Bota de Sete Léguas", que a Editôra A Noite acaba de lançar, conta José Lins do Rêgo as suas impressões de viagem, trazendo para o leitor importantes depoimentos sôbre a França, Portugal, Suécia, Dinamarca e outros países.



José Lins do Rego

Trata-se de um livro verdadeiramente modelar no seu gênero. O leitor perceberá, através dêle, uma finura e uma penetração excepcionais. Dir-se-ia que, pelas páginas de "Bota de Sete Léguas", passa o sôpro de um espírito inquieto e que experimenta, como poucos, o chamado sentimento do mundo.

"Bota de Sete Léguas" é obra da personalidade literária e humana de José Lins do Rêgo, uma vez que nêle figuram, sôbre cidades, sêres, paisagens e obras de arte, impressões que testemunham a presença de uma complexa e rica organização de criador, com magnífica capacidade de penetração.

Para completar êste volume, que assinala o cinquentenário do famoso romancista, José Lins do Rêgo incluiu nêle as suas "Nordestinas", visões dramáticas do nordeste brasileiro assolado pela sêca.

"Bota de Sete Léguas" será sem dúvida um dos mais significativos acontecimentos editoriais e artísticos do Brasil, pois alia à sua importância intrínseca o nome de um dos mais lidos e admirados escritores brasileiros.



Celso Teixeira Brant

ÁLBUM DE FAMÍLIA

CELSO TEIXEIRA BRANT é um dos jovens escritores mineiros de maior projeção em sua geração. Nascido em Diamantina, a 16 de dezembro de 1920, muito jovem se revelou como legítima vocação de escritor, servido por uma curiosidade extraordinária em vários campos da cultura e o gôsto dos estudos sérios. E' êle sem dúvida, apesar do que dizem seus inimigos e das críticas que lhe movem os "novíssimos", uma organização intelectual que honra as letras mineiras, onde sua contribuição tem sido das mais expressivas, principalmente por sua polimorfa capacidade de trabalho e sua combatividade sem ressentimentos e sem amarguras. Vitorioso, êsse jovem mineiro que prefere mergulhar nos arquivos e nas bibliotecas, quando outros vão aos cafés reformar a literatura "de fond en comble", naturalmente teria que ser combatido: nunca foi poupado. Entretanto, vai construindo sua obra, quer como crítico (de letras, de música e de artes plásticas) quer como escritor de programas de rádio, diretor de "Acaiaca" (revista cultural de Belo Horizonte), quer como publicista, colaborando ativamente em jornais e revistas e editando livros de incontestável merecimento, como "Fatôres genéticos da Literatura", "A poesia Ameríndia", "Baladas do Outono", "Farrapos de Glória" e outros.

O Morto

Canto de galo branco
Flexando a noite alta
Com amplitude apocalíptica,
Liberdade incontida
No coração do morto.
Face de mulher amada
Transfigurada.
Sombras inquietas
Em cristalino lago,
Ternura grande.
Vela acesa,
Sol que não vê,
Pássaro de fogo
Sem madrugada,
Tristeza doendo.
Sôpro de vento
Beijando-lhe a face,
Névoa fria
Envolvendo-lhe o corpo,
Gôsto de terra
No coração do morto.



RECEBEMOS:

"O verdadeiro e único Casimiro de Abreu", de José Nunes da Cunha, onde o autor defende o poeta das "Primaveras" das acusações contidas no livro de Nilo Bruzzi.



"In-Memorian", dedicado ao capitão Segismundo Pinto Martins, o ilustre campista a que sua terra acaba de homenagear, pelos enormes serviços que ali prestou, dando seu nome a uma das ruas da cidade



"Acaiaca" — número de janeiro dessa revista de cultura de Belo Horizonte.



"Estudos sôbre um surto coletivo de Desnutrição" — edição SAPS — da autoria de Lindomar Bastos da Silva, Manuel Traverso, Hélio de Paula Fonseca e Dorival Veloso Salgado.



Duas separatas de João Dornas Filho — "Idéias e práticas sôbre o parto e a criança em Minas Gerais" e "Motins célebres em Minas" — dois estudos que confirmam os méritos do infatigável pesquisador da história mineira. E, também, do mesmo autor, "Efemérides itaunenses", volume da Coleção Vila-Rica, das Edições João Calazans.



"Madalena e Salomé" — Coleção Dionysos do Serviço Nacional de Teatro — peça em três atos da consagrada autora Maria Wanderley Meneses.

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA:

"TEMPO INCONCLUSO"

"TEMPO Inconcluso" é o livro de estréia de um dos poetas mais credenciados entre os novíssimos, Geraldo Pinto Rodrigues, já conhecido pelos seus poemas publicados em jornais e revistas. Conhecido e estimado, tanto é certo que êle traz uma voz nova ao concêrto da jovem poesia, isso com possuir pleno domínio da forma e personalidade marcada. Autêntico poeta, em um tempo em que muitos se debatem desarvorados em supostas vocações, Geraldo Pinto Rodrigues aparece lastreado de certezas, com uma extrema facilidade na descoberta do ritmo, na invenção lírica, na criação artística em que vaza seus temas, reduzindo-os a poemas de extraordinária fôrça, com endereço certo à nossa emoção.

Preocupado com êsse — como poderemos chamar — novo "mal do século", ou do meio século, se preferem, o poeta de "Tempo Inconcluso" também é um torturado da metafísica e um grilheta da efemeridade. O próprio título do livro coloca-o nesse denominador comum de sua geração — a temporalidade arrasante a que a poesia mal serve de consolação, pois êsse abismo não oferece qualquer possibilidade de evasão. Assim, buscando êsse triste consôlo, embora os poetas de hoje queiramenfrentar o seu fantasma obsessionante e se entregam, senão de mãos amarradas, pelo menos indefesos, voluptuosamente desarmados, a êsse monstro devorador que é a vida breve e ao seu dragão tempo. Entretanto, o que vemos neste lírico de tão pronunciada sensualidade, é que êle não se deixa vencer totalmente, não cai na elegia desamparada e mortuária, não se seduz pelas tonalidades rilkianas, tão habituais na poesia atual. Suas reações, embora inoperantes, românticamente inoperantes, oferecem-lhe porém momentos de grande beleza, de verdadeira realização. Fugindo ao sentimental — êsse patinho feio da novíssima poesia — ainda assim, ou talvez por isso, consegue muitos instantes de pura e doce emoção lírica. Também seu vocabulário é muito expressivo e sente-se que êle, nesse particular, busca sempre a palavra e a expressão justas. Sua arte tem uma estrutura limpa, contornos puros, linhas e severidade. Não é um sanfichista do verso, nem um inimigo do ritmo, embora seus versos sejam muito mais plásticos do que musicais. Querdizer que é um poeta zeloso de sua arte, buscando, para as idéias poéticas, decantadas em seguro espírito crítico, a forma justa, o verso único, o verso conveniente.

"Tempo Inconcluso" nos parece, por tudo isso, uma das mais fortes e representativas obras poéticas dêste princípio de ano.

Edmundo Lys

AUDIÇÃO DE VERSOS DO POETA GABRIEL DE LUCENA

O Departamento Artístico da A. C. F. fêz realizar a 15 dêste mês, em cumprimento do seu programa de divulgação de poetas e compositores brasileiros, um recital de poesias de Gabriel de Lucena, o poeta paraibano tão fartamente elogiado pela crítica e de tanto prestígio na sua geração, como um de nossos mais expressivos líricos. Os poemas foram declamados por Finoca Xavier, uma de nossas mais credenciadas artistas de dizer.

"A OCEANIDADE NA POESIA PORTUGUÊSA"

A escritora portuguêsa, sra. Natália Correia, que aqui chegou à bordo do "Vera Cruz", pronunciou, na Casa do Estudante do Brasil, uma conferência sob o título: "A oceanidade na poesia portuguêsa". Natália Correia, escritora, jornalista e poetisa, é um elemento distinto da literatura portuguêsa contemporânea. Sua presença revela-nos uma mulher invulgar, uma escritora genuína, franca, objetiva e uma sensibilidade exarcebada, que não defende a sua qualidade de intelectual, com os preconceitos da sua condição feminina.

A BANANA QUE GOSTAVA DE MACACO — Um delicioso livro infantil êste que nos dá Mário Cordeiro. Escrito com senso de humor — a começar pelo título — a história se desenvolve em um mundo encantador, misto de realidade e de fábula, contagiando desde logo o leitor por seu brilho narrativo e por sua imaginosa fabulação. "A Banana que gostava de macaco" é um original e bem feito livro para crianças, divertindo também os adultos, na boa tradição dos livros infantis. (Edição S.A.C.I.).

A CASA QUEIMADA — Por gentileza da Livraria Antunes, recebemos êste romance de Antônio Cruz, "A Casa Queimada" (Editorial Domingos Barreira, Pôrto). Trata-se de um romance da vida rural portuguêsa, com uma história bem vivida, personagens bem observados, muito pitoresco e o colorido a que já nos acostumou o romance agreste de Portugal. Escrito em linguagem escorreita, em forma trabalhada e agradável estilo de contar, "A Casa Queimada" é um livro que se lê com simpatia e deleite.

FLORES SEM FRUTO — Romance social? Livro de escândalo? Simples romance, algo pretensioso, por isso que tentando moralismo e buscando resolver ou, pelo menos, apresentar um problema contemporâneo dos mais escabrosos. E' claro que o romance de A. Vieira Novo (recebido por gentileza da Livraria Antunes), "Árvores sem Fruto", é um livro que se destina ao grande público, como se costuma dizer e que possui algumas boas qualidades, capazes de fazer menos acentuados os seus defeitos. Desenvolvendo-se com alguma insegurança técnica, um tanto longo e difuso, através de suas seiscentas e tantas páginas, o drama de seus personagens se passa mais ou menos ao gôsto dos dramas das novelas de rádio, com os exageros do gênero. Entretanto, nota-se no copioso volume certa humanidade, certa simpatia solidária com os destinos infelizes e isso é o melhor que nos dá o autor.

HISTÓRIA DO BRASIL — Contendo integralmente a matéria exigida pelas novas determinações do programa oficial, a "História do Brasil", para a 1ª série do curso ginasial, de R. Haddock Lôbo, surge em bonito volume ilustrado das Edições Melhoramentos. Os assuntos são focalizados de maneira clara, exata e atraente. Mapas gravuras e gráficos enriquecem o livro, assinalando o alto senso didático do autor, mestre em obras que entusiasmam os alunos e auxiliam os professôres.

ESCRITA BRASILEIRA — Cinco cadernos formam a "Escrita Brasileira", com exercícios inteligentemente graduados, para a "aprendizagem funcional" da escrita na escola primária. De autoria da professôra Orminda I. Marques, esta obra, de caligrafia racional e simples, é apresentada, em ótima execução gráfica, pelas Edições Melhoramentos.

A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara da Tôrre», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Na noite do Natal novamente foi convidado, mas não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, com a gatinha Pittiwitz ao colo, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava preocupada com a ausência de seu irmão, Barry, quando êste chegou, e Mary desceu para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora, sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá de cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontrou a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo, ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banho, e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso Gordon, que reconhece em Roger Poole um antigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangélica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz, através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger Poole para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry vem à baila e ela discute o assunto com seu cunhado Gordon, o qual não parece aprovar os amores do rapaz com Leila. Por sua vez Mary percebe que Gordon não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com ela. A jovem, se bem que não esteja apaixonada como o inquilino, parecia querer ajudá-lo a sair daquele isolamento. Roger, que se ausentara, escreve a Mary, terminando a carta por comunicar que descobrira, numa família de camponeses, um menino de grande vivacidade, embora analfabeto, e que iria ser instruído por êle. Em casa de Mary a situação se inclinava para separar Barry de Leila. Gordon propusera levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo, até que o jovem faça a confissão ao general, seu sogro. Barry está arrependido do passo que dera e procurava agora conseguir que sua espôsa permitisse que êle fôsse embora com Gordon, mas guardando segrêdo de seu casamento. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Nesse ínterim, Constance dá à luz uma menina e estão todos da família e demais pessoas íntimas reunidos no castelo de Mary para o batizado. Naquele dia Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. A revelação de Mary, ao jantar, diante de todos da família e pessoas de intimidade, causou estupefação. Tia Frances e Porter Bigelow foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Na noite do batizado da filha de Constance, Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes do embarque de Gordon e família, levando para a Europa o pobre Barry, deixando a infeliz Leila em doloroso estado de nervos. À carta de Mary, Roger Poole respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Mary resistiu, mas, afinal, aceitou, levando também tia Isabelle. Porter deu várias voltas até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos.

— Não, positivamente não. Não posso dizer que isso me agrade muito; mas umas férias me dão a mesma impressão maravilhosa como a que tive ao abrir o envelope contendo o montante do meu primeiro ordenado!

— As mulheres são umas loucas — intervém Porter — pois se desviam das coisas femininas para se transformar em máquinas.

Delilah toma o partido de Mary e pergunta:

— Será que Mary volta as costas às coisas femininas mais do que eu? Estou na iminência de conseguir meu "negócio", com a conquista da sociedade. Mary se consagra simplesmente a um pequeno emprêgo sem ter idéias de meter os peitos nos meios do Comité Bleu.

Colin começou a rir.

— Eu desejaria que você adaptasse seu espírito a século XX à harmonia com os seus trajes da época da rainha Vitória, e ajustasse a sua linguagem — diz êle procurando corrigi-la do hábito de falar em jíria.

Delilah começou a rir.

— Não, mas é a verdade o que eu disse, embora não o tenha feito com elegância. Trabalhamos, ambas, pelo nosso ideal. Mary deseja viver seu romance e eu quero ser admitida na alta sociedade.

Leila suspira.

— Nem sempre o que desejamos é o que alcançamos, não é isso mesmo? — pergunta ela.

Mas Porter responde com ar decidido.

— A vida nos oferece mais espinhos do que flores.

Colin não era da mesma opinião.

Muitas vêzes a vida nos dá muito mais do que o merecêmos. Ela me deu o retrato de miss Jeliffe. E considero isso uma grande felicidade.

— Você é um rapaz gentil, Colin... — diz Delilah, e isso me agrada. Você e sua filosofia. Também acho que a vida me tem dado mais do que eu mereço.

Os demais guardaram silêncio. E' que a vida não dava a Leila, a Porter, ou a Mary, naquele momento, o que êles desejavam. O que Porter exigia dela era bem definido: queria Mary. Leila desejava Barry ao seu lado. Mary não sabia bem o que desejava, sabia apenas que era uma insatisfeita.

Porter conduziu, em primeiro lugar, Leila, depois tia Isabelle e Mary para o seu carro, partindo para a velha casa da Colina. Deixando Leila em sua casa, levou as outras para a mansão Ballard.

— Entremos, — diz êle ajudando Mary a descer do carro.

— Mas já é tão tarde, Porter!

— Eu tenho vindo aqui sempre muito tarde, por várias vêzes, não há muito. Você vai aturar-me por uns momentos mais, esta noite.

Tia Isabelle, fatigada, caindo de sono, trata de subir aos seus aposentos. Mary senta-se no vestíbulo ao lado de Porter. Lá embaixo estendia-se a cidade iluminada pelo clarão do luar. Ficaram os dois calados um momento, mas Porter quebrou, de súbito, o silêncio:

— Mary, eu tenho qualquer coisa a falar-lhe. Você há de dizer que eu me estou metendo com seus negócios; mas isso é mais forte do que minha vontade, o meu desejo de não interferir em sua vida.

E depois de breve pausa:

— Não posso deixar que você faça certas coisas que a tornem infeliz.

— Mas eu não sou infeliz. Que quer dizer com isso?

— Você se tornará infeliz, se continuar ao léu da sorte. Eu a levei, esta tarde, à casa de Colin, para que você pudesse ver com seus próprios olhos aquêle pequeno retrato de anjo vestido de encarnado.

— Sim?...

— Você se lembra o que disse diante daquele quadro: que era o de uma mulher com um rosto de anjo, uma alma sincera?

— Sim.

— Pois aquêle é o retrato da mulher de Roger Poole, Mary.

Mary permaneceu calma no seu vestido branco. Tão calma como uma estátua de mármore. Por fim, perguntou:

— Como soube disso?

— Quale me disse. Penso que êle não sabe que Poole tenha vivido aqui e que nós o conhecemos. Então, deixou escapar o nome, por acaso.

— E então?

Porter se inflama e se dirige a ela:

— Eu adivinho o que significa êsse tom de voz, Mary. Mas você está sendo injusta. Você pensa que eu estou a ocupar-me de assuntos que em nada me dizem respeito. Mas isso não é verdade. A verdade é que Poole esmagou o coração de uma mulher. Poderá sangrar o de outra, mas jamais poderá despedaçar o seu, Mary!

— Quem foi que lhe disse que êle havia esmagado o coração dela?

—Não viu o retrato? Será possível que uma mulher com aquêle semblante angelical, teria sido tão má que viesse arruinar a vida de um homem? Eu não o creio, Mary. Há sempre simulação na história de um homem, em tal situação.

A moça não respondeu imediatamente. Depois, disse:

— Como foi que você ficou a par da vida de Roger?

— Delilah me disse. Roger não poderia esperar que tudo permanecesse em segrêdo.

— Êle nunca esperou isso, e muito tem sofrido.

— Assim êle lhe narrou a história, e o fêz com muita eloqüência. Mas o rosto daquela mulher santa na tela de Colin, é o argumento contra e me dá razão.

Era verdade. Ao recordar-se da tela, foi Mary assaltada pelas primeiras dúviads. Como era divina aquela mulher com seu olhar inocente e piedoso! Porter prosseguiu:

— Um homem sempre poderá torcer a verdade. E você não pode saber se o que êle lhe narrou, é exatamente

a verdade. Oh! Eu suponho que você estará pensando que eu sou um malévolo, um trancinha, ao falar-lhe assim. Mas eu não posso permitir que você siga uma via que a levará ao perigo de desgraçar sua vida.

— E por que minha vida seria desastrada?

— Porque, seja qual fôr a veracidade da sua história, não me parece Poole bastante forte e capaz de orientar a vida dêle e a sua. Teve êle energia bastante, de sua parte, para permitir que uma mulher o traísse? Demonstrou coragem ao vir esconder-se aqui como... como um criminoso? Um homem forte teria enfrentado o mundo. Teria procurado sobreviver ao seu naufrágio. Mas tôdas as ações de Poole traduzem a sua fraqueza. Eu poderei suportar que você não se casasse comigo, Mary; mas não poderei suportar que você se una a um homem que não é digno de você. Vê-la infeliz, seria para mim verdadeira tortura.

Nas palavras veementes de Porter, havia uma nota de sinceridade, e Mary o percebeu.

— Sei, — disse ela em tom vacilante — eu sei que você pensa em conduzir minha batalha nesses conflitos, ao mesmo tempo que vai conduzindo a sua. Mas não creio que Poole me haja mentido.

— Não mentiu conscientemente. Mas êle criou uma falsa impressão. Não vemos nossos próprios, defeitos e foi por isso que êle desfigurou a verdade, forçosamente. Mas um homem que tornou infeliz a uma mulher, tornará a fazer desgraçada a uma outra.

Mary estava ofegante, aflita.

— Eu lhe peço que não faça tal comparação apressadamente. Roger nunca me falou em casamento.

— Êle nunca lhe falou? Oh! Mary! E' verdade?

Havia esperanças na sua voz, e Mary continuava com o seu coração fechado.

— Não. Jamais me tocou em casamento. — diz ela gentilmente — Roger nada é para mim senão um simples amigo. Até agora eu não posso fazer dêle nenhum juizo mau. Não estou, porém, com amores por êle, nem por nenhum outro homem, Porter. Não preciso de homens na minha vida.

Mary falava com sinceridade, e sentia no fundo do seu coração que estava defendendo um homem a quem Porter acusava.

— Como poderemos saber da verdade em um caso dêsses? — Prosseguiu ela sem muita segurança. Não se pode senão crer em seus amigos.

— Mary, — voltou Porter apaixonadamente — seu conhecimento com Poole não foi mais do que durante alguns meses. Mas a mim você conhece desde a infância. Posso consagrar-lhe minha vida com o mais devotado sentimento. Por que não renunciar a essa obstinação e não vir a mim?

No espírito de Mary ressoava aquela pergunta: "Por que não?"

Roger Poole era obscuro e votado à obscuridade. Além disso, teria êle sempre quem, como Porter suspeitasse de seu passado. "São os cochichos que nos matam", tinha-lhe dito êle, certa vez. E o povo sempre murmura.

Mary se levantou e dirigiu-se à entrada. Porter a seguiu e ambos olharam lá para baixo, para o jardim. Tôdas as flores do verão estavam abertas e seu perfume chega até êles. Mary podia ser, ela mesma, comparada a uma flor. Era ali que Roger Poole dizia coisas que Porter jamais poderia fazê-lo, porque era êste incapaz de as pensar. O que Porter pensava era banal, e maravilhosas as coisas que Roger pensava. Se ela desposasse Porter, teria sempre os pés pregados à terra e se casasse com Roger, ambos voariam juntos, bem alto, lá no céu.

— Mary, — insistia Porter — Mary Rebelde.

Ela lhe estendeu a mão.

— Não o ouvirei mais; — disse quase emocionada —não crie ilusões a meu respeito, Porter. Tenho meu trabalho e minha liberdade. Não renunciarei a isso por ninguém.

Se ela pronunciara estas palavras com menos convicção do que o fazia antigamente, Porter não o percebeu. Como poderia êle saber se ela estava a fazer uma última resistência desesperada? Quando êle a deixou, estampava no semblante um ar de tal depressão que a comoveu.

— Corri o risco de passar por um trancinha perante você, Mary. Mas era preciso fazê-lo.

— Sei disso, e não o censuro, caro amigo.

Êle partiu a estas palavras deixando-a sòzinha sob o clarão da lua. E quando os últimos ruídos do seu carro se foram extinguindo no silêncio, ela desceu para sentar-se ao banco do jardim, perto das touceiras floridas. A luz do quarto de tia Isabelle ainda estava acesa, e, logo mais ela subiria para dizer-lhe o "boa noite". Mas, por uns momentos ela precisava estar a sós. Sòzinha em face das dúvidas que a assaltavam. Seria possível que a história que Roger lhe contara, houvesse sido deformada, propositadamente, para que ela lhe desse

(*Cont. na pág.* 46)

Ilustração de JERÔNIMO RIBEIRO Tradução de RENATO DE ALENCAR



Aventuras do Capitão Rob
O Império Celestial







43 Chegando a bordo de "Pandora", Rob encontra Tony metido numa fatiota nova e de gravata, em companhia de Ho Ming. Rob lhe conta o que acontecera numa loja de antiguidades. E ficam sabendo que estavam sendo seguidos por algum espião. "Precisamos seguir para o interior o mais breve possível", sugere Ho Ming. Antes de partirem, Willy manda uma mensagem pelo rádio à "Press-Association", comunicando o que sucedera ao repórter, que devia estar aprisionado por piratas. Chung Li se choca com a notícia e resolve vingar-se. A presença de todos ali era um perigo, e Wang Hang não dormia.







44 A expedição ao interior é cuidadosamente preparada. Rob foi de opinião que a camuflagem de "Pandora" devia continuar. Ho Ming contratou vários "coolies" para rebocá-la. Depois de alguns dias chegaram ao seu destino. Estavam contentes com a paisagem e com o clima. Na verdade, a China era um belo país. Um dia um junco de singular aspecto passou por êles. E quem o dirigia era Wang Hang. Indiferentes a isso, êles prosseguiram. Chegando a uma curva do rio, resolveram deixar o barco. Dali em diante, teriam êles que ir a cavalo. "Será melhor alugarmos uma carroça", sugeriu Tony.







45 Tony escolhe uma carroça com cobertura. Com efeito, era um veículo que dava para levar a todos, bem como ainda podia receber a bagagem. Mas Willy não seguiu e ficou a bordo da lancha, com alguns chineses. Rob preferiu ir a cavalo, à frente do carro. Tony vibrou o chicote nos animais. Estavam decididos a ir aos domínios do Mandarim onde estava prisioneiro o repórter. Nesse ínterim, o junco em que ia Wang Hang, ancorou mais em cima dêle saindo dois tripulantes com burrinhos. Um dêles, com barbas, não é outro senão o próprio pilôto do junco de Wang Hang. A situação era muito grave

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob, depois que naufragou com o seu "Liberty" e foi salvo por Marga e Willy, duas jovens que andavam em aventuras na lancha "Pandora", conseguiu recuperar uma mala cheia de ouro e jóias que pertencera a um pirata. Com o seu cão "Skip", foi levado a terra firme, onde conheceu o pai de Marga, engenheiro naval, e a quem encomendou um novo iate. Convidado pelas moças para uma pesquisa nos mares orientais, em busca de um repórter desaparecido, Rob supriu o barco com alguns armamentos e se fêz ao mar. Dias depois são aprisionados por um junco de piratas sob a direção de um marujo holandês que contrabandeava ópio, Tony. Mas se fizeram amigos e, mais tarde, quando foram vender o ópio a Wang Hang, êste procurou traí-los, travando-se luta. Rob conseguiu desvencilhar-se e voltar para bordo do "Pandora", que ancora a um pôrto e ali, novamente, os asseclas de Wang Hang tentam aprisioná-lo; mas Rob consegue escapar com as moças.

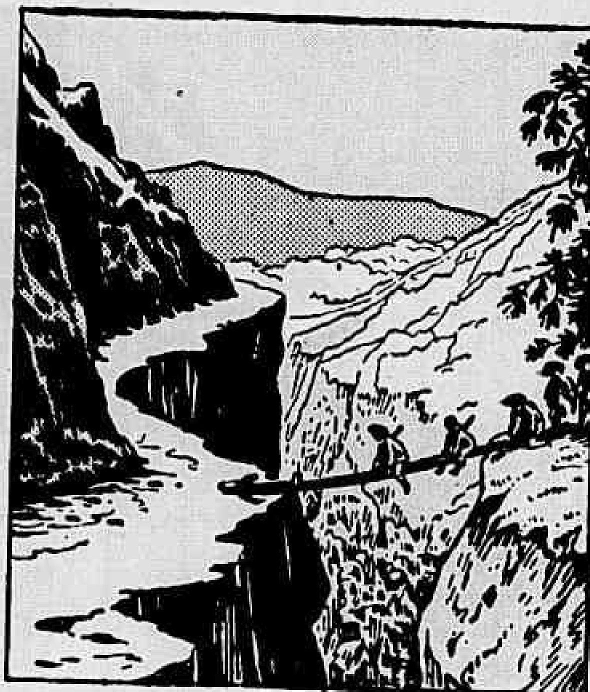






46 Os dois conspiradores, montados em seus burricos, seguiram por veredas estreitas até que se colocaram de tocaia adiante do ponto em que ia passar a caravana de Rob. O enviado de Hang se encontra com os sequazes que teriam de fazer o serviço e lhes paga adiantadamente. Lá no vale se levantava uma coluna de pó. Era o carro de Tony e o cavalo de Rob. Os tocaieiros se apresentaram para a traição. A caravana ainda vinha distante e êles teriam que organizar o ataque com o maior cuidado. Tudo sairia bem, podia estar tranqüilo o chefe Wang Hang. O carro de Tony se aproximava cada vez mais.

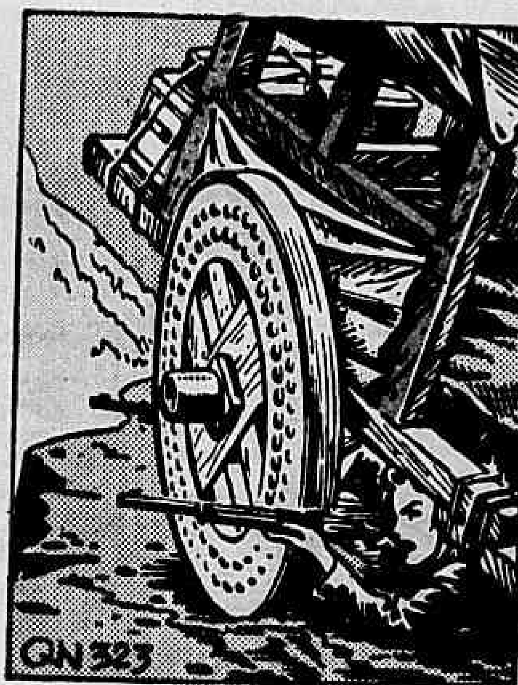






47 Tough Tony sabia por experiência própria que uma viagem pelo interior da China não é sempre sem muito perigo. As estradas são poeirentas e estreitas. De um lado, imensos precipícios, e do outro, insondáveis matarias. Êle era um marujo, e ali, naquelas terras inóspitas, teria que agir com maiores cautelas do que se estivesse no mar açoitado pelos ventos. Rob estava de acôrdo com êle nesse ponto. E vai adiante, guiando o carro. De súbito o silvo de uma bala lhe desperta a atenção. Êle esporeia o cavalo e chega a um ponto em que vê um grupo de chineses armados a atravessar um despenhadeiro.







48 Rob volta e vai avisar Tony, que, imediatamente, desatrela os cavalos e corre para atacar os bandidos. Com uma habilidade espantosa, aproveita-se da impossibilidade em que estão os salteadores para fazer uso das armas, ocupados como estão em agarrar-se ao tronco para atravessar o grotão. Tony engancha a armadura da carroça e espòreia os cavalos, arredando o tronco com os bandidos em cima. O efeito é rápido. Perdendo o equilíbrio, os chineses apaniguados de Wang Hang caem no abismo. Marga fornece armas aos "coolies" e faz fogo contra os mesmos. Rob avança para explorar a estrada.

O IMPACTO

O juiz ergueu a cabeça, fixou a assistência, e em seguida, a figura abatida do réu. Sua voz soou neutra:

— A sessão fica suspensa, enquanto os jurados vão deliberar.

Pesou um silêncio espêsso no auditório. Os guardas levaram Sebastião Gonzaga, que vacilava trôpego, uma expressão estupefacta na cara larga de caboclo. Parecia alheio ao ambiente, indiferente aos debates que se tinham travado, surdo aos comentários e aos apôdos que atiravam à sua pashagem. Fôra fácil para o Promotor acusá-lo, e o advogado que se oferecera para defendê-lo, embora cheio de talento, falara sem convicção, sem calor. A sala esvasiou-se. O burburinho cessou, e o juiz deixou-se ficar na sua alta cátedra, cismando. O réu seria condenado, não havia dúvida. O laudo pericial era irrefutável e, considerando-se o caso à luz da justiça humana, havia crime e crime monstruoso.

Sebastião Gonzaga, entretanto, tinha bons antecedentes. Era trabalhador, esforçado, constituira família havia já dez anos, e desde então todos os seus esforços eram para a mulher e os filhos. O mais velho estava com oito anos e era o seu companheiro. Caboclinho desempenado, alto para a idade, destemido e alegre. Depois tinham vindo só meninas, sete meninas. Tiãozinho era o único varão, o orgulho e a esperança do Gonzaga. Essas considerações tinham sido feitas pelo advogado e no auditório cheio de animosidade contra o réu, murmurava-se que o causídico fazia patético para enternecer os jurados. Em verdade, o Gonzaga tinha confiança no filho, e, habituado a tê-lo sempre a seu lado, enfrentando juntos perigos e revezes, esquecia-se de que era apenas uma criança.

Um dia perguntara ao menino:

— Tiãozinho, ocê tem medo de onça?

— Tenho sim, pai... só quando ocê tá perto de mim é que não tenho.

Gonzaga riu-se. E' que haviam pegado na armadilha uma onça pintada que fôra enviada para o Jardim Zoológico da Capital. Era enorme, com olhos verdes, obliquos, um olhar matreiro que não traduzia a sua ferocidade. A companheira privada dela, andava rondando inquieta, lançando seus apelos terríveis dentro da noite imensa.

Um viajante cobiçou-a. Na tendinha de Tonico estavam reunidos muitos caboclos, contando «causas» e bebendo despreocupados, garrucha na cinta, chapelão derreado na nuca. O viajante entrou e foi ao balcão. Confabulou com o Tonico que lhe apontou o Gonzaga que num canto afastado fazia uma boquinha com o filho. O homem atravessou a sala, pediu licença e sentou-se à mesa do caboclo.

— Olhe, seu Gonzaga, ali o seu Tonico me disse que o senhor é caçador muito hábil e valente...

Todos voltaram-se para êles.

— Valento sô, sim senhô...

— Eu quero aquela onça pintada que anda rondando na mata, quero viva para presentear um amigo. E' serviço para o senhor?

— Ora si é. Pego ela com uma perna nas costas, seu moço.

— Então está dito. Dez mil cruzeiros pela bichona viva. Está feito?

O Gonzaga enguliu em sêco. Não pensara em cobrar nada, mas, dez mil cruzeiros pelo prazer de pegar a onça, era uma fortuna que caia do céu, sem que esperasse!

— Fico ainda uma semana no povoado — continuou o homem — Estou hospedado na casa do delegado. Qualquer coisa, procure por mim e pago logo.

Tocou a aba do chapéu com dois dedos e saiu. O Gonzaga acabou a refeição, pagou e saiu também acompanhado pelo Tiãozinho. Ia meio tonto. Dez mil cruzeiros! Nunca vira tanto dinheiro de uma vez! Sentou num tronco derrubado e enquanto o filho «peraltava» ficou pensando. Ia oferecer cinco mil cruzeiros pelo sítio de Nhô Afonso... Ficavam cinco mil que ia botar no banco, para fazer uns arranjos na casa... «Sitio São Sebastião»... Era um nome bonito!

E, de sonho em sonho, sentado no tronco derrubado na margem da estrada, pitando o cigarro de falha, fêz-se dono de uma fazenda imensa, próspera, dando safras compensadoras, aumentando, multiplicando ao infinito, aquêles dez mil cruzeiros!

Imaginava a espôsa dirigindo o casarão enorme da fazenda, ajudada pelas filhas que podiam aspirar à aliança com qualquer moço doutor. As lavouras a perder de vista, galgando os morros; os pastos manchados de gado leiteiro; as cocheiras cheias de bons cavalos de sela. Um movimento incessante de carros de bois, levando os latões de leite, os jacás de legumes, os sacos de cereais. Envelheceria tranqüilo, pisando terra de sua posse, vendo o filho continuar aquela prosperidade...

Tiãozinho cansou de brincar e deitou-se na relva, olhando o céu. A tarde foi caindo com vagares preguiçosos e de repente, Gonzaga se lembrou de que tudo aquilo era apenas sonho e que a onça pintada, ponto de partida de tudo, lá andava rondando aflita, lançando na mata espessa os seus apelos terríveis...

Jogou o cigarro longe, levantou-se e chamou o Tiãozinho. O menino acompanhou-o.

— E a onça, pai? Ocê vai pegá ela?

— Vou sim, Tiãozinho. Inhantes de cai a noite, vamo fazê um arçapão...

Seguiram em direção à mata. O sol ainda clareava o caminho e filtrando-se por entre as copas das árvores, dava toques de luz nos rendilhados de cipós, no tapête de fôlhas sêcas que estalavam sob os passos cautelosos dos dois.

Duas horas depois estava tudo pronto.

Pai e filho voltaram para casa, imaginando o sucesso da armadilha e a surprêsa da onça. Mas, na manhã seguinte, esperava-os uma decepção. O felino conseguira escapar-se. Durante três dias, o Gonzaga lutou sem resultado. A onça não se deixava apanhar. Farejava de longe a carne sangrenta ou a caça amarrada na armadilha para atraí-la, mas não caia na emboscada.

Na tendinha do Tonico, boquejava-se que o Gonzaga estava perdendo a classe...... E o caboclo encabulado evitava encontrar-se com o viajante para não ter de confessar o seu insucesso. Ao quinto dia, quando entrou na tenda, viu que se riam dêle à socapa e saiu furioso, disposto a acabar de vez com aquilo.

Quando êle fôsse um ricaço, havia de ter a sôldo, todos aquêles «porqueiras» que pretendiam ridicularizá-lo! Chamou o Tiãozinho.

— Oia, filho, hoje nós tem de pegá a bicha de quarqué jeito. Ocê qué judá?

— Judo sim, pai.

— Ocê é home, Tiãozinho, e não tem medo de besteira, não é?

O menino hesitou um pouco, depois empinando o peito:

— Sô home sim, pai.

— Oia, filho, vô fazê uma armadilha danosa! Em vez de botá cotia ou paca, ocê vai ficá lá...

O menino estacou surprêso:

— Eu?! Eu, pai?! Ocê qué que a onça me coma?

— Que bobage, Tiãozinho! Então eu ia arriscá ocê? Vô fazê a coisa bem feita. A bicha sente de longe o cheiro da gente. Ela vem e cái e ocê não percisa tê medo... Sabe, meu filho, são dez mil cruzeiros que ocê me ajuda a ganhá e a gente tapemo a bôca dêsses murrinha que tão querendo falá demais!

— Tenho medo, pai... de noite, no mato sem ocê, tendo medo, sim...

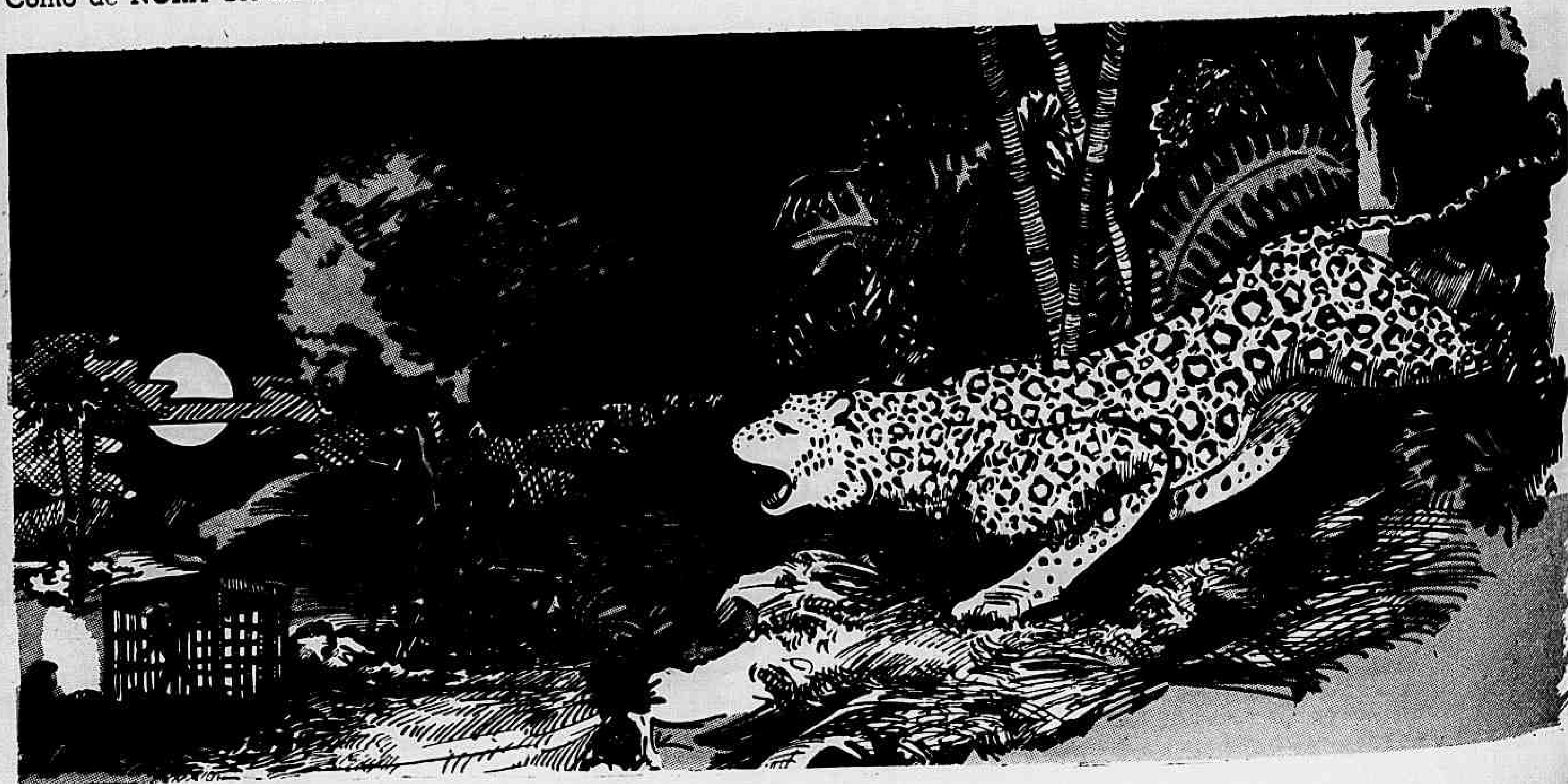
— Ora meu filho, que home é êsse antão? Ocê não vai me envergonhá, não é?

O menino mordeu os lábios e calou-se. Gonzaga trabalhou duramente tôda a

(Cont. na pág. 47)

Conto de NORA CARREL

Ilustração de DARCY DE ARAUJO



NORDESTINOS CHEGAM
NORDESTINOS VOLTAM

ESTAÇÃO DO NORTE
PORTO DA ESPERANÇA



O quadro negro, afixado na agência de transporte, indica as datas da partida e os destinos. Aracaju, Recife, Propriá... Os lugares do Norte chamam seus filhos e os nordestinos que fugiram da sêca ou da falta de trabalho sentem êsse apêlo no fundo de seus corações. O ônibus, encostado ao meio fio (em baixo), espera.

UMA VEZ NORDESTE SEMPRE NORDESTE

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR. **Fotos de DARIO TERINI**

ALI, bem no coração do Braz, onde há uma suja estação da Central do Brasil cujo nome é Roosevelt, mas que o povo prefere chamar de Estação do Norte, como nos velhos tempos, fica o "pôrto da esperança". E' lá que tem início a "grande viagem de volta", de quase 3 mil quilômetros, através de estradas de concreto, de asfalto e de buracos, cortando campos cultivados e tristes caatingas, rios caudalosos e as alagoinhas de alagoas, terminando lá p'ras bandas do Recife onde as palmeiras são mais lindas e as praias brancas como açúcar pernambucano refinado. E é do "pôrto da esperança" que partem, tôdas as semanas, dezenas de ônibus, que levam, de volta aos seus torrões natais, os nordestinos que vieram espoleirados nos bancos dos "paus de arara", buscando trabalho e alimentação, no sul, buscando tudo aquilo que a natureza e o pròprio govêrno federal lhes vem negando, há anos, ou seja o pròprio direito de viver, como sêres humanos, gerados para a consecução de outros sêres a quem cabe ir povoando êste imenso país.





Também faz calor em São Paulo, onde certos dias são tão quentes como os do Nordeste. E sem a brisa do mar. O chuveiro é então um refrigério de entusiasmar e a Casa do Imigrante tem bons banheiros e água abundante



A mocinha tinha suas razões para não tomar banho de corpo inteiro. Banho de bacia resolve parte do problema



Na hora da refeição êsses bichinhos não parecem tentados pela comida. Também êles terão saudade da terra?

OS CAIS DE PEDRA

A rua chama-se Almeida Lima, doutor Almeida Lima, onde tudo é abundante, menos a seriedade dos comerciantes, a higiene, o policiamento e a fiscalização dos preços. Afloram, como se fizessem parte dos macadames da via carroçavel ou dos buracos do passeio, os malandros, os vendedores ambulantes, bancas que vendem brilhantina mal cheirosa, lenços de "puro" "nylon" americano, correntes de "ouro", importadas, "especialmente" para os nordestinos que regressam levarem para os seus amigos e parentes. Nos bares e restaurants, não é difícil reconhecer, debruçados sôbre grandes pratos, os rostos alegres dos homens do norte que, após uma "temporada" nos campos de cultura do sul de S. Paulo ou norte do Paraná, vão rever as caatingas de inde vieram, onde o mandacaru é uma bandeira e o ribatã o símbolo de um povo pobre que busca sempre as direções da água, da comida e da vida.

O "pôrto da esperança" tem 3 cais. Não estão debruçados em águas salgadas, mas sim plantados no leito da primeira rua transversal da esquerda, que os viajantes aprenderam a chamar de "rua dos ônibus". Às portas dêsses seguríssimos cais de beira rua, toldos de côr adiantam, em letras berrantes, as escalas dos ônibus que fazem viagens, até Caruru ou Recife, via Paulo Afonso, Salvador, Feira de Santana, Cipó e outras cidades. Uma das emprêsas, mais audaciosa, chama seus passageiros com o slogan "Viaje pela mais longa linha de ônibus do mundo" e seu proprietário nos assegurou que, com viagem direta, sem trocar de veículo, é mesmo. Mais longa só a de Nova Iórque a S. Francisco, com escalas e baldeação. Porém, êle não faz isso por pioneirismo nem por experiência, mas simplesmente porque os ônibus são caros e escassos, pois as divisas para a compra de Cadilacs, perfumes franceses, rádios, televisões, liquidificadores, etc., não deixam sobrar, para o Brasil, o necessário para a aquisição de tratores, caminhões, ônibus, material rodante para ferrovias e portos, que, de há muito, pleiteiam aposentadoria.

Porém, alí no pôrto da esperança, ninguém pensa em tristeza. Ao viajante alegre não interessa saber se a Central do Brasil vai remodelar suas carcomidas linhas, ou se agricultura brasileira carece ser mecanizada, não quer saber se precisamos de estradas, para melhorar nossa economia, pois o que lhe interessa e basta é a existência da estrada que o levará até o Recife, devorando mais de 2.800 quilômetros, numa ventura de 4 dias.

Os homens, as mulheres e as crianças que vão para o norte, são bem diferentes daqueles sêres semi-humanos que vemos entrando, em São Paulo, diàriamente. Não se vêem rostos esqualidos ou vestes sujas. Agora êles vão com ternos e vestidos novos e, nas malas, levam até um "domingueiro" de boa casemira, adquirido na Ladeira General Carneiro ou na Av. Rangel Pestana, nas enormes lojas que consomem os estoques dos fabricantes israelitas da rua José Paulino.

Quando êles vieram, eram sebosos e sujos, tendo contado, com dificuldade, os níqueis que perfariam os 350 cruzeiros da passagem, num "pau de arara" barulhento, que transportava mais de 40 pessoas, com as respectivas bagagens e crianças. Agora, com apenas uma cédula lustrosa, de Cr$ 500,00 êles adquirem uma passagem de volta. Não há dificuldade, para contar o dinheiro. Na algibeira do terno de brim cáqui — pois não sujarão as roupas novas na viagem — separaram algumas notas côr de laranja, de mil cruzeiros, novas em fôlha, com o que iniciarão vida nova.

Marculino, aquêle grandão que está rindo perto do bagageiro do ônibus, vai ficar p'rá sempre, la no norte que êle tanto ama. E' de Pernambuco e vai se estabelecer. Veio para S. Paulo há alguns anos, perambulou pelas ruas pedindo esmolas, pois a Escola Técnica de Aviação ainda não devolvera a Casa do Imigrante ao Departamento de Imigração e Colonização, do Estado. Marculino varou o Estado de S. Paulo e foi dar com uma cidade buliçosa de terra roxa e rica, ótima para café e cheia de japoneses, onde mesmo os mais humíldes não aceitavam níques nos bolsos, para não fazer pêso. Encontrou, o jovem nordestino, o El Dorado. Veio para São Paulo, não ficou. O Paraná é melhor. Por isso, êle, na declaração da passagem que o govêrno lhe forneceu, pediu para ir para a alta sorocabana. De lá ao Paraná era um pulo e bastava trabalhar para a passagem. E o govêrno bandeirante, que lhe dera passagem foi prejudicado. Mas êle não entendia disso. Achava que tudo era Brasil. Hoje, está, "rico" leva mais de vinte contos na algibeira, roupas novas e presentes para os velhos pais a quem enviou uma carta que Lico, o sapateiro da esquina, já deve ter lido para êles.

Aquêle outro que está alí, abraçado com a moça, é Melciades. E' irmão dela e não noivo, como podem pensar as pessoas que a vêem chorando e êles representam a outra parte do drama da deslocação. Vieram num caminhão, foram para o interior, não se acostumaram e voltaram para a Capital. E', como tantos outros, pessoa que, inocentemente, ajuda a superlotar esta cidade que os homens esqueceram, onde o custo de vida sobe, dia a dia, os transportes coletivos definham, os salários tornam-se minguados para enfrentar a alta, as casas escasseiam, e o govêrno promete, promete...

A SANGRIA

Mas para aquêles homens simples, honestos e trabalhadores nada disso é compreensível. Êles conhecem apenas seu drama. O drama da fome, da morte nas caatingas, nos trens apinhados e nos "paus de arara" e é dêsse drama que querem fugir. Conhecem apenas a dor, a fome que os obriga, como aconteceu há pouco, a assaltar cidades, depredar, e até matar, num momento incontido de alucinação, para comer. E tudo isso, acontecendo num país que se quer chamar de civilizado, num país do futuro e de carnaval nababesco, realizado durante todo o ano pelos irresponsáveis que dominam o govêrno.

O drama que o nordestino conhece é o de sua terra, esquecida pelos homens e fustigada pela natureza. O drama do sul, o drama em que se debate a economia paulista êles não conhecem, não querem conhecer.

INVASÃO

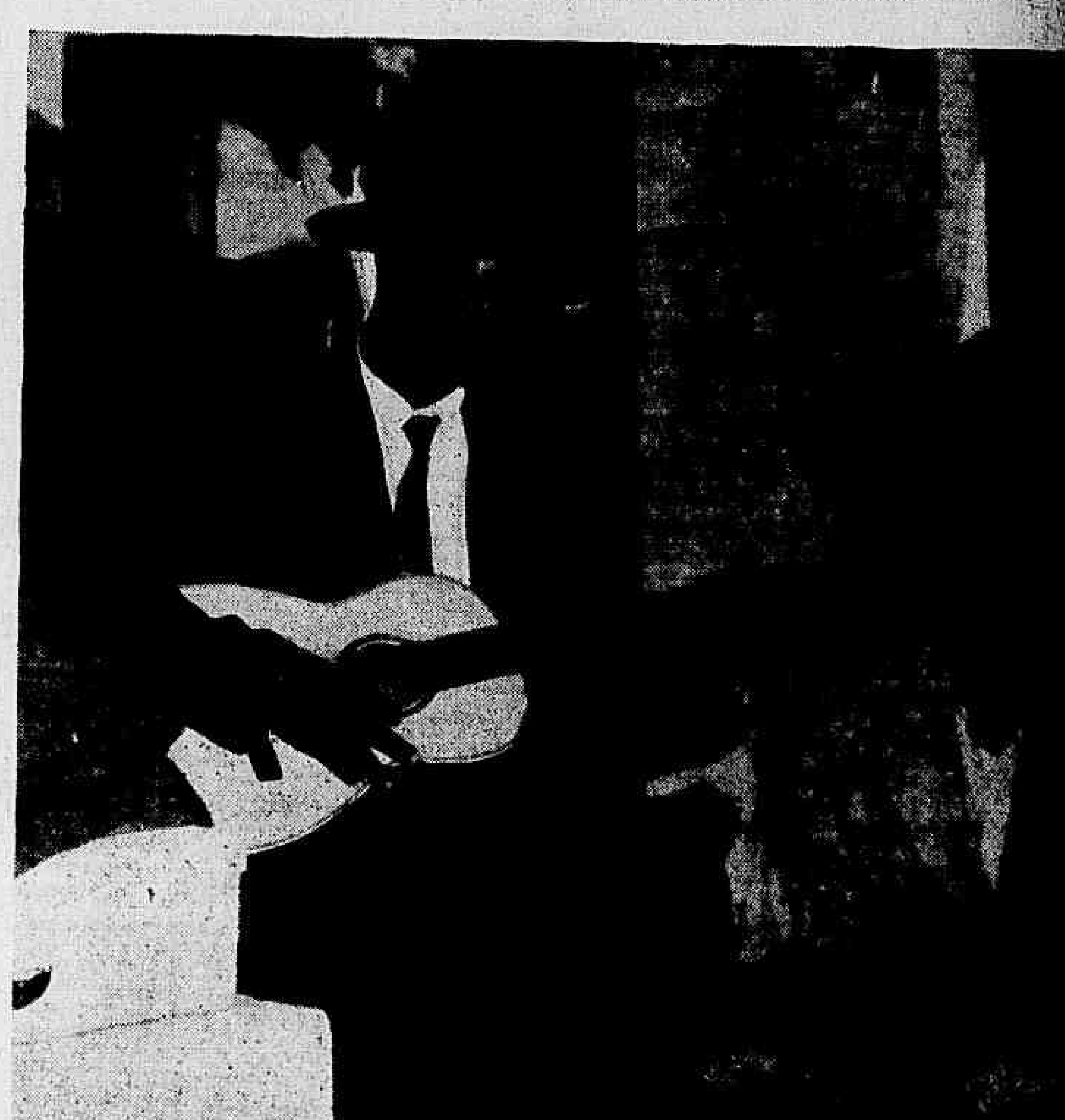
Mil e duzentos nordestinos, aportam, diàriamente, a São Paulo, sendo levados, diretamente, para a Casa do Imigrante onde, segundo os regulamentos e as conveniências do Estado, permanecem o tempo necessário para seguir viagem, rumo aos locais de trabalho.

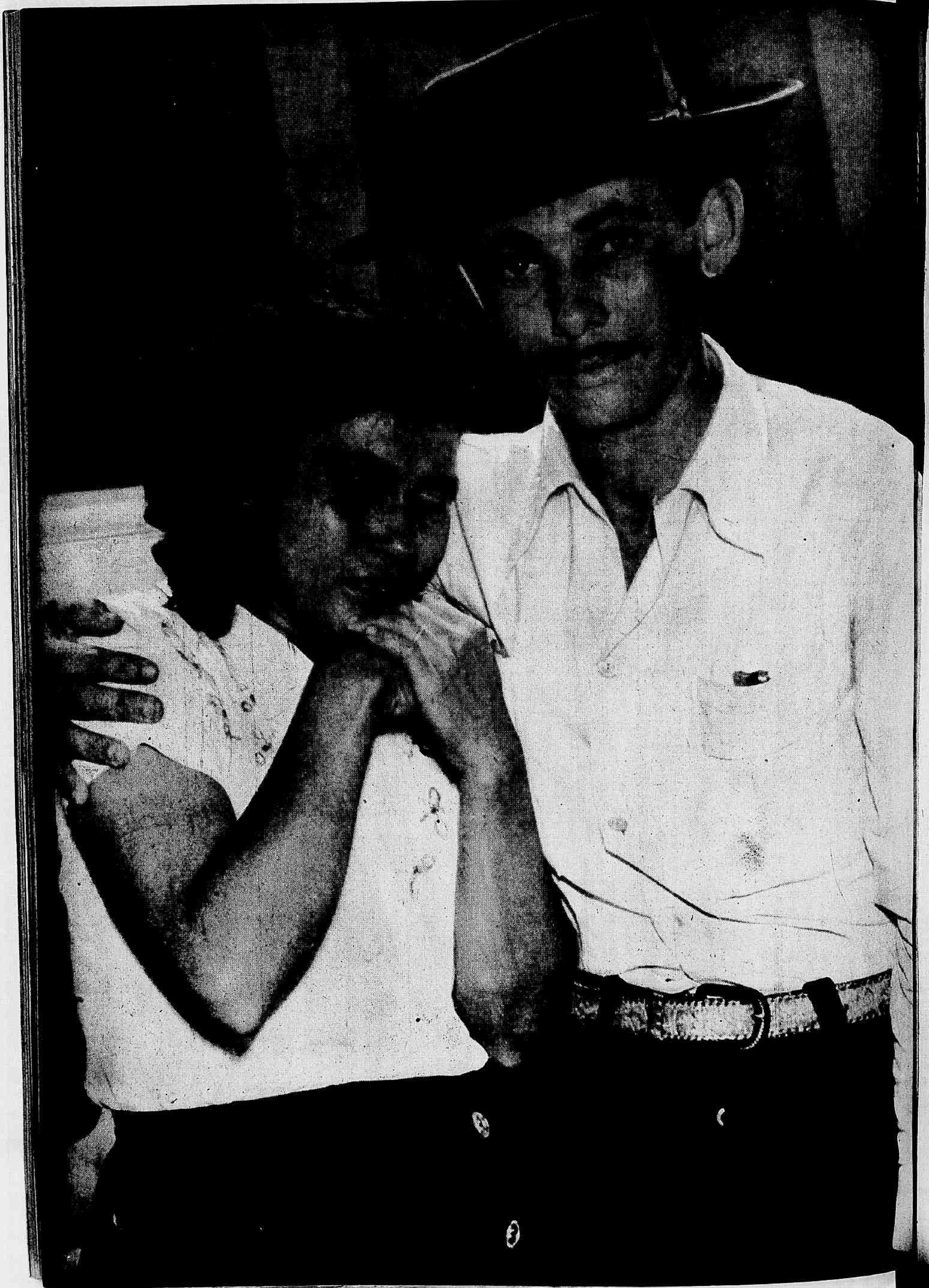
A Casa do Imigrante, quando da última guerra, foi requisitada pela Fôrça Aérea Brasileira, que lá instalou a Escola Técnica de Aviação, recentemente transferida para Guaratinguetá, no Vale do Paraíba. Passou a guerra, muitos se perderam nos calendários inúteis e a FAB não entregou o abrigo, que tanta falta fazia não só aos nordestinos, mas também aos imigrantes estrangeiros. Nesse interim, contrariando as mais elementares normas econômicas dos países inflacionados, onde quaisquer despesas inúteis tem de ser suptimidas, iniciou-se a construção de nova Casa do Imigrante (bonito, não? Um arranha-céu!), cujo esqueleto de concreto, hoje, vive abandonado e trêmulo, deixando que a chuva e o sol lhe lambam, da carcassa enferrujada, o dinheiro que o povo pagou em impostos.

(Continua na pág. 50)



Catar piolho é serviço de mãe e antes do embarque ela verifica a cabecinha da guria. Em baixo: a viola geme suas cordas em descantes do folclore nordestino

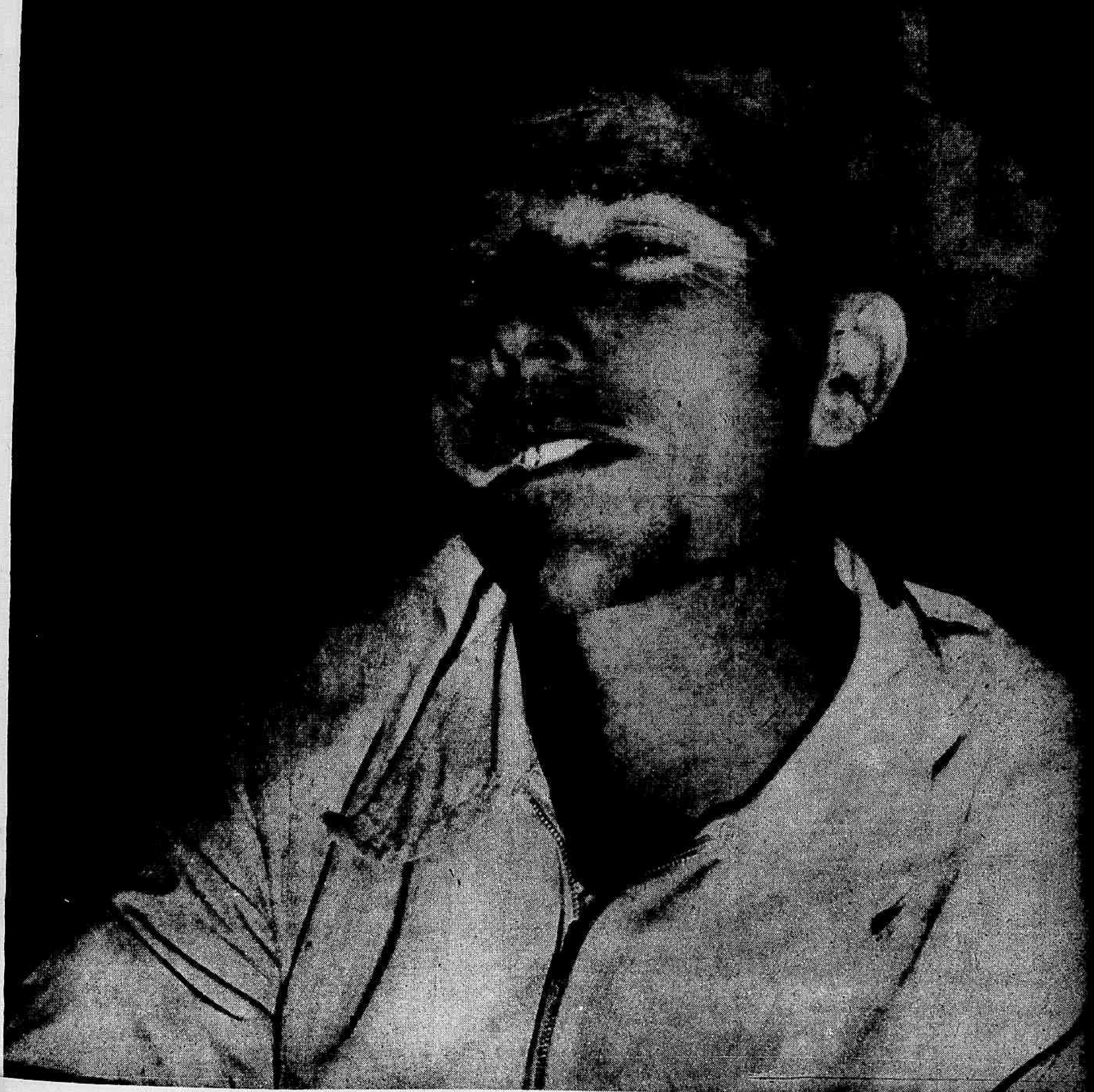






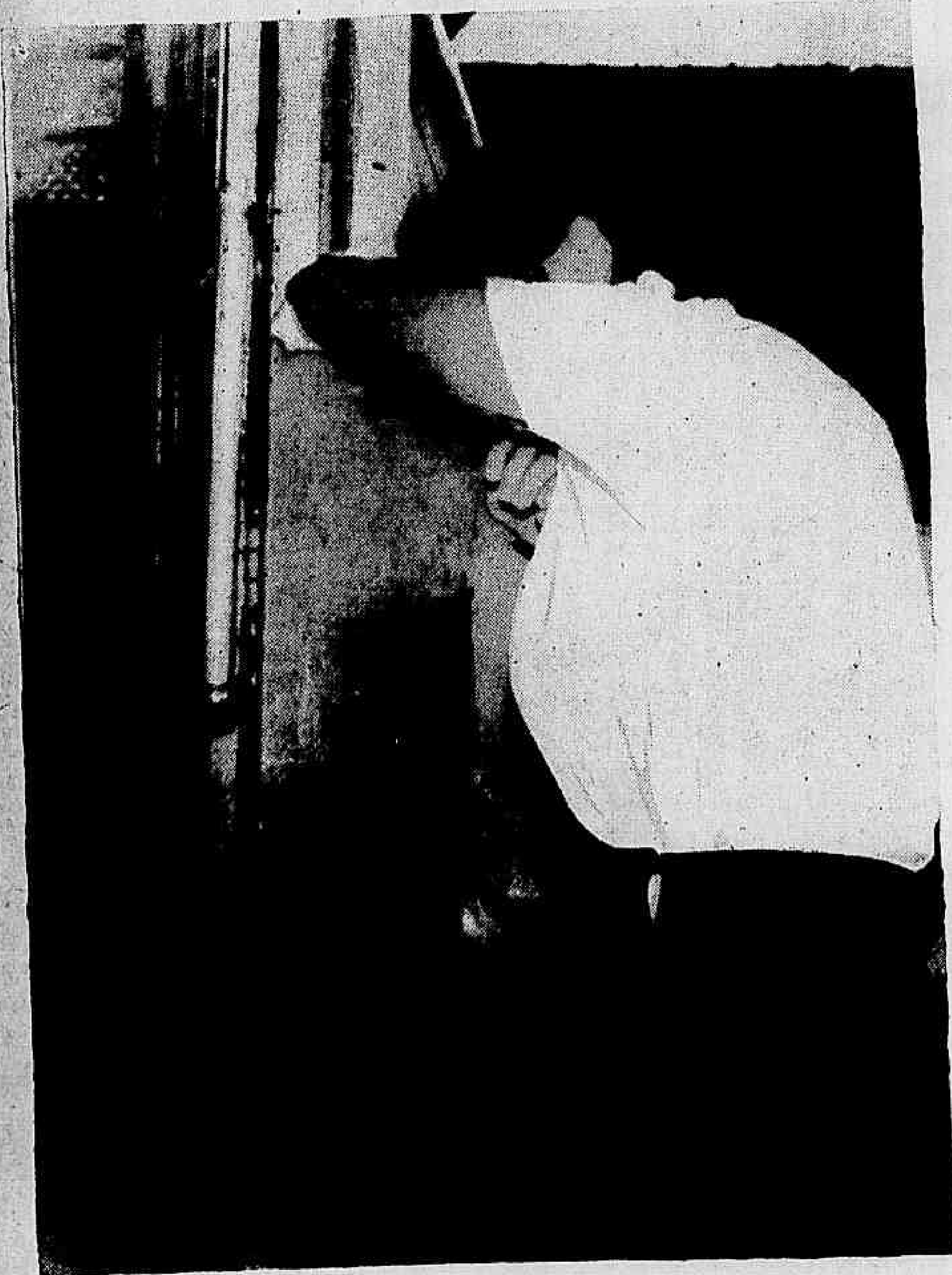
UMA VEZ NORDESTE, SEMPRE NORDESTE

Êles partem. A terra e o céu do Nordeste enchem seus olhos de nostalgia. A pequena pátria lá os espera, com suas galas peculiares: a agreste paisagem do sertão, os coqueiros do litoral, a bagaceira das engenhocas, o curral com o cocho e a cacimba. Cada um dêles sabe que vai reatar a vida interrompida, no meio de sua gente, esperando de novo, a qualquer hora, as ingratidões da terra e a violência dos homens. Mas voltam. Voltam casais ou voltam homens escoteiros. Mas voltam, e sempre voltarão, porque uma vez Nordeste, sempre Nordeste, haja o que houver.





A azáfama de embarque enche os últimos momentos de angústia verdadeira. Não vá se perder a mala onde vão os teres, juntados em anos de vida. Nem a rêde,
que volta. Os carregadores praguejam e querem cobrar caro, um ruído confuso enche a calçada, tudo atordoando as cabeças dos que já querem pensar na chegada



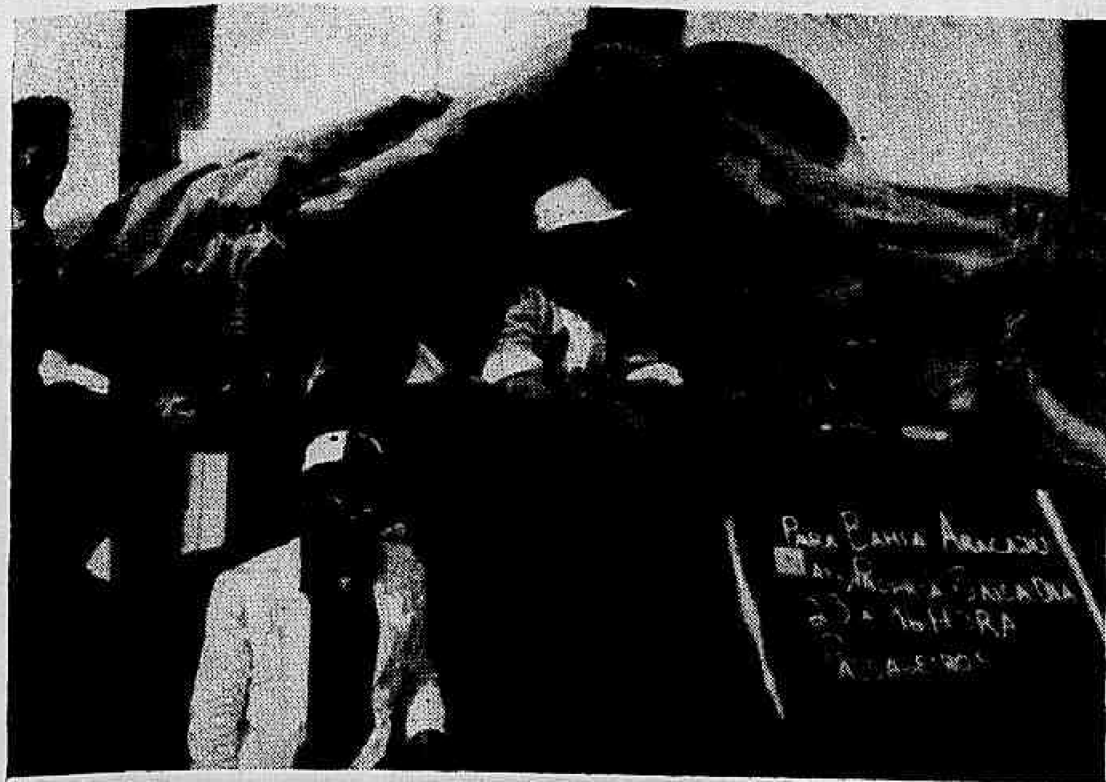
Tristeza? Enjôo? Cansaço? Encostada ao ônibus a moça parece que está chorando mas o repórter não ouviu soluço nem manha. Quem sabe, o amor ficou?

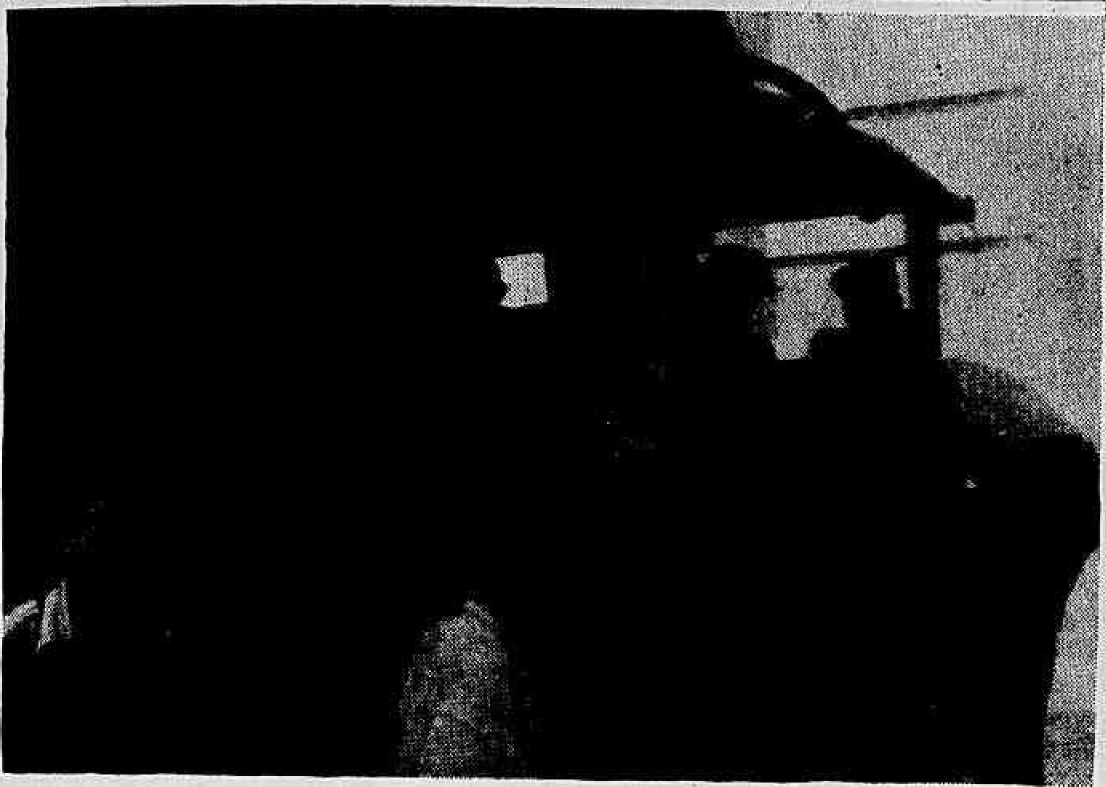


O «melting pot» nordestino está representado entre os que se repatriam dentro do próprio país. São brancos, mamelucos, mulatos, cafuzes: uma gente forte

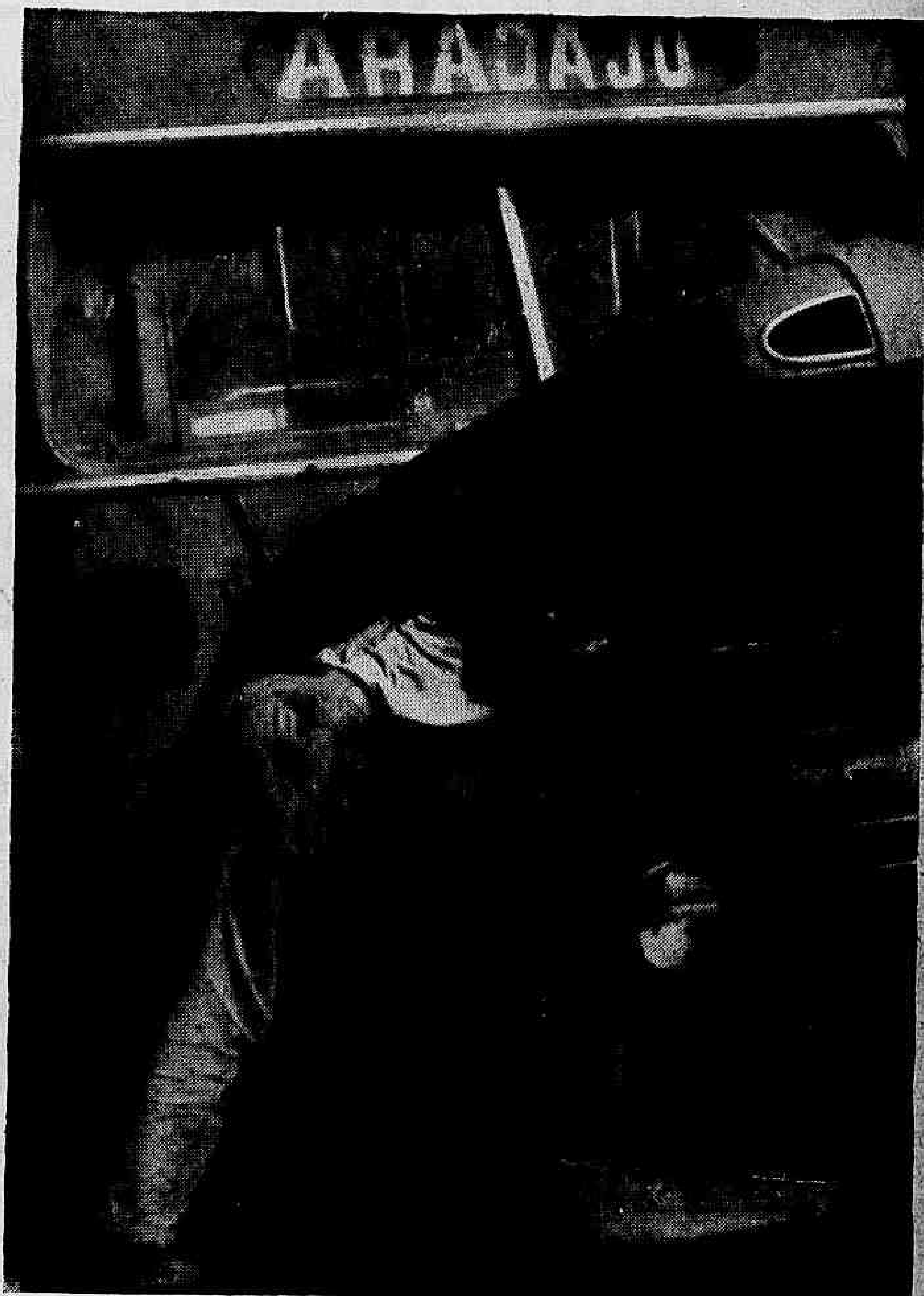


O ônibus, lotado, está pronto para seguir. Cada um no seu lugar, todos trocam entre si as impressões da partida. As caras estão alegres e os dentes de fora





Às vêzes não é ônibus a condução de volta. E' mesmo «pau de arara». Na indicação não aparece o número de passageiros, são quantos couberem, esprimidos ao máximo. Ao alto, um flagrante de frente. Em baixo, a traseira



O motor é revisto antes da hora da partida e o mecânico quase desaparece sob o «capot», medindo o óleo e revisando as peças. A licença é do Estado de Sergipe



Vencidas as canseiras dos preparativos, o «pau de arara» põe-se em marcha e começa a rodar pelas ruas de São Paulo. A longa viagem de volta começa. Vem depois a poeira das estradas, a fadiga das posições forçadas, o tédio da paisagem igual a do sertão. Mas dentro do caminhão as almas vão cantando de alegria



Grupo feito no momento em que o sr. Arthur Pires, em nome do Jockey Club, fazia o discurso inaugural, da solenidade, tendo à sua direita o presidente João Borges Filho

O JOCKEY CLUB A SALGADO FILHO

INAUGURADO O BUSTO DO EMINENTE BRASILEIRO NO HIPÓDROMO DA GÁVEA

O Jockey Club Brasileiro vem de prestar uma justa homenagem a um dos vultos de maior destaque na vida pública brasileira, inaugurando no Hipódromo da Gávea o busto em bronze do saudoso ministro Salgado Filho, um dos grandes associados e um dos maiores presidentes que já teve a nossa principal associação carreirista. No primeiro domingo dêste mês, presentes a diretoria do Jockey Club, à frente o seu presidente, sr. João Borges Filho, a senhora Berthe Grandmasson Salgado, viúva do homenageado, seus dois filhos e pessoas da família, associados, amigos do extinto e público em geral, teve lugar a simples mas tocante cerimônia de inauguração do busto, falando em primeiro lugar o presidente do Jockey, dando a palavra ao sr. Arthur Pires, que proferiu, em nome da sociedade, o discurso oficial da inauguração, no qual exaltou os invejáveis atributos de homem público e de cidadão que ornaram em vida a pessoa de Joaquim Pedro Salgado Filho, a quem o Jockey Club Brasileiro e a Nação devem os maiores e mais assinalados serviços. Em seguida, a senhora Berthe Grandmasson Salgado descerrou a bandeira do Jockey Club que cobria o busto, ouvindo-se nessa ocasião palmas e vivas ao ilustre extinto. Em nome da família de Salgado Filho fêz o agradecimento o seu filho, sr. Emílio Grandmasson Salgado. A seguir, no salão nobre do Hipódromo, a diretoria do Jockey ofereceu à família do homenageado e convidados uma taça de champagne o doces finos.



O sr. Emílio Grandmasson Salgado, filho do homenageado, agradece ao Jockey Club em nome da família do extinto



A senhora Berthe Grandmasson Salgado, viúva do ministro Salgado Filho, descerra a bandeira que cobria o busto



O presidente do Jockey Club, senhor João Borges Filho, falando antes de conceder a palavra ao senhor Arthur Pires



A GRANDE JOGADA

HÁ uma semana antes a cidade tôda anunciava pelos rádios, programas e berrantes cartazes aos pés de postes, a peleja futebolística do «Rosa de Maio F.C.» e o «São Tomé do Morro».

As rodinhas de fanáticos pelas esquinas e portas de clubes, comentavam com frenética espectativa o grande encontro, entre quentes palestras, não raro rematadas com alguns sopapos, nascidos de sólido brio de ser «flormaiense» ou «morsense», como formavam as partes dos afeiçoados.

— Desta vez o «Rosa de Maio» cospe no «São Tomé»;
— Vá, «palhaço!» Com quanto você acha que ganha?
— Com cinco a zero!
— Você aposta?
— Aposto «cem» e dou três de «lambuja»!
— Feito!

★

Chegou o domingo. Logo cedo, a primeira cousa que todos fizeram foi espiar o tempo. Mas o sol surgira num céu sem nuvens, ardente e vitorioso, prometendo maravilhosa tarde.

Depois do almôço as artérias adjacentes ao estádio «Júlio Prestes», não venciam tantos caminhões, «jeeps», peruas e charretes, que traziam blocos de rapaziada alegre e até famílias, numa azáfana ensurdecedora. À porta do campo, a fila da bilheteria rodeava o quarteirão. Negras doceiras enfileiravam na calçada os seus tabuleiros enfeitados com papel de sêda. E sorveteiros, vendedores de amendoim, pipoqueiros, tôda a classe de mercadores ambulantes, em vozes confusas:

— Amendoim! Tá torradinho!
— Geladinho! Geladinho!
— Pinhão! Pinhão!
— Olha a laranja! Laranja!

E sôbre isso, um calor de torrar pedras.

★

Tico, o centro-avante do «Rosa de Maio», tinha acabado de almoçar e palitava os dentes à janela de sua casinha, lá no fim do arrabalde. Já tinha dito à presidência do clube que não atuaria àquela tarde por motivos particulares. Quisera jogar, mas a sogra sempre severa o advertira:

— Você tem coragem de deixar sua mulher nesse estado? Isso vai ser hoje de uma hora para outra! Se precisar, quem é que vai chamar o médico?

Custava-lhe muito desistir, mas que diabo!, então o nascimento de seu primeiro filho era fato inferior ao jôgo?

Foi quando o massagista veio descendo a ladeira, apressado e suado, bradando-lhe já de longe:

— Seu reserva não pode jogar; anda com aquela unha encravada no dedão e não houve jeito! Pelo amor de Deus, você precisa aparecer lá!

Tico consultou a sogra e despediu-se da mulher que gemia na cama; se precisassem de uma pessoa para chamar o médico, mandassem um moleque qualquer. Era indispensável sua presença no campo.

Num átimo, vestiu o uniforme de suas côres e saiu correndo com o massagista atrás, entrando no campo quando já o quadro se apresentara à assistência, estando no momento em pose para um fotógrafo que fazia estourar o magnésio.

As arquibancadas regorgitavam, com boa porção de moçoilas de chapéus de palha e óculos «Ray-Ban», chupando «Coca-Cola» com canudinho. Rapazelhos com as camisas abertas, discutiam futebol aos gritos.

Da tribuna reservada às autoridades, desceu o prefeito que ia dar o chute inicial. Entrou no gramado sob aplausos, e mal ajeitado com seu corpo possante, deu um anêmico ponta-pé na bola que rolou meio metro.

Os jogadores correram cada um para sua posição.

Pririiii

Começou o jôgo. O juiz e os bandeirinhas corriam para cá e para lá. Chutes, caneladas, encontrões de virar de costas. O locutor no alto da cabine berrava o discorrer da peleja:

— Quincas passa para Dedão, Dedão para Tonho, Tonho... Gôl!!!

A assistência levanta-se emocionada num uivo coletivo, alguns rapazes abraçados, rindo às escancaras pularam pelas arquibancadas, quase a estourar de júbilo.

E todos:

— Mais um! Mais um! Mais um!...

O alto-falante:

«Pinga passapara Tico, Tico chuta, Neco cabeceia...».

Pririiii

O juiz, bracejando, passou uma descompostura num elemento que cometia uma falta, formando um grupo de dois quadros, gesticulando em protestos. O árbitro, todo vermelho, sacudia enérgico o indicador, vociferando:

— Não! Não! Foi «penalty»!
— Aí, juiz ladrão! Porco! Comedor de sardinha podre! Sujo!

Os ânimos serenaram. E sob o sol causticante, o prélio prosseguia.

★

Tico sentia em seu espírito tôda a angústia e desespêro que um ser humano pode ter na situação em que atravessava. Por que aquêle maldito jôgo não acabava logo? Como estaria a mulher? Tanta responsabilidade como jogador naquele momento, o seu desejo era sair voando, desaparecer dali. Como estaria Dirce? E seu filho, meus Deus, já nascera? Via a enorme multidão a bradar e a exigir dêle e de seus colegas o máximo desempenho; eram milhares de rostos aflitos a olharem-no, vendo-o como a uma máquina, um fantoche que necessitava ser destemido e brilhar, mas todos eram indiferentes à sua dor, aquela ânsia eterna de saber as novidades de casa. Bagos de suor corriam-lhe pela testa, mas não produzidos pela canícula e pelo esfôrço, era um liquido pegajoso e gelado, resultante do nervosismo torturador.

Quando houve o intervalo, correu ao vestiário e indagou do massagista, sacudindo-o:

— Pelo amor de Deus! Não telefonara mde casa?
— Calma, homem! Sua mulher foi para o hospital. Precisou de médico, mas falaram que não é nada...

Tico bambeou. Santo Deus! Era grave a situação. Implorou ao presidente que o deixassem ir embora, queria ver a espôsa.

— Mas, e a responsabilidade do quadro, rapaz! E o jôgo? Sua mulher está nas mãos do médico, está bem. Calma, volte ao campo, não podemos perder hoje!

Tico tremendo, retorna à luta, mas sua atuação torna-se péssima. O ponta-direita, seu companheiro, recebeu um «passe» da defesa e avançou, chegou às imediações da área, e executando um «centro», fêz a bola voar sôbre a cabeça de Tico, mas êste com o pensamento longe, colocou a mão sôbre ela, prejudicando um possível «tento» para seu quadro.

(Cont. no próximo número)

Conto de **WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES**

Ilustração de **GIPSON DE FREITAS**



ELEGANTES

Nesta sugestiva e elegante coleção de modelos para passeio, você encontrará, sem dúvida, algum que certamente irá de encontro ao seu apurado bom-gôsto.



CONSEGUIRIA FRANK, AUXILIADO POR DOREEN E ROSEMARY, ALCANÇAR A FAMA COM QUE SEMPRE SONHARA?

Êles planejavam ser famosos juntos, e a história do seu amor vai ser lida agora. Mas, se bem que a letra fôsse de Rosemary, as canções de Frank alcançaram êxito pela interpretação de Doreen, que lhes deu fama.

Oh! Frank! Vou sentir muita falta de você! Mas ficarei a rezar pelo seu sucesso!

Pensarei sempre em você, querida. Seu amor me dará coragem para vencer!

Frank Bennett e eu escrevemos uma dança escolar e uma opereta para nossa turma de graduados. Eu escrevi a letra e Frank, a música. Todo mundo predisse grande sucesso para nós. Era belo trabalharmos juntos, pois nos amávamos e nosso sonho era o de nos casarmos logo que nossa canção fôsse publicada. Sabíamos que Nova York era o lugar certo para explorarmos nossas criações. Como não era possível irmos juntos a Nova York, reunimos nossas economias e Frank partiu a fim de fechar contrato com alguma editôra.

Os dias se passavam e as notícias de Frank não eram otimistas...

Pobre Frank! Nada conseguiu ainda e está alarmado com a falta de recursos!

Êle abandonou o seu bom emprêgo aqui em nossa casa, para aventurar em Nova York. Espero que você seja bastante sensata para não mandar-lhe dinheiro!

Eu passei tôda a minha vida trabalhando para edificar esta casa, Rosemary, e sempre esperei que, um dia, eu entregaria tudo a você e ao seu marido. Mas não estou certo de que um genro que escreve canções poderia assumir a responsabilidade!

Ah! Meu pai! O senhor não pode compreender! Eu e Frank somos sócios no assunto, e um dia seremos famosos!

Bobagem! Canções! Eu dei o emprêgo a Frank quando vocês se graduaram, porque percebi que você devia deixar essas puerilidades. Se êle não reassumir o lugar em duas semanas, não será mais recebido. Pelo menos, por mim.

Nem êle, nem eu estamos interessados em trabalhar em balcão. Todo mundo nos estimula, menos meu pai. E eu sei que faremos sucesso com as nossas músicas

A despeito da oposição de meu pai, sempre que eu recebia meu pequeno salário, mandava a maior parte dêle para Frank. Um dia...

Oh! Eu sabia que isso aconteceria! Frank vai encontrar oportunidade para nossas canções no programa de televisão de Doreen Delane!

Não demorei a espalhar a grande notícia!

Rosemary! Que maravilha! Doreen Delane é realmente de abafar! O seu programa "Todos devem conhecer", é excelente

Não vai à cidade para lançar o programa, Rosemary?

Não... é ainda cedo. Acho que Frank deve fazê-lo por si mesmo!

Na noite da estréia do programa de Doreen, fui à casa de uma família amiga, que possuía televisão, para ver o seu lançamento...

Entre as novidades que "Todos devem conhecer", aqui está um jovem que muito promete! Seu nome é Frank Bennett, e esta noite eu cantarei algumas das canções que êle compôs!

leon eliachar apresenta:

NAS TELAS

À margem do espetáculo

INCÓGNITA — Dalila volta ao mercado para ser vendida a dez cruzeiros. Não há explicação para semelhantes reprises, ainda há pouco lançadas na cara do espectador.

EXEMPLO — A propósito do II Festival Cinematográfico de Punta Del Este, a Bandeirantes de São Paulo mandou o cinegrafista Pedro Tôrre fazer a cobertura cinematográfica. O resultado foi excelente, apresentando um total de 3 "shorts", com boa fotografia, montagem e narrativa. Marino Neto leu um texto, de sua autoria, que combina perfeitamente com as imagens. Estas, por sua vez, apresentam um princípio, meio e fim. Tal como devem ser feitos os filmes de curta metragem. Coisa de que o Brasil, infelizmente, anda pobre. Muito pobre.

MÃOS À OBRA — São Paulo tem um projeto de construção de 40 cinemas, ainda para êste ano. O Rio, pobre coitado, continua deficiente tanto em qualidade como em quantidade de casas de espetáculos. Estamos precisando de mais um Severiano Ribeiro.

SERÁ QUE SOBRA? — A Censura promete fiscalizar a qualidade dos filmes nacionais, evitando assim que películas de péssima categoria sejam favorecidas pela lei dos "um por oito". Veremos.

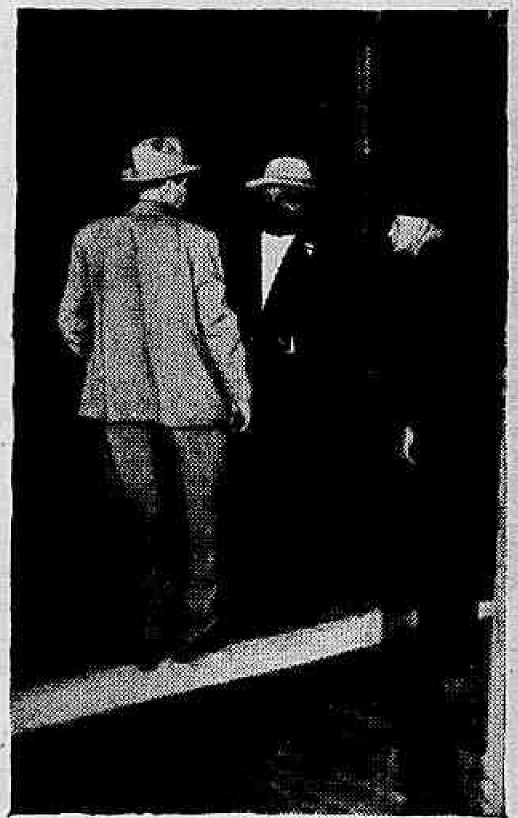
BOA IDÉIA — Falou-se na organização de um Festival Cinematográfico Internacional realizado aqui no Brasil. A idéia não é má, mas é preciso que se estude o caso com simpatia e sinceridade para que se evitem os erros de que somos testemunhas no estrangeiro. Especialmente agora que o cinema indígena está tomando proporções cada vez maiores, tal contato, com cineastas de todo o mundo, só pode nos trazer grandes proveitos.

E' O DIABO — As coisas na Flama parece que se inflamaram e a filmagem foi interrompida. Luís Delfino, o ator, desentendeu-se com Moacir Fenelon, o diretor, e o estúdio transformou-se repentinamente num "ring" de luta livre. Os dois parece que estavam "com o diabo no corpo". Pergunta: quem será substituído, o ator ou o diretor? Ou, quem sabe, a fita tôda?

O MUNDO NÃO PERDOA

(INTRUDER IN THE DUST — Metro)

(Sessão especial)


PORTER HALL
Grande desempenho

De quando em quando, fugindo à rotina de suas produções estritamente comerciais, Hollywood, contornando com habilidade a severa mordaça da Censura, apresenta ao mundo algumas películas audaciosas, ferindo de perto alguns de seus mais intrínsecos problemas sociais. O preconceito de côr, por exemplo, um de seus mais angustiantes problemas, foi abordado em alguns filmes felizes como "Clamor Humano", de Mark Robson, "O que a carne herda", de Elia Kazan, "O ódio é cego", de Joseph Mankiewicz, e "Fronteiras perdidas", de Louis de Rochemon. Cada um, dentro de sua categoria e dentro de suas intenções, consegue frisar e acentuar a diferença social que se verifica entre brancos e negros, devido ao preconceito de côr. Se não me engano, "O Mundo não perdoa" é, talvez, o que atinge melhor êsse objetivo, e Clarence Brown, um dos melhores diretores do passado, reabilita-se com essa película. A história, inteligente e discreta, conta-nos, aparentemente, um caso policial. Um homem é assassinado, numa povoação dos Estados Unidos; um negro é detido como suspeito. Tôda a população se dirige à polícia para ver a punição do homem. E' um prazer sádico de vê-lo na fôrca, ao mesmo tempo que alguns se rebelam com o intuito de linchá-lo. Um advogado branco, a pedido de seu sobrinho, que fôra salvo pelo réu de morrer afogado, toma a defesa do negro — até provar sua inocência. Quando é prêsô o verdadeiro criminoso — um branco — a população se afasta, lentamente, para seus lares. "Êles fogem de si mesmos, de sua própria consciência" — diz o advogado. A narrativa é levada num clima de suspense. Mais que o mistério do crime, repousam nas imagens e, sobretudo nos diálogos, as intenções de acentuar o forte preconceito racial que existe nos Estados Unidos. Não tem música de fundo para acentuar situações; elas se acentuam por si mesmas. O silêncio que envolve os personagens, algumas vêzes, é um silêncio sufocante, que nos toca a própria consciência. E' como que um grito de revolta, um grito angustiante, que encontra eco apenas nas imagens. O filme não apresenta, como os outros também não, uma solução para o problema — deixando na mente do espectador aquela dura verdade. Dura a tal ponto de se jogar, com brutalidade e ódio, os direitos de um homem, humano como qualquer de nós e, embora sem culpa comprovada, a um passo à beira da morte. "O Mundo não perdoa" é um filme artístico, feito com critério, com senso de responsabilidade. As interpretações de Porter Hall (o negro), David Brian e Claude Jarmen Jr. estão impecáveis. A fotografia é esplêndida e a direção de Clarence Brown é impressionante. Um bom filme para adultos ou para pessoas de mentalidade mais desenvolvida. Porque, como bilheteria, será um completo fracasso. Tanto que a Metro, sabendo disso, está receosa de lançá-lo.

CYRANO DE BERGERAC

(CYRANO DE BERGERAC — United)


JOSÉ FERRER
Impõe-se ao nariz

Do imortal livro de Rostand, que deu várias e sucessivas representações nos palcos da Broadway, inclusive uma encenação com o próprio José Ferrer que durou anos em cartaz, essa transposição à tela consegue manter-se fiel ao texto. Embora teatral, e talvez por isso, o filme não agrada — não só pelo seu conteúdo como pela interpretação de Ferrer, que consegue dominar todo o filme. Vale a pena ser assistido, especialmente, por essa performance que lhe deu um prêmio da Academia. Bem merecido, aliás. Miguel Gordoni consegue uma boa direção sôbre os atores.

JAMAIS TE ESQUECEREI

(I'LL NEVER FORGET YOU — Fox)


TYRONE POWER
Perdendo público

De um argumento de Ronald Mac Dougall, que poderia resultar num bom espetáculo, temos apenas um filmezinho fraco e pretensioso, estrelado por Tyrone Power que, diga-se, está perdendo o seu cartaz na bilheteria. Michael Rennie domina com facilidade o "cast", que conta com a presença de Ann Blyth. O diretor Roy Baker não consegue fazer milagres, tanto por deficiência própria como do próprio cenário. Contudo, aos que não são exigentes, pode-se recomendar êsse filme como um passatempo leve e divertido, embora não seja seu objetivo fazer rir à platéia.

Cinema

cinema

O NOVO VALENTINO



Anthony Dexter estudou durante muito tempo os filmes de Valentino,



a fim de que pudesse obter a máxima fidelidade de sua personalidade



HÁ quatro anos atrás, Anthony Dexter era um obscuro ator que lutava para aparecer na Broadway. Hoje é um dos mais populares artistas do cinema americano. Tudo isso êle o deve apenas ao fato de parecer extraordinàriamente com Rodolfo Valentino, o famoso ídolo que desapareceu em 1926. Porque Dexter é o astro de "Rodolfo Valentino", tecnicolor da Columbia que revive os tempos e os amôres daquele que até hoje é considerado o maior galã de todos os tempos.

Anthony Dexter nasceu em Nebraska e passou a sua infância em Talmadge, nove milhas ao sul daquela cidade. Realmente seu nome é Walter Reinhold Alfred Frederick Fleischmann. Filho, neto, bisneto de pastôres protestantes, nem êle nem seus dois irmãos sentiram-se atraídos pela religião. Assim é que, enquanto seus parentes levam a fé às populações de Iowa, Kansas e Colorado, Curt distingue-se como cantor, Vic é professor de música e Anthony torna-se famoso no cinema como o novo Valentino. Anthony distinguiu-se durante o curso secundário por ser um excelente orador, um bom jogador de futebol e pela sua bonita voz de barítono. Deixando a Talmadge High School, passou para o Colégio Luterano de Hebron e depois para o Colégio Saint Olaf, em Northfield. Neste último, distinguiu-se particularmente como integrante do famoso Côro Saint Olaf. E não pôde mais praticar esportes, pois aquêle colégio religioso proibe isso aos seus alunos. Mas tomou parte em peças teatrais como "Everryman", o que lhe despertou o desejo de seguir a carreira teatral. Deixando o Saint Olaf, matriculou-se na Universidade de Iowa, onde dois anos mais tarde graduava-se em arte dramática. O Dr. Ellworth P. Conkle, escritor teatral, foi quem animou Anthony a tentar a sorte no palco. Emprestou-lhe 100 dólares para uma viagem a New York e deu-lhe algumas cartas de apresentação. A estréia de Anthony Dexter como profissional deu-se graças a Margaret Webster, filha da nossa conhecida Dame May Whitty, que era diretora das produções de Maurice Evans. Margaret fêz o rapaz estrear ao lado da famosa Eva La Galliane em "Ah, Wilderness", de O'Neill, no Teatro Guild. Naquela época Anthony usava o nome de Walter Craig. E obteve relativo sucesso nos palcos. A guerra trouxe uma pausa para a carreira artística de Anthony, que alistou-se no Exército americano. Serviu durante três anos, dois e meio dos quais prestando serviços na Europa, tendo chegado ao pôsto de Sargento. Uma das fases mais interessantes dêsse período foi quando a Embaixada Americana o requisitou para fazer uma série de conferências em Universidades e grupos cívicos da Inglaterra, com o fim de melhorar as relações anglo-americanas. E também o fato de ter sido designado para representar, no Teatro Real da Dinamarca, o papel de David na peça "Cláudia", em um espetáculo especial para a Família Real. Cláudia era Marjorie Jeanne Todd, que é hoje sua espôsa. Anthony recebeu por sua "performance" uma citação meritória. Voltando aos Estados Unidos e à vida civil, continuou lutando no teatro. Sua grande oportunidade veio dois anos mais tarde, quando conseguiu, ao lado de Katherine Cornell, um "role" em "A Familia Barrett" (The Barretts of Wimpole Street). Naquela época o produtor Edward Small já havia "testado" cêrca de 75.000 pessoas para o papel de Rodolfo Valentino no filme que êle tinha em mira. Estava quase desanimado, quando Katherine Cornell sugeriu-lhe que experimentasse Dexter. Small, que desde 1936 andava buscando êsse galã, aceitou o conselho e o teste foi um sucesso! Desde então Edward Small passou a "treinar" o seu pupilo para ser Rodolfo Valentino. Trocou o seu nome para Anthony Dexter, deu-lhe um famoso professor de dança, — Frank Veloz — do famoso "team" Veloz e Yolanda. E Lester Luther, professor de arte dramática, tratou de desenvolver em Dexter o seu natural talento histriônico. No fim de tudo isso entregou ao rapaz o papel principal de "Rodolfo Valentino". Êsse filme relata episódios da vida do Grande Amante e retrata a época em que êle viveu.

Fotos Columbia



Esta é uma cena de «Rodolfo Valentino», onde Anthony Dexter vive a imortal figura do ídolo do passado, que é lembrado até hoje com saudades

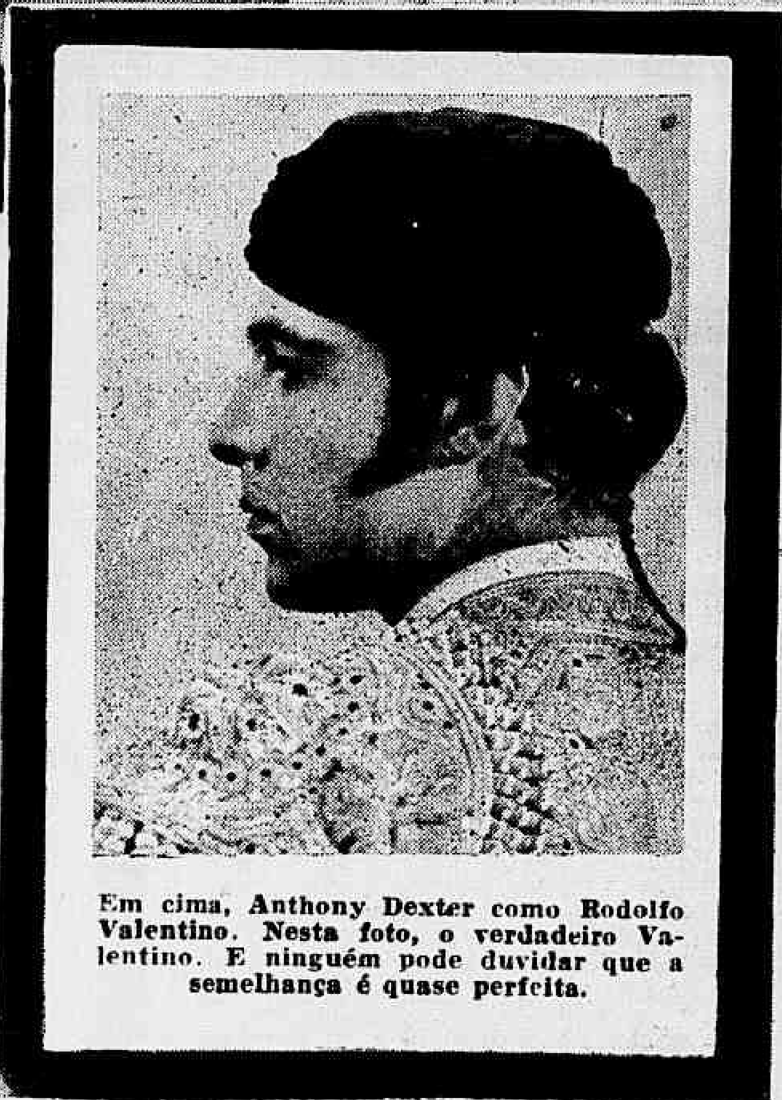


Durante o período de filmagem, Dexter ficou proibido de ir a «night-clubs» e dançar. Isso evitaria que perdesse os passos a Valentino que estava aprendendo



Fotos Columbia

Dentre 75.000 testes realizados Anthony Dexter foi escolhido para viver na tela a figura do maior amoroso de todos os tempos



Em cima, Anthony Dexter como Rodolfo Valentino. Nesta foto, o verdadeiro Valentino. E ninguém pode duvidar que a semelhança é quase perfeita.

Trajetória cinematográfica de VITTORIO DE SICA

VITTORIO De Sica nasceu em Sora (Frosinone, Itália) a 7 de julho de 1902. Estudou Direito em Roma e se iniciou no teatro, em 1923, na Companhia Pavlova. Depois de algum tempo adquiriu um estilo próprio, sóbrio e seguro, ligeiramente irônico, tirando assim maior partido dos papéis de galã que lhe davam geralmente. Suas faculdades de ator se desenvolviam ainda mais com a experiência adquirida em outra companhia, a de Tofano-Almirante-Rissona. Não desdenhou da revista, sobretudo quando descobriu que possuía uma bonita voz. Da revista teatral à cinematográfica, era um passo — e êste foi dado, transformando-se num astro nacional. Mario Camerini descobre então suas grandes virtudes para o cinema. Passam-se alguns anos de busca e experiência. A qualidade de "Maddalena", "Zero in codotta", "Tereza Venerdi" e "Un garibaldino de convento", não ocultam certa insegurança de estilo, de tema e expressão. O ano de "Rose scarlatte" é também o ano de "La peccatrice", filme protagonizado por De Sica. Já então um grupo de homens se reúne para levar mais a sério o cinema italiano: fala-se então de Zola e Verga, de "realismo" e "verismo". As predileções de De Sica se concentram com "I bambini ci guardano" e "La Porta del cielo", em 43 e 44, respectivamente. O universo das crianças, dos débeis, das vítimas, o interessam prodigiosamente. Em "Siuscha" De Sica nos mostra através dos olhos de seus personagens, inocentes, apesar de tudo, os aspectos repugnantes do "mundo adulto", que sabe ser tão implacável e tão hipócrita. Em uma seqüência magistral, êle nos mostra o menino tuberculoso, alucinado por uma única recordação, o mar, ante a tela onde desfilam cenas cruciantes de batalha.

Em "Siuscha" produz-se um contato não casual. Vittorio De Sica colabora com Cesare Zabattini (e já haviam trabalhado juntos em outros filmes). Não existe na Itália escritor mais popular. A simplicidade de sua prosa, a violência de seu humor, o jôgo de sua imaginação se encaixa perfeitamente dentro da concepção de De Sica.

Vittorio De Sica é sempre êle mesmo, com um rosto que recorda estranhamente D. W. Griffith, quando tinha quarenta anos. Se realmente existe uma escola neo-realista italiana, estamos ante seu fundador. Quando alguém lhe perguntou, certa vez, o que fazia para obter interpretações tão reais de indivíduos apenas fotografáveis, êle contestou:

— "E' a parte mais interessante de meu trabalho e a mais apaixonante. Muito antes de filmar, um ou dois meses antes, vivo o maior tempo possível junto aos meus personagens. No princípio, sabendo que vão filmar, quase enlouquecem, arranjam difíceis absurdos. Seriam incapazes de sentar-se e dizer uma palavra. Passa o tempo, vamo-nos conhecendo, aproximamo-nos, e termino por fazê-los participar da história que deverão viver. Por fim, entregam-se a ela inteiramente — então começamos a filmar.

(Cont. na pág. 46



O OURO DOS PIRATAS

Uma expedição perigosa nas costas da Nova Guiné





(Crosswinds)

ELENCO

Steve Singleton	*JOHN PAYNE*
Jumbo Johnson	*FOREST TUCKER*
Katherine Shelley	*RHONDA FLEMING*
Nick Brandon	*ROBERT LOWRY*
Bumidai	*FRANK KUMGAI*
Daubrey	*ALAN MOWBRAY*
Mousey Sykes	*JOHN ABBOTT*



Argumento de Lewis R. Foster, de uma adaptação da novela "New Guinea Gold", feita por Thomson Burtis. ★ Um filme da Paramount. ★ Direção de LEWIS R. FOSTER.

STEVE Singleton, audacioso capitão da escuna "The Seeker", está quase falido quando aporta em Kura Bay, um lugarejo perto de Port Moresly. Por esta razão êle fica muito interessado quando Jumbo Johnson, um negociante, oferece-lhe uma sociedade numa expedição de pérolas na costa da Nova Guiné. Jumbo está preparando o equipamento, a tripulação e os papéis, enquanto que Steve prepara o navio. Embora prevenido pela atrativa Katherine Shelley, que trabalha na Companhia de Minas Atlantic Ltda., que lhe diz ser Jumbo conhecido em tôda a ilha como um inescrupuloso trapaceiro, Steve segue adiante com o negócio. Êle não sabe que Jumbo ambiciona a posse do seu navio por que, sendo traficante no rio, o barco é justamente o de que êle precisa para suas escusas expedições. Jumbo e Nick Brandon, um aviador da Atlantic, planejam levar um carregamento de ouro num avião até um navio onde Jumbo estaria esperando e depois afundariam o navio, como se Nick tivesse morrido, ao roubar o metal.

Só quando êles são presos pela patrulha da costa, por tráfico ilegal, é que Steve descobre que os papéis arranjados por Jumbo são forjados e que êle o está traindo. Jumbo consegue eximir-se da culpa e Steve, não tendo dinheiro para pagar a fiança de sua prisão, vê seu barco ser vendido em leilão e comprado por Jumbo. Cumprida a sentença, Steve volta a Kura Bay para ajustar contas com Jumbo e reaver seu barco. Lá se encontra com Bumidai, um membro oriental da tripulação antiga, o qual lhe conta ter Nick desaparecido num vôo, levando Katherine com êle.

Nenhum traço dos dois é encontrado e todos crêem que foram capturados pelos caçadores de cabeça que pululam na região. Jumbo também se escafedeu com o barco e sua tripulação. Convencidos de que Jumbo fôra por em prática seu plano de roubar o metal, Steve, Bumidai e mais dois companheiros, Daubrey e "Mousey" Sykes, vão em perseguição do traficante, num barco de Sykes.

Nas cabeceiras do rio êles se encontram com Katherine prisioneira dos gentios e Nick morto. Steve, ousadamente, salva a moça. Ela desconhecia os planos de Nick e, por isso, fôra com êle. Steve, percebendo que Daubrey e Mousey pensavam trai-lo, põe-se de sobreaviso e, quando isso se dá, êle consegue enganá-los, tomando-lhes o barco. Katherine mostra-lhe onde está o ouro, que é recuperado. Bumidai tinha sido morto por ocasião do salvamento da moça. Daubrey mata Mousey numa briga e, por sua vez, é morto numa sortida dos silvícolas, ocasião em que Jumbo também é massacrado. Steve e Katherine conseguem escapar para Kura Bay e casam-se e são muito felizes. Sim senhor.



FLASHES



Ninon Sevilla, atriz mexicana, chegou ao Rio acompanhada pelo produtor Pedro Calderon (seu marido na vida real), onde deverão filmar parte de uma película cuja ação se desenrola no México e no Rio. Na foto, da esquerda para a direita, o cronista Leon Eliachar, a estrêla e o produtor



Depois de terminada a filmagem de «Uma Rua Chamada Pecado», a atriz Vivian Leigh recebeu, de seus colegas, um bolo chamado «Desejo». Aqui a vemos, feliz, festejando o acontecimento nos estúdios da Warner Bros. Vivian foi considerada a melhor atriz do ano pelo «Film Daily», por êsse desempenho

O novo filme de Mario Lanza é "Because You Are Mine", cujos trabalhos estão adiantados, sendo de Alexander Hall a direção. Nesse filme faz sua estréia no cinema a morena Doretta Morrow, dona de linda voz. Paula Corday e James Whitmore estão no elenco.

★

Para as cenas de seu casamento com Stewart Granger em "Scaramouche", novo superespetáculo da M.G.M., em Tecnicolor, Janet Leigh usou sua própria aliança (Janet casou-se há pouco tempo com o ator Tony Curtis). Eleanor Parker é outra figura importante do elenco dêsse filme de aventuras, cuja história, de Sabattini, foi, há alguns anos, um dos sucessos de Ramon Novarro, sob a direção de Rex Ingram, lembram-se?

★

"Skirts Ahoy!" é o título final do novo filmusical Metro-Goldwyn-Mayer em Technicolor com Esther Williams. No elenco estão Joan Evans, Vivian Blaine, Barry Sullivan e Keefe Braselle.

★

Leslie Caron, a bizarra pequena de "Sinfonia de Paris" (An American in Paris), está mesmo fazendo carreira. Acaba de ser escolhida para importante papel em "The Seven Souls of Clement O'Reilly", ao que anunciam os estúdios da Metro. Leslie Caron foi elemento de destaque do "Ballet des Champs Elysées", sabiam? Foi Gene Kelly o seu descobridor, quando êsse "astro" estêve em Paris estudando elementos para a realização dêsse filme.

★

Farley Granger fará parte do elenco invulgar de "Story of Three Loves" filme que Sidney Franklin produzirá e que se divide em três histórias. Farley interpretará com Leslie Caron o episódio que se intitula "Mademoiselle", cuja direção será de Vicente Minnelli. Outro episódio terá Pier Angeli e Ricardo Montalban como primeiras figuras, e se intitulará "Equilibrium", e o último será "Ballerina", com Moira Shearer, a famosa bailarina. Os dois últimos episódios serão dirigidos por Gottfried Reinhardt.

★

"O Convite" (Invitation) promete constituir um dos sucessos mais interessantes da próxima temporada. A história é absorvente e a direção, de Gottfried Reinhardt, está recebendo grandes elogios. Intérpretes: Van Johnson, Dorothy McGuire, Louis Calhern e a linda Ruth Roman.

★

O elenco completo da nova versão de "A viuva Alegre" (The Merry Widow) é êste: Lana Turner, Fernando Lamas, Una Merkel, Richard Haydn Thomas Gomez, John Abbott, Marcel Dalio, King Donovan, Robert Coote e Sujata. A direção é de Curtis Bernhardt. O filme é em Technicolor e explora tôda a famosa partitura de Franz Lehar.

★

A "premiere", em Londres, do colossal "Quo Vadis", foi espetacular — o que não podia mesmo deixar de acontecer. Personalidades famosas dos circulos politicos, artisticos e sociais compareceram à apresentação dupla, realizada com grande pompa no Carlton e no Ritz, duas das mais belas e famosas casas da grande capital. Da interpretação do colossal "Quo vadis" estiveram presentes Leon Genn, Peter Uslinov (o intérprete de Nero), Patricia Laffan, Norman Wooland e Nora Swinburne. Tôda a imprensa londrina endereçou a "Quo Vadis" os mais expressivos elogios.

★

Grande parte de "O Milagre do Quadro" (The Light Touch), o filme que juntou Pier Angeli e Stewart Granger, foi filmado na Itália, nos belissimos cenários naturais da Sicilia.. George Sanders completa o elenco dêsse filme altamente romântico.

★

Joseph Cotten voltou aos estúdios da Metro (onde há anos interpretou "À Meia Luz"), para interpretar importante papel com Barbara Stanwyck em "O Homem da Sombra".



A linda e exótica Gene Tierney adora seu filhinho de ano e meio de idade. Gene gosta, ela mesma, de preparar os alimentos de seu bebê, mostrando que acima da categoria de estrêla est a felicidade de ser mãe →



"NOS últimos dois anos" — explica Deborah — "minha carreira cinematográfica tem sido como uma escola para mim. Aprendi uma enormidade de frases e centenas de dialetos, enquanto estava na África filmando "As Minas do Rei Salomão". Isso não foi muito difícil, pois os nativos têm uma linguagem muito simples, composta quase que de adjetivos e não é muito duro aprendê-la. Não quero dizer com isso que seja uma completa linguista, mas asseguro que poderia viajar sem intérprete através da África".

Logo que terminou a filmagem de "As Minas", ela seguiu para a Itália, para tomar parte no filme "Quo Vadis", com suas cenas filmadas em Roma. "Mais uma vez" — disse ela — "terei de vencer a barreira das línguas, pois não sei passar dois dias num país sem começar a aprender-lhe o idioma. Os italianos falam uma lingua romântica e musical, mas meus conhecimentos de francês sempre me auxiliam, se bem que, em certas ocasiões, precise de intérprete".

Agora, em "Uma Aventura na India", vemos novamente Deborah Kerr às voltas com novos linguajares. Seu claro e magnífico sotaque inglês transformou-se, como num passe de mágica, no aglomerado de cadências e notas musicais que fazem do idioma do Hindostão um dos mais difíceis do mundo. O acessor técnico no filme, Karam Dahliwal, um nativo da India, assegurou que a pronúncia de Deborah é perfeita, prova cabal da capacidade artística da que é considerada como a mais dedicada "estrêla" do cinema contemporâneo. Antigamente, seu contacto com línguas estranhas se restringia às conversações normais dos estúdios, mas agora ela se vê falando hindostão em frente à uma câmara e um auditório por demais exigente. O fato dela ter aprendido seu papel em apenas duas semanas serve como uma prova de sua capacidade. Mas como pôde ela aprender tão ràpidamente essas partes em hindostão? A explicação é simples: Dahliwal, que fala corretamente êsse idioma, gravou em discos os diálogos, separando-os em duas partes. Numa, êle os leu normalmente, como devem ser lidos em frente à câmara. Na outra, repetiu as frases pausadamente, frase por frase, sílaba por sílaba. Quando Deborah ia para casa, sentava-se quietamente em frente à vitróla e repetia logo após tôdas as frases, até que conseguia pronunciá-las como uma verdadeira nativa. No entanto, o hindostão é uma língua realmente difícil, cheia de inflexões peculiares e totalmente desconhecidas para quem fala o inglês.

"Se continuar assim" — finaliza a linda "estrêla" — "serei, dentro de mais dois anos, uma professôra completa de línguas e, mesmo que fracasse no cinema (o que não acreditamos), não morrerei de fome..."

Traços biográficos: Seu nome verdadeiro é Deborah Kerr Trimmer. Nasceu em Helensburg, Escócia, a 30 de setembro de 1921 (29 anos). Casada com Anthony Charles Bartley, cinegrafista amador, desde 1945. Tem uma filha de 3 anos e meio, Nalanie Jane. Era atriz de teatro e bailarina, quando estreiou no cinema em "Major Bárbara", em 1940. Seus sucessos na tela: "Longe dos Olhos", "Narciso Negro", "Meu Filho", "Inverno D'Alma", "Mercador de Ilusões", e muitos outros. Tem cabelos vermelhos e olhos verdes. Sessenta e dois quilos de simpatia e beleza.

Durante as filmagens de «As Minas do Rei Salomão» Deborah estêve na Africa, onde aprendeu uma série enorme de frases e dialetos. Depois seguiu para Roma, para filmar «Quo Vadis», onde aprendeu a falar italiano

deborah Kerr

Fotos Metro e Paramount



TEM VIAJADO TANTO QUE ESTÁ SE TORNANDO UMA



Agora Deborah teve de ir para à Índia, para filmar «Uma Aventura na Índia», com Alan Ladd, o que lhe proporcionou aprender o hindostão. Deborah, que é escocesa, é casada com o inglês Anthony Charles, que a acompanha em quase tôdas as viagens, pois é cameraman profissional. Assim, aproveita para praticar os idiomas junto com a espôsa



VERDADEIRA POLIGLOTA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DR. LUIZ FRAGA

SUBLIMAÇÃO

SUBLIMAÇÃO é o progresso psíquico pelo qual os objetivos e o campo de ação do instinto sexual são mudados e substituidos por outros de valor social ético mais clevedo, saciando-se o instinto dessexualizado respectivo, tornado inocuo.

Pedro Paulo é um advogado de mais de trinta e menos de quarenta anos. E' homem de relativa cultura filosófica e louvável inteligência.

PEDRO PAULO — Sou um toxicômono.

MÉDICO — Qual o tóxico?

PEDRO PAULO — Elisa.

MÉDICO — Não o compreendi. Será um sinônimo?

PEDRO PAULO — Trata-se de u'a mulher.

MÉDICO — Explique-se, por favor.

PEDRO PAULO — Sou casado. Bem casado, aliás. Seduzi uma jovem, talvez por esporte.

MÉDICO — O senhor é excêntrico...

PEDRO PAULO -- Conheci-a, fi-la gostar de mim, entregar-se, amar-me e habituar-se ao meu amor. Sim, amei-a, sem o querer. Amei-a mais do que pensava, quase esquecendo os deveres que me prendiam ao lar. Ela parecia sincera. Não me exigia mais do que a correspondência ao amor que me dava. Tivemos uma vida intensa. Tudo entre nós parecia perfeito, como se houvessemos nascido um para o outro. Elisa respeitava a minha condição de chefe de família. Nossa vida se fazia à luz do sol. Não me perturbava durante a noite. Ao morrer do sol despediamo-nos para rever-nos no dia seguinte. Eramos felizes, até que um dia ela me traiu.

MÉDICO — E' o ritmo normal dêsses amôres.

PEDRO PAULO — Talvez. Mas o nosso parecia diferente.

MÉDICO — A' beira do fogo tudo parece diferente.

PEDRO PAULO — Traiu-me com virtude.

MÉDICO — Uma fórmula nova.

PEDRO PAULO — Confessou-me gostar de outro.

MÉDICO — Não foi bem uma traição, mas uma transferência.

PEDRO PAULO — Elisa enganara-se. Penitenciou-se e quis voltar. Perdoei-a.

O reinício foi mais forte. Recuperamos o tempo perdido, mas Elisa gosta da vida social que eu lhe não poderia dar. Uma nova amizade que ela dizia desinteressada, animou-a. Eu sou muito ciumento e tenho o senso do ridículo. Propus-lhe um amor sob a forma do cinismo.

MÉDICO — O dr. é um tanto estravagante em suas classificações.

PEDRO PAULO — Não haveria compromissos entre nós. Encontrar-nosiamos sem exigências e sem perguntas. Ela repeliu a proposta e eu aceitei a nova situação.

MÉDICO — Nova situação?

PEDRO PAULO — Reiniciamos novamente. A volubilidade de Elisa, todavia, revoltava-me. Encerrei a nossa vida de amôres.

MÉDICO — E agora?

PEDRO PAULO — Ela é envolvente e sei que me ama.

MÉDICO — De um modo singular. Que pretende fazer?

PEDRO PAULO — Sinto-me aturdido.

MÉDICO — De fato assim procedem os toxicômonos. E daí?

PEDRO PAULO — Venho em busca de seu conselho.

MÉDICO — O dr. é inteligente e parece equilibrado. Adote a transferência positiva. E' uma forma aproveitável na cura psicanalítica. Nas outras curas meramente sugestivas, obtem-se resultados pouco duradouros. E' uma penitência a que o senhor obrigar-se-á, pelo mal feito a Elisa. Sublime o seu amor. Seja um seu amigo. Sirva-lhe de conselheiro mas livre-se duma nova reincidência que, no caso, à semelhança da morfinomana, é sempre fatal. Degeneraria. Guarde o que de melhor o seu pecado lhe deu. Devote-se sinceramente à sua família.

Considere o passado e depois tôdas as mudanças do présente: assistirá de antemão o futuro. Êste espetáculo será sempre inteiramente igual, porque não se poderia desviá-lo do ritmo dos acontecimentos. A vida humana é assim também, quer a contemplemos por quarenta anos, quer por uma centena de séculos.

CORRESPONDÊNCIA

Marília — Tijuca — Não é possível.

Ronaldo — Botafogo — E' questão de exercícios.

Júlia — B. Horizonte — Procure um oculista.

Denise — Salvador — Procure um neurologista.

Ceníra — Copacabana — Meu consultório é à Rua Senador Dantas, 76, 4º and. diàriamente, a partir das 14 horas.

COUPON

Nome: ....

Pseudônimo: ....

Data do nascimento: ....

Estado civil: ....

Profissão: ....

Residência: ....

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL FOI A PRIMEIRA «MULHER FATAL» DO CINEMA:

— Teda Bara?
— Greta Garbo?
— Mary Pickford?

2 — QUAL O GRANDE INVENTOR QUE DISSE: «A MAIOR DAS INVENÇÕES FOI A FOICE»:

— Santos Dumont?
— Edison?
— Stephenson?

3 — EM QUE MAIS SE OCUPAM OS NORTE-AMERICANOS:

— Na agricultura?
— Na indústria?
— Nas profissões liberais?

4 — QUE NOME DAVAM AO RIO MISSISSIPI, OS INDÍGENAS DA REGIÃO:

— Rio das Mortes?
— Mar que corre?
— Pai das Águas?

5 — EM QUE CIDADE ESTÁ O MAIOR MERCADO DE CEREAIS DO MUNDO:

— São Paulo?
— Chicago?
— Buenos Aires?

6 — QUAL A NAÇÃO MAIS INDUSTRIALIZADA DO MUNDO:

— A Inglaterra?
— Os Estados Unidos?
— A França?

7 — EM QUE ANO DESAPARECEU O SULTANATO DA TURQUIA:

— 1915?
— 1918?
— 1922?

8 — EM QUE PAÍS DA AMÉRICA DO SUL VIVERAM OS INCAS:

— No Peru?
— No Uruguai?
— Na Venezuela?

9 — QUE QUER DIZER «FILOSOFIA»:

— Vida despreocupada?
— Pesquisa de Deus?
— Amor à Sabedoria?

10 — SÓCRATES VIVEU:

— Antes de Cristo?
— Depois de Cristo?
— Contemporâneo de Cristo?

11 — QUE QUER DIZER «TOMISMO»:

— Estudo dos Átomos?
— Filosofia de S. Tomás de Aquino?
— Uma doença dos olhos?

12 — QUAL DESTAS CIDADES A MAIS ANTIGA DO EGITO:

— Alexandria?
— Cairo?
— Mênfis?

13 — EM QUE PARTE DA EUROPA DE HOJE FICAVA A FRÍSIA:

— Na Holanda?
— No Luxemburgo?
— Na Hungria?

14 — QUAL DÊSTES TRÊS DITADORES, O QUE PRIMEIRO SUBIU AO PODER:

— Hitler?
— Franco?
— Mussolini?

15 — EM QUE DATA SE RENDEU A ALEMANHA, INCONDICIONALMENTE, NA ÚLTIMA GUERRA:

— 7 de maio de 1945?
— 18 de Novembro de 1944?
— 6 de abril de 1946?

(Respostas na página 50)

VITTORIO DE SICA

(Cont. da pág. 31)

"Minha experiência como ator me é preciosa, porém não resta dúvida que é difícil saber quando o ator ocasional vai atuar de modo apropriado. Êste cinema sem atores é o que me proporciona minhas maiores alegrias. E creio compreender também por quê. Daremos à soma o valor 100. Sòmente por sua presença, o personagem é 50%, seu trabalho de amador bem vale uns 30%, e os restantes 20% pertencem ao espectador. Isso faz um todo equilibrado. Desde que tenhamos um ator, êsse monstro admirável, a dose não muda, porém teremos: 50% para o seu físico, 20% fornecido pelo espectador, e 50% pelo trabalho de um profissional — ou seja: um total de 120 por cento. O que põe esta fórmula cinematográfica fora da realidade."

— Como reagem seus atores vendo-se na tela?

— "Primeiro, mal se reconhecem e não se apreciam, absolutamente. Depois começam a habituar-se ao personagem novo que saiu dêles e terminam por admirar-se sem reservas."

— Quanto tempo levou para fazer "Siuscha" e "Ladrões de Bicicletas"?

— "Sòmente a conclusão do *script* de "Ladrões de Bicicletas" exigiu seis meses de trabalho. Neste gênero de trabalho é preciso lutar contra situações "raras", evitar o excesso de espírito nos diálogos, tudo o que está mais pra lá ou mais pra cá da linha que separa o realismo da comédia filmada."

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

razão? Seria possível que a pequenina espôsa de Roger tenha sido uma mártir, e que ela se afastou dêle por causa de sua frieza? Quem sabe! Talvez crueldade. Jamais poderiam ser conhecidas as razões profundas dessas tragédias domésticas. Veja-se, por exemplo, Leila, que nada sabia das faltas de Barry, nem êste as havia dito. Será que os homens costumam ocultar faltas que não ousam revelar? O mundo estava cheio dessas tragédias.

Finalmente Mary subiu para seus aposentos nas "Chambres de la Tour" e se despiu na obscuridade. Fêz suas orações em voz alta, conforme o hábito que adquirira desde a infância. E eis o que ela disse: "Oh! Senhor, deixai-me crer. Eu quero crer em Roger. Não permiti que eu duvide dêle, deixai-me crer".

E quando conseguiu dormir, começou a sonhar. Despertou novamente, novamente dormiu e sonhou. E, desperta ou sonhando, via sair das sombras do quarto fantasmas a murmurar: "Sua pequenina mulher era uma santa. Como teria êle a tornado uma desgraçada?" E ainda: "Talvez que êle tenha sido cruel. Como sabe você que êle não foi cruel?" E mais: "Se você chegar a ser sua mulher, ficará sempre a pensar na outra, a meditar... a pensar... a pensar...

(Cont. no próximo número)

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL
que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT
Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO
Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA
Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1: e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME .... Nº ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 30,00

Não chore!





POLVILHO ANTISSÉPTICO

acaba com as Brotoejas



O IMPACTO

(Cont. da pág. 26)

tarde. Depois foram jantar e em seguida voltaram ao local onde Tiãozinho deveria ficar como isca para a fera...

Gonzaga deixou o menino entre as grades que o defenderiam de qualquer ataque da onça e foi para casa...

★

O juiz passou as mãos geladas pelos olhos e continuou pensando...

A noite caiu completamente. O sol sumiu num poente colorido como uma alegoria. Os pássaros calaram-se nos ninhos ocultos entre os galhos frondosos das árvores centenárias. Houve um interregno mínimo para que começasse a orquestração das aves e bichos noturnos. A lua principiou sua ronda boêmia, prateando a paisagem perdida na sombra. Os vaga-lumes marchetavam de lantejoulas de luz, o vestido negro da noite.

Tiãozinho desperto, todos os sentidos galvanizados no medo, na expectativa, sondava com olhos dilatados a mata... Pios, cricris, trinos, uivados, súbitos voos incertos de morcegos, batendo nas fôlhas ou nas teias da armadilha, ressoavam aos ouvidos. Estremecia por vezes, confundindo a sombra de uma árvore que o vento fazia mover-se como um ser vivo que viesse ao seu encontro. Arrepios corriam-lhe o corpinho indefeso. Súbito o esturro da onça fazendo estremecer tudo e, em seguida, como duas brasas verdes, fosforecentes, os olhos dela, pesquisando a treva... As fôlhas sêcas estalando sob seus passos leves que se iam aproximando, lentamente... lentamente... para pilhar a prêsa...

★

O Gonzaga não dormiu tôda a noite, sentado na soleira da casa, pitando e pensando.

— Amanhã a bicha tá apanhada! Tiãozinho é de raça boa. Home até ali !

E uma ternura que êle não saberia definir, cheia de admiração e reconhecimento, fazia-o sorrir de leve, imaginando o povoado comentando a coragem de Tiãozinho, que o ajudara a pegar a onça viva! Ia tapar a bôca daqueles "porqueira" que só sabiam beber e cavaquear na tenda do Tonico. O filho era igual a êle!

A noite parecia-lhe interminável! A lua ainda estava alta. Teria de esperar muito. Acendia um cigarro no outro, enervado pela espera, sem conseguir mais absorver-se em projetos.

A mulher veio do interior da casa, lamuriando-se, cheia de maus presságios. Uma coruja piou perto. A mulher benzeu-se trêmula e reentrou para rezar.

O Gonzaga pôs-se a andar nervosamente de um lado para outro no terreno, sob o luar. Parecia-lhe que se tinham passado séculos, quando ouviu um galo tatalar e saudar a madrugada. Pegou então a rêde, a carabina e foi para a mata.

Apressava o passo, inexplicàvelmente inquieto, esbarrando-se no escuro que se adensava no recesso da mata, contra as árvores adormecidas que o cobriam de uma chuva de orvalho. Avistou por fim, o jequitirá que marcava o ponto em que fizera a armadilha. Pôs-se a correr, com o coração batendo aos trancos.

Lá estava ela, majestosa, andando de um lado para o outro, com seus maneios felinos, irritada por estar prêsa.

(Cont. na pág. 50)

FUME

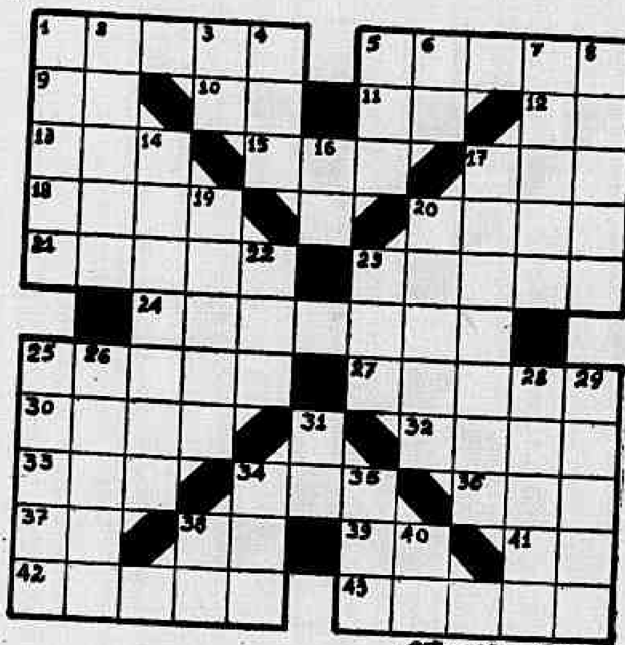
MANTENHA, PORÉM, SEUS DENTES LIVRES DAS ANTI-ESTÉTICAS MANCHAS DE NICOTINA

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslmbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. Nicotan, creme dental especial para fumantes, apresentado em dois tipos: branco e vermelho.

NICOTAN

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N. 101 - Para Veteranos



HORIZONTAIS: — 1. Conselho — 5. Rastilho — 9. Prefixo que traz a idéia de repetição — 10. O absoluto, na filosofia hindu — 11. Pelo mundo — 12. Divindade greco romana — 13. Grande arraia da família dos Mantideos — 15. Espécie de bananeira — 17. Oráculo célebre de Apolo — 18. Célula-mãe — 20. Amigo íntimo — 21. A mãe do dia, em tupi — 23. Ponha em rebolico — 24. Cabeça de foguete 25. Rochedo no meio do mar — 27. Fortuna 30. Ilha do grupo das Marianas — 32. Dificilmente — 33. Certos 34. Estrêla — 36. Material formado com monazita misturada com grânulos de zirconita — 37. Prefixo designativo de proximidade — 38. Rio da Suiça — 39. Divindade escandinava — 41. Irmão mais velho — 42. Que só tem um ôlho — 43. Espertalhão.

VERTICAIS: — Caixa de rapé — 2. Ter vigor — 3. Nota musical — 4. Donativo que o enfiteuta dava ao senhor das terras, para obter dêste licença para casar — 5. Difícil — 6. Interjeição de apêlo — 7. Que tem capacidade legal para certos hábitos — 8. Dinheiro — 14. Maltratas — 16. 2ª letra do alfabeto árabe — 17. Diz-se do animal que compreende as palavras e se governa por elas — 19. Pequena gralha do sul do Brasil — 20. Agride — 22. Espécie de abelha meliponídea — 23. Gênero de formigas — 25. Liso — 26. Canção solista — 28. Extorquir — 29. Um dos nomes da cola (planta) — 31. Tropel — 34. Sem defeito — 35. 23ª letra do alfabeto árabe — 38. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 40. A gente.

Problema N. 101 - Para Novatos

HORIZONTAIS: — 1. Pároco — 5. Fôrça, esfôrço (no Norte) — 7. Batráquio — 8. Contração — 9. 17ª letra do alfabeto grego — 11. Pedra de altar — 13. Colorido — 14. Governador de algumas províncias muçulmanas — 15. Em partes iguais — 16. Elegância — 17. Base — 19. Seguir — 20. Liga fortemente — 23. Lavrai.

VERTICAIS: - 1. Aqui — 2. Verme que aparece em feridas de animais — 3. Curso de água natural — 4. Atmosfera — 5. Trejeito do rosto — 6. Sarcasmo, zombaria — 7. O mesmo que rabino — 10. Rezar — 12. Grito de dor — 13. Símbolo do cálcio — 17. Parelha 18. Época — 21. Perversa — 22. Escarnece.

Otaner Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 100 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Encoberta — Jau — Ira — Cr — Dinda — Ir — Dáctilo — Egide — Orgia — Re — Or — Idéia — Atora — Irmanas — He — Airar — Ia — Ort — Ulm — Rabaceiro.

VERTICAIS: — Lar — Nu — Óbice — Eudio — Ti — Ari — Josèzinho — Arrasaram — Dadeira — Nt — Airotar — Direl — Ogros — Amima — Anate — Ar — Err — Ilo — Ta — Ur.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Sai — Mamar — Lãs — Rua — Aio — Idolatrar — Mas — Aro — Lar — Paris — Ras.

VERTICAIS: — Sal — Amatalar — Ias — Mudar — Ciara — Rim — Aos — Ara — Oro — Lar — Ris.

LIDERGRAMA

INICIAREMOS, no próximo número, a publicação de um novo e excitante divertimento intelectual — o LIDERGRAMA — ainda desconhecido em nosso país e cujo lançamento entre nós será feito pela REVISTA DA SEMANA.

Como verão os aficionados dos prazeres xaradísticos, entre os nossos leitores, o LIDERGRAMA tem certa afinidade com as PALAVRAS CRUZADAS, seja embora completamente diferente delas.

Esperamos, ao introduzir em nosso meio o hábito do «Lidergrama», tenha êle a mesma acolhida e sucesso igual ao que vem obtendo em outros países.

PONTE AÉREA DE FENO

NO RIGOROSO INVERNO ALEMÃO OS ANIMAIS DOS ALPES ESTIVERAM AMEAÇADOS DE FOME E MORTE ★ BOMBARDEIROS AMERICANOS LEVAM FENO PARA SOCORRÊ-LOS

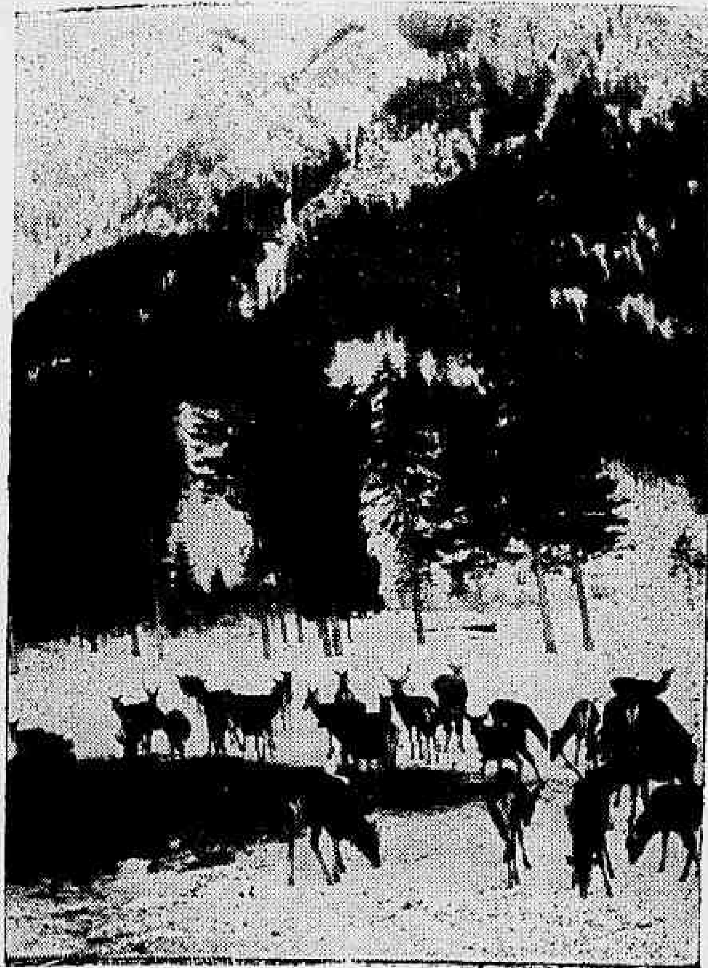
(Fotos R. Dix — Munique)

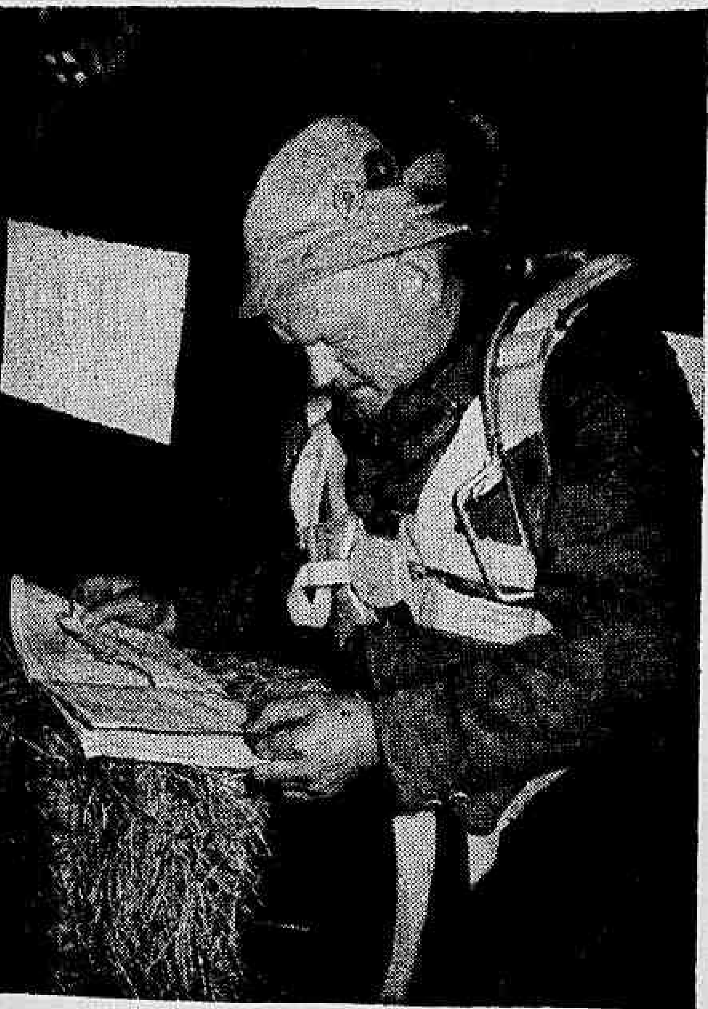


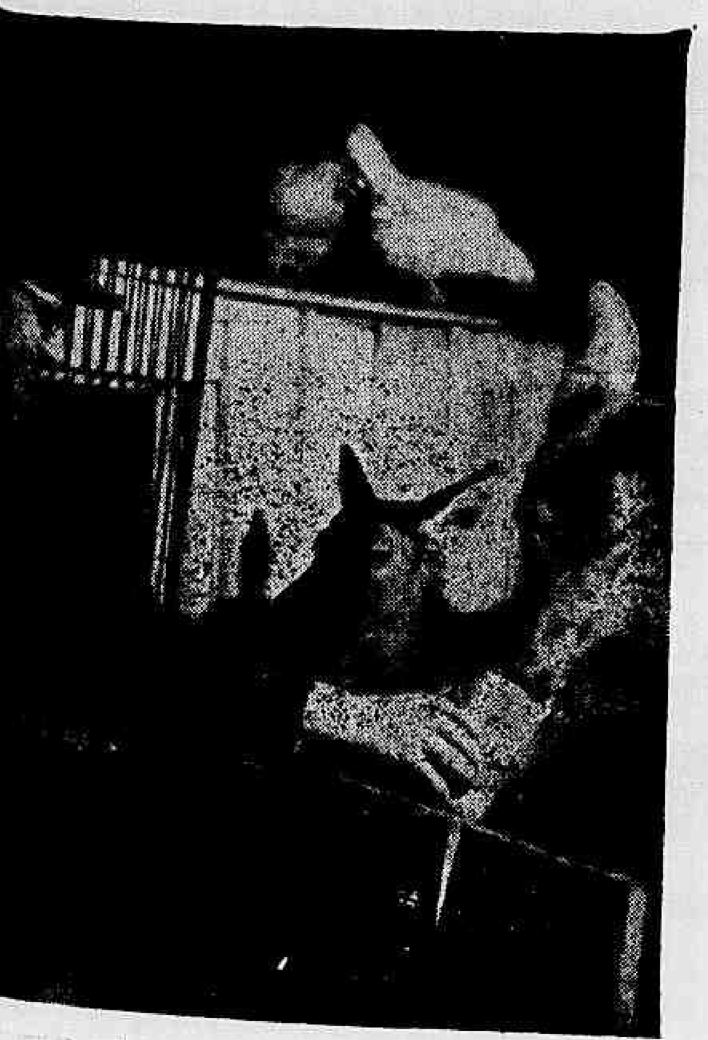




O que se avista de cima do avião (foto à esquerda) é o grande lençol de neve que cobre os campos e a vegetação. Nas fotos menores, pela ordem: um fardo de feno, em plena queda; outro, quando era atirado







De cima para baixo: os animais à espera da «boia»; no momento em que recebem alimentos, por muito tempo esperados; o guarda florestal, no bojo do avião, marcando no mapa onde devem ser socorridos.

O último inverno foi um dos mais rigorosos que já conheceu a Alemanha. Recém-saída da destruição e da morte, que foram os fantasmas da loucura hitlerista, os alemães não recuperaram ainda sua produção de carvão anterior à guerra e por isso tiveram que sofrer a penosa conseqüência de uma das mais baixas temperaturas de que há lembrança entre êles nos últimos anos. Milhares de pessoas desprotegidas, sem teto ou em casas de precáias condições para enfrentar a invernia, morreram ou sofreram de enfermidades conseqüentes.

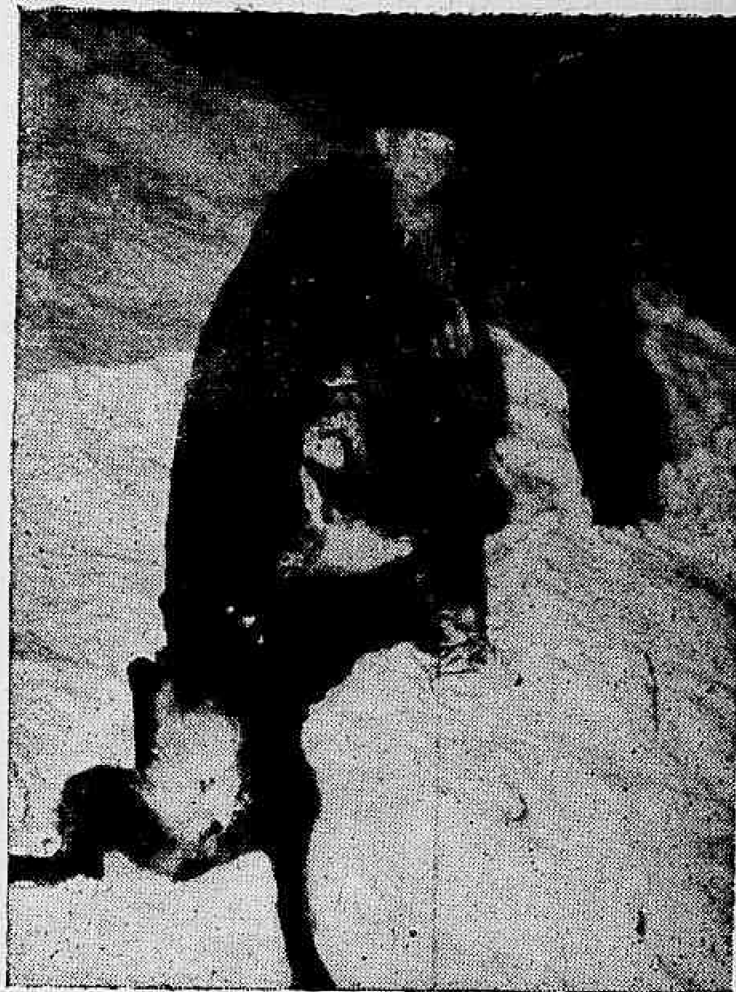
Mas em tal situação nem só os homens tinham que sofrer. Animais de menor categoria na escala zoológica, especialmente os que têm por *habitat* as regiões menos acessíveis do maciço alpino, ficaram ilhados pelas avalanches de neve e, privados de buscar alimentação nos pontos habituais, estavam condenados à inanição e à fome. A morte na neve fêz uma imensa colheita entre êles. Em lugares onde a neve atingiu até três metros de altura os animais se afundavam e extinguiam. Quando não chegavam a morrer por ação direta da neve a fome não tardava a chegar e provocar a mesma solução.

Nesse transe as autoridades da Baviera solicitaram das norte-americanas que dessem socorro alimentar aos rebanhos confinados no alto das montanhas. A fôrça aérea dos ocupantes organizou então uma "ponte aérea", com máquinas bimotoras, para ajudar os animais na luta pela sobrevivência. Os bombardeiros de feno, como foram chamados devido à mercadoria que transportavam, voaram em serviço ininterrupto, salvando milhares de animais de uma morte certa.

Essa "operation hay-lift" consistia em procurar os animais inanidos, presos pela neve ou imobilizados pela fome e levá-los para as povoações próximas, onde se hospedariam até a primavera, quando recuperariam a liberdade. Ou então, em outros casos, socorrê-los mediante o fornecimento direto de alimento, atirado em grandes fardos pela portinhola dos aparelhos.

Essa curiosa operação, em que aviadores militares fizeram coisa tão oposta ao seu ofício, que é destruir vidas, foi documentada na reportagem que hoje estampamos, com exclusividade.

De cima para baixo: uma camurça, (animal raro [illegible] de neve; uma corça a caminho da «pensão» receberá comida; arrancamento dos pelos de uma camurça morta







UMA VEZ NORDESTE, . . .

(Cont. da pág. 29)

Hoje, o velho casarão da R. Visconde de Parnaíba, volta aos seus "donos", faltando que a FAB entregue a cozinha e o hospital. Mas os rapazes da aviação deixaram os edifícios da Imigração em tal estado que o govêrno despenderá, só para sua reforma e reinstalação cinco milhões de cruzeiros.

Mesmo sem cozinha e sem hospital, os imigrantes vão chegando. São classificados, identificados, tomam banho, passam por rápido exame médico. Os que carecem cuidados vão para hospitais do govêrno os que não, perambulam pelos seus pátios, tomam café almoçam e jantam uma "boia" esquesita, para êles, que vem de um fornecedor particular.

ÊLES VOLTAM

Alojados, limpos, vacinados, êles aguardam a segunda e penúltima fase da viagem. Sim, penúltima, porque muitos seguem, em frete, rumo ao Paraná, ou regressam para o Norte.

E o govêrno paulista, parece que ainda não percebeu a coisa, fornece, gratuitamente, braços para o Paraná. Braços que recebeu, nutriu, deu passagem e enviou para o sul do estado.

E o círculo vicioso se forma. Os homens vem do norte e voltam para o norte e êsse vai e vem aumenta os gastos do govêrno. A volta para o norte é feita com os cruzeiros suados que êles ganharam num sol a sol em caso de enxada e vão gastá-los nas terras de origem, sabendo que um dia voltarão para o sul, pois lá no norte não há comida nem dinheiro, nem trabalho nem nada. Mas êles não se importam de voltar com as mãos abanando, porque sabem que o govêrno paulista vai recebê-los naquela "casona" de tijolos vermelhos, vai lhes dar banho e comida, dormida, remédios e uma passagem para que ganhem mais e voltem a gastar no norte.

Quando vêm, pela primeira vez não pensam que a "grande viagem de volta" se realizará em breve. Com as caras pálidas e sujas da poeira das estradas, contam ao repórter cenas de miséria e fome que sòmente Jorge Amado foi capaz de traduzir em letras de forma. E essas narrativas, no dia em que estivemos na Casa do Imigrante foram, tristemente endossadas, pelo minúsculo cadáver de um anjinho de 3 meses a quem a fome, a miséria e a dor, nunca mais importunariam.

DESERTO DO NORTE

E há contraste entre êsses e os que estão no "pôrto da esperança", tomando "cachaça" e fumando cigarros de Cr$ 4,50 enquanto aguardam os ônibus. Êles falam com maior desenvoltura, elogiam o sul mais têm saudades da cantiga, do mandacaru e o ribatã, que é o símbolo vivo do seu sofrimento, pois como o ribatã, êles vão e voltam buscando, sempre, o rumo da água, do alimento. Muitos voltarão, outros ficarão por lá mesmo desafiando a sorte e a Natureza, com a fibra que só êles têm e conhecem, como outro povo não há no mundo. Ficarão, desafiando as planuras sem água e sem sombra, que, dia a dia, vão tomando a feição de enorme deserto, vincado de cruzes e de esqueletos dos bois que tombaram junto com o homem, a quem seguiam cegos de sêde, na caminhada para a última esperança.

Enquanto isso, para onde êles vão homens assaltam cidades brigam lutam e morrem, sabendo que seu sangue regará a terra mas não dará para alimentá-la, a ponto de que cessem os sofrimentos dos seus filhos.

Os que chegaram hoje, não perambulam pelas ruas. Amanhã, estarão em qualquer fazenda da alta Sorocabana, ou do norte do Paraná e algum tempo depois, desembarcarão em S. Paulo, com ares de gente pródiga, exibindo botas sanfona e chapelões de feltro, buscando o "pôrto da esperança", onde os homens riem de satisfação incontida, sob os olhares admirados dos conterrâneos que chegam, nos sujos caminhões.

Nada mudará, porém. Muitos voltarão para o norte outros virão de lá. As bancas da rua Almeida Lima serão as mesmas e a fiscalização ou a polícia estarão ausentes; o agenciador do hotel continuará a procurar todos os repórteres que aparecerem, a fim de lhes explicar que sua classe é honesta e amiga dos viajantes do interior; os proprietários dos "paus de arara" tentarão provar sua inocência, explicando que a propaganda, no norte, para os emigrantes, é feita pelos "ricos" que exibem o dinheiro ganho aqui. Tudo continuará na mesma; uns apregoando produtos, outros defendendo sua classe, outros clamando por pão e por justiça.

O ITALIANO E' MESTRE

E foi quando o dono de um "pau de arara" quase agrediu o repórter — que acusara-o, bem como seus companheiros de traficantes de brancos, reconhecidos pelo govêrno — que o velho italiano — mais parece caboclo — entrou na conversa. E tinha direito, pois a agência de ônibus onde estavamos éra dêle.

— O drama do nordestino já transbordou, meu rapaz — o homem tirou o cigarro de palha da bôca e cuspiu de lado, com a perfeição só possível pelos anos de prática — apontou para as passagens de sua emprêsa e me perguntou. Que pensa que sou? Um oportunista, um malandro, um desalmado? Nada disso, sou simplesmente um imigrante italiano, radicado aqui há muitos anos e casado com uma pernambucana — fitou o repórter e sorriu. — Você não tinha nascido, ainda, quando vim, para cá. Quantos anos tem? Vinte e cinco? Ora, eu estou aqui há mais de 30. Conheço bem essa história e sei que ela transbordou, varou fronteiras e foi molhar terras estranhas, onde se fala línguas mais complicadas que a minha. E, de quem é a culpa? Dos "paus de arara", dos ônibus, dos jornais? Não senhor, é do govêrno. E' do govêrno, que nunca teve capacidade para resolver os problemas "lá em cima", evitando o exodo.

Se a responsabilidade não caberia aos govêrnos locais? Não senhor, não concordo com isso — o homem jogou o cigarro fora e prosseguiu, como se fôsse catedrático da matéria. Olhe, se de onde vem essa gente não há água, não pode haver pastos e, conseqüentemente, gado e nem campos de plantio. Por conseguinte, não há dinheiro e ninguém pode sustentar os cofres públicos com promessas. Sabe o que advém daí? E' a miséria. Essa gente chegando morrendo, indo voltando, sem saber o que fazer, onde ficar. E se alguma lhe disser que o problema não tem solução não acredite. Lembre-se dos judeus, meu amigo, lembre-se dos judeus. Não os da R. do Seminário ou da Rua José Paulino, mas daqueles que enfrentaram os árabes, daqueles que se instalaram na Palestina e transformaram seus desertos em terras cultivaveis. E que pensa que êles são? Mágicos? Nada disso, êles apenas usaram a cabeça e o dinheiro que poderiam gastar em despesas suanturrias traduziram em material agrícola.

Olhe, jovem tire uma idéia pelo carnaval. Então você acha que num país onde morre gente de fome, de sêde e é transformada em comida de urubu, se concebe que o govêrno gaste milhões, enfeitando uma cidade, como fêz no Rio? Gastar dinheiro "à bessa", em decorações que duram apenas 3 dias Atrair turistas? Deixe disso, meu filho, há modos mais racionais e menos dispendiosos de se incrementar o turismo.

E depois... o govêrno fica aí a falar de compressão de despêsas e a dizer que o nordestino é um pobre coitado, como se isso solucionasse o problema. A "coisa" é local, tem de ser resolvida lá. Não pode ficar sob a responsabilidade de outros estados. Mas, que adianta falar? Tudo que você vê, aqui, foi construido com sangue. Tudo isso cheira a café, os prédios, as indústrias as casas comerciais. Tudo nasceu do café e o café cheira a sangue e suor dos carpidores, dos humildes. E sempre será assim. Os homens, preocupados com as negociatas, dominados pela irresponsabilidade, lutam, matam, tornam-se animais ferozes e, como leões, cercados de chacais, famintos e desprotegidos, comem a carne, deixando-lhes os ossos. E êsse "trabalho", essa preocupação, não dá tempo para que êles se preocupem com os nordestinos. Que fazer, então, sinão vender passagens?

Saimos e nos lembramos daquele sujeito engraçado que, num dia de festa, vendo descendentes de tantas raças juntos, disse que a água do Tietê tinha feitiço, pois transformava os estrangeiros em patriotas e, só hoje, compreendi a profundidade do dito, dando razão ao humorista.

!! Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

O IMPACTO

(Cont. da pág. 47)

Sentiu um orgulho imenso. E Tiãozinho? Correu para êle.

Agarrado às barras da gaiola em que ficara encerrado, o menino tinha uma expressão de infinito espanto no rosto petrificado, de olhos desmesuradamente abertos.

Estava morto!

★

O juiz tomou o laudo pericial com mãos trêmulas.

Os médicos tinham constatado que o coração do menino estava dilatado pela emoção daquele momento intenso que vivera. Tiãozinho morrera de pavor!

Gonzaga foi prêso e levado a julgamento. Que decidiriam os jurados? Fôra por inconsciência que fizera aquilo. Êle não mataria o filho que adorava.

★

A sala encheu-se de curiosos. Os jurados voltaram aos seus lugares. Os guardas trouxeram o Gonzaga quase em braços, e o juiz disse com voz neutra:

— Senhores, está reaberta a sessão...

GRAÇA E...

(Cont. da pág. 4)

O Fluminense foi o campeão do desfile e o Vasco o vice-campeão, por uma pequena diferença de 11 pontos. O grêmio de São Januário reclamou contra os animais apresentados pelo Fluminense puxando a "biga" romana alegando que o artigo 8º do Regulamento do Desfile não permitia o desfile de animais de maior porte, carros ou quaisquer outros veículos que possam ameaçar a segurança do atleta ou danificar instalações. Defendeu-se o tricolor argumentando que usara poneys para puxar a "biga", e que poneys não são animais de grande porte. A "biga", sem querer trocadilhar, quase acabou em briga, e o Fluminense foi o vencedor do desfile.

Respostas ao teste

1—Teda Bara
2—Edison
3—Na agricultura
4—Pai das Águas
5—Chicago
6—A Inglaterra
7—1922
8—Peru
9—Amor à Sabedoria
10—Antes de Cristo (no V Século)
11—Filosofia de S. Tomás de Aquino
12—Mênfis
13—Na Holanda
14—Mussolini
15—7 de maio de 1945

A REVISTA

Há 50 Anos

CRÔNICA

26 de Abril de 1902


REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

TYPOS DA RUA

NA segunda-feira, se bem me recordo, — sim, foi na segunda-feira — aconteceu ter de dar um passeio a Copacabana. Uma tarde tropical mas bela, sem viração e sem nuvens. No banco logo em seguida ao meu, um casal de belos tipos anglo-saxônios, êle desempenado e espadaúdo, ela muito loura, formosa e êsse ar decidido, peculiar à mulher norte-americana. De lá vinham, com efeito, dêsse maravilhoso e brutal país da vontade. Logo o compreendi às primeiras palavras que proferiram e, sobretudo, à justeza concisa dos seus comentários ao que realmente somos e ao que deveríamos ser.

Falavam da terra, do mar, do espaço como se tudo lhes pertencesse, no tom mais natural dêste mundo; decerto nos têrmos em que, antes das guerras imperialistas do século findo, prelibavam a conquista do Texas, das Sandwichs, das Filipinas, de Puerto-Rico. Era humilhante para o nosso amor próprio o que diziam, mas era claro, conciso e lógico. Nem um desacêrto, nem uma divagação. "Aqui, isto... acolá, aquilo... além, aquil'outro". E todo um novo, majestoso e confortável Rio de Janeiro ia saindo dos lábios dessa gente educada para lutar, vencer e absorver; uma capital modêlo, com amplos boulevards, praças suntuosas, casaria moderna, jardins públicos espaçosos e cultivados, fontes monumentais, viação rápida, cais de pronta acostagem e ótimo desembarque: numa palavra: uma capital decente, precisamente o inverso do que nos dão as prefeituras obstinadas em torná-la cada dia mais inabitável, documento vivo da incúria, da inércia e da incapacidade indígenas.

Saber ver e ouvir deveria ser a primeira virtude dos países novos. A probidade faria o resto. Raras vêzes praticamos a primeira e a segunda parece haver desertado, espavorida, das esferas oficiais. Se ainda a possuíssemos e se ao invés da çetulância ôca atentássemos e meditássemos no que eu atentei e meditei, nenhum perigo grave nos ameaçaria porque as nações estranhas respeitam instintivamente os povos capazes de imitar-lhes a civilização conservando intacta sua índole própria.

São a nossa preguiça, o nosso desleixo, o nosso desamor às coisas pátrias, que acoroçoam as intrusões lesivas do nosso brio e da nossa integridade. Na solidariedade universal não mais assiste aos povos o direito à cristalização ou ao retrocesso. Um povo que pára é um povo condenado e, mais dia menos dia, vemo-lo expropriado em benefício da comunidade.

O que êsse casal americano ia expondo, de relance, no caminho de Botafogo, na simpleza da intimidade, é o lugar-comum dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha a nosso respeito. Julgam-nos incapazes de trabalhar e produzir, de valorizar a fartura espalhada a granel em um território vasto como três impérios, provido de todos os solos, climas e produções pela natureza ubérrima. Por um lado, tenta-os a opulência; pelo outro, encoraja-os a indiferença. O resto é fácil de prever e não se faz preciso que o digam três doutôres.

Mas tudo isto é pregar no deserto. Nem sequer *panem et circenses* reclama a humildade e resignação do nosso povo. Dêem-lhe música, foguetório, discursos e galhardetes e êle se julgará desobrigado dos compromissos mais solenes para com a memória dos seus emancipadores e dos seus mártires; quando a única demonstração solene de respeito pelas suas cinzas veneradas seria trabalhar, trabalhar sempre para honra-las, para provar-lhes que seus filhos e os filhos de seus filhos são dignos do sacrifício e da abnegação dos que por êles sofreram dores atrozes e crudelíssimas penas.

O resto... o resto esvai-se como o fumo da pirotécnica e os sons das fanfarras clangorosas.

JACQUES BONHOMME

OS TEATROS

JÁ lemos a "Ceia dos Cardeais" chegada, impressa, pela última mala européia e fomos informados de um ato do Rei de Portugal que muito honra o monarca e quem lhe mereceu a gentileza. Com efeito, tendo o Conde de Arnoso, autor da peça "Suave Milagre", extraída do célebre conto de Eça de Queiroz, editado êsse valioso trabalho em edição luxuosíssima, El-Rei ofereceu-lhe, acompanhada de fidalga dedicatória, artística aquarela representando uma das situações mais interessantes do drama.

FARFALLA

CORREIO DA REVISTA

Recebemos a seguinte carta:

"Goiânia, 12 de abril de 1952.

Sr. Diretor da REVISTA DA SEMANA. —

Amigo e senhor:

Através de recorte da Agência Lux, li o tópico "CRAÔS", publicação do número de 22 de março último, de vosso bem conceituado periódico.

Estou imensamente convencido dos propósitos sinceros de seu distinto autor, apiedando-se da sorte daqueles índios e tomando louvável defesa de seus direitos, por isso, apresso-me, também, em tecer pequenos comentários a respeito dessa notícia, menos, bem menos, por conter velada crítica à modesta administração de um servidor, do que a injusta crítica lançada abertamente ao Serviço de Proteção aos Índios.

★

Conhecesse certamente o noticiarista de "CRAÔS" as dificuldades de tôda espécie que sofre o Serviço de Proteção aos Índios — debatendo-se estòicamente, quase sòzinho, sem ajuda apreciável que não seja a fervorosa perseverança de seus devotados funcionários — não veicularia em sua maravilhosa Revista censuras a uma instituição malsinada de muitos, só por defender denodadamente os direitos de poucos!

E quem são os "poucos"? São os índios... que vão assim, pouco a pouco, desaparecendo, por falta de amparo amplo e real que lhes deveria dar, com munificência, o Govêrno, mas que, devido a falta de informação consciênciosa da Imprensa — formadora da opinião pública e divina inspiradora dos bons Governos — nem sempre escuta o eco de suas queixas, nem pensa carinhosamente suas chagas!

★

Os "CRAÔS", índios que mereceram a simpatia de vossa bela Revista e proporcionaram-me, outrossim, o prazer de vos escrever estas linhas, Sr. Diretor, são justamente os índios de Goiás que, apesar dos sofrimentos e massacres passados, vivem, hoje, graças ao Serviço de Proteção aos Índios, mais favorecidos.

Os CRAÔS são índios que nenhuma queixa justa poderão formular ao Govêrno e, por sua situação agora, ninguém poderá sensatamente. desmerecer o Serviço de Proteção aos Índios!

O atual Diretor do Serviço de Proteção aos Índios, Sr. José Maria da Gama Malcher, moço competente e digno de todos os elogios, não tem medido esforços para atender suficientemente aos CRAÔS, através da Povoação Indígena "ANTÔNIO ESTIGARRIBIA", criação sua com objetivo especial de assegurar àqueles índios uma assistência maior!

A vida e os costumes dos CRAÔS, suas festas e alegrias encantadoras; o seu diurno labor e a sua promissora economia; a prazenteira hospitalidade de todos e a assistência benéfica que recebem, hora a hora, do Serviço de Proteção aos Índios — muito em breve, talvez, o público terá a satisfação de saber.

Nessa ocasião, o redatorista de "CRAÔS" saberá também que êles possuem mais, muito mais, em sua CRAOLÂNDIA, do que aquêle pouco humildemente cobiçado, no Rio, pelos três jovens visitantes e saberá mais, finalmente, o amável publicista e indagador do representante do S.P.I., em Goiás, de sua presença, sobretudo no coração dos CRAÔS!

Aproveito o ensejo para apresentar-vos os protestos de estima e subida consideração. — *Cildo Meireles*. — Avenida Paranaíba, n. 40. — Goiânia — Goiás."



Êste cidadão de Paris é um número! Concorrendo a um baile de máscaras no "Moulin Rouge Robinson" da capital da França, teve a agradável surprêsa de abiscoitar o primeiro Prêmio da festança. Mas, dentre as suas fãs, uma não se conteve e foi ver de perto êsse homem de "duas caras". Pela expressão de seu rôsto, a foliã parece que gostou mais da às avessas do que a do próprio gaiato. Também pode ter sido em virtude do cachimbo do outro lado, pois nem tôdas as "demoiselles" apreciam uma fumarada e seu perfume. Enfim, a alma feminina é assim mesmo...



Quando a gente vê certos atos e gestos de macacos mais desenvolvidos, como os chimpanzés, fica vacilando mesmo sôbre se a teoria de Darwin é mesmo a explicação para a raça humana. Ora vejam como êstes dois macacos se parecem com muitas pessoas do nosso mundo superior. Ela, a boa mãe de família, chama a atenção do bebê para alguma coisa que se passa ao lado; êle, por sua vez, diz-lhe qualquer coisa que não perceberíamos, mesmo se os ouvíssemos, pois ainda não temos bastante inteligência para sentir e compreender... macacos!

Tudo isto

Ladrão no poleiro



O Sr. Augusto Rodrigues Moreira, residente num dos subúrbios desta capital, vendo que sua casa dispunha de terreno suficiente para regular criação de galinhas de raça, meteu mãos à obra e ergueu um aviário dotado de todo confôrto para os senhores galos e as donas "penosas". Mas, ao lado de todo o luxo dêsse galinheiro moderníssimo, instalou o seu proprietário um dispositivo elétrico que denunciaria a visita indesejável de qualquer amigo das galinhas alheias a qualquer hora da noite. O Sr. Moreira bem sabia que no Distrito Federal há algumas centenas de ladrões de galinha, indústria bastante rendosa para os que não temem as penas da lei e só desejam ver sob as mãos as penas dos galináceos. Por isso preparou a armadilha elétrica do galinheiro para o seu quarto de dormir. E dormia sossegadamente, confiando na precisão matemática da eletricidade salvador. Só tinha medo de que faltasse energia justamente naquele instante, e o alarma não funcionasse. Mas isso seria mesmo o cúmulo. No dia primeiro de abril (verdade) estava o dono das galinhas n seu mais gostoso sono da madrugada, quando foi despertado pelo tilintar nervoso d campainha do seu quarto. Ladrões! — Exclamou êle erguendo-se da cama e correu e socorro de suas galinhas de raça. Acercando-se do local do crime, viu êle um vul tentando abrir a porta da sede das penosas. Deu-lhe voz de prisão. O gatuno, acova dado, vendo-se descoberto, não pôde fazer gesto nenhum. As pernas lhe tremiam. O pr prietário chamou a R. P. e lá se foi para o Distrito policial o matinal visitador d galinheiros, Francisco dos Anjos. Um anjinho...

Além do coração



HÁ certos fatos que, apesar de profundamente tristes, trazem na sua trama grande dose de comicidade. E o jeito que a gente tem é mesmo cair na gargalhada. Veja o leitor o que acaba de suceder com uma jovem de Belo Horizonte. Ela e um cidadão de nome José Amaro de Jesus, viram-se e dêsse *ver* nasceu um grande amor. O casamento não se fêz esperar, e, em fins de abril último, combinaram o casamento. O rapaz, de boa presença, concertou com a noiva uma viagem de núpcias, custeada pelas economias dela, uma vez que êle andava pronto. No dia marcado, seguiu ela com seus pais e convidados para o altar da igreja de seu bairro, e ali ficou à espera de Jesus, isto é, José Amaro. Os minutos se passaram, as horas se iam escoando lenta e afiitivamente, com os olhos da noiva pregados na porta de entrada do templo. Mas o homenzinho não aparecia. Que teria sucedido, Santo Deus! Já se faziam comentários jocosos, enquanto alguns dos presentes achavam que o noivo fôra vítima de algum acidente, pois que era êle uma pessoa direita, incapaz cometer uma indignidade daquelas. Mas chegou um momento em que o padre aconselh a noivinha que marcasse para outro dia, pois que o sacerdote tinha outros comp missos. A jovem voltou para sua casa com o coração despedaçado. Mas, e é a que a coisa se torna tragi-cômica, ao entrar em seu quarto para desabafar a sós, des briu o pior: o noivo havia levado todo o dinheirinho da lua de mel... Não há qu não tenha pena dela que entregou, além do coração, as economias. Mas, que dá vonta de rir, dá mesmo.

Gesto humano



HÁ muita gente de excelente coração nesta época de materialidade cada vez mais crescentes. Apesar do utilitarismo reinante, ainda encontramos corações generosos que procuram fazer a caridade sem aparecer como beneméritas, cumprindo fièlmente o preceito evangélico: "Dar com a direita, que a esquerda não saiba". O Sr. Romualdo Correia servente do Hospital Rocha Faria, em Campo Grande, tendo recebido seus magros mil e quatrocentos cruzeiros do ordenado de fevereiro, teve a grande infelicidade de perder tudo, não sabe como, nem onde. Talvez o furtassem. Foi aos jornais e fêz sentido apêlo a quem tenha achado o seu dinheirinho, sem o que não poderia passar com a família, constituída de mulher e filhos pequeninos. Sua situação, já aflitiva, ainda mais se agravou. O pobre homem ficou à espera que êsse "alguém" que poderia ter achado o seu ordenado, viesse em seu socorro, devolver-lhe os Cr$ 1.400,00. Mas os dias se passaram e nada de surgir o milagre. Não sucedeu o milagre que êle esperava de um achador honesto, mas teve a felici de registrar outro ainda maior: recebeu um pedido para comparecer na rua da Aure 121, 1º andar, a fim de tratar do assunto. Com o coração aos pulos, o modes cionário correu até lá, sendo recebido por uma senhora que lhe entregou Cr$ 1.0 produto de uma subscrição que a mesma abrira, em seu benefício, penalizada co sorte adversa do pobre homem. E essa alma caridosa não quis declarar seu nome, gesto de coração puro, de espírito humanitário e nobre.

Aconteceu

Ironia do destino



JIMMY J. BELIARD, antigo estudante de medicina, deixou a Faculdade a fim de dedicar-se a uma vida errante, mantendo-se com os recursos da caricatura, em que era mestre. Corria o mundo, de cidade em cidade, freqüentando os bares onde executava caricaturas de clientes mediante alguma compensação. Estava na Venezuela, tratando da vida, quando se sentiu doente. Procurou um hospital na cidade de Cumana, capital do Estado de Sucre. Os franceses alí residentes procuraram amparar o artista patrício, de maneira que não lhe faltasse nada nesses dias de adversidade. Estava o caricaturista em seu leito, quando lhe trazem uma notícia sensacional: o marquês de Nouville, ao falecer, deixara para êle uma fortuna no valor de cem milhões de francos e títulos. Beliard recebeu sensível choque em seu leito de enfêrmo. Mas, embora já se visse curado e senhor de considerável riqueza, com recursos para tornar-se um artistas primoroso, isento das aperturas de uma pobreza horrível, seu estado geral foi-se agravando até que o infeliz caricaturista faleceu alí mesmo no hospital de Cumana. Não foi uma esquisita ironia do destino? O artista passou tôda a sua vida de caricaturista a lutar com tôda a sorte de dificuldades, e, ao tornar-se rico, milionário, morre e tudo se acaba... Não teria concorrido para isso a notícia que lhe foi dada assim de chôfre? Muitas vêzes tais alegrias causam a morte. O dinheiro tem dessas brincadeiras de mau gôsto. Jimmy J. Beliard jamais pensara que, um dia, deixaria o "miserê" e se tornaria herdeiro de um marquês. E quando a Sorte lhe chegou, a Morte vinha por detrás...

Os Muçulmanos



MORGAN PERUMAL nasceu na Africa do Sul. Jovem, desejoso de conhecer o mundo, exultou quando lhe disseram que um navio ancorado no pôrto de seu país precisava de tripulantes para longa viagem. Perumal se apresentou e foi aceito. Trabalhador e de bom físico, entrou no pesado. Mas sucedeu um imprevisto. Tôda a tripulação do "Olive Bank" era muçulmano. Perumal, porém, é católico. Não havia, evidentemente, nenhuma incompatilidade religiosa entre êle e os seus companheiros de faina marítima. A bordo cada qual segue a crença que bem quiser; mas o diabo eram os costumes dos muçulmanos do navio. Não havia banheiros nem refeitórios. Os banhos eram tomados em baldes, e a gororoba, pelos recantos do barco. Ora, os hábitos do africano do sul eram bem outros. Gostava de seu chuveiro e de mesas onde manducar seu pirão. E isso foi causando sério desgôsto no fundo do coração de Morgan Perumal. Quando o navio chegou a Santos, o rapaz deu o fora. Não voltaria mais a trabalhar entre muçulmanos, cujos usos e costumes eram diametralmente opostos aos seus. E ficou em terra. Mas, como poderia permanecer no Brasil sem documentos que a tanto o autorizassem? Não era turista, não era imigrante, não era visita. Mas o marítimo não se preocupou com o futuro. O que estava para vir, viria de qualquer maneira. E, em verdade, um dia tudo isto aconteceu: Perumal foi detido e prêso por permanência ilegal no país. Mas era isso mesmo que êle queria. Estava louco para tomar seu banho e comer sôbre a mesa...

Outro que ressuscita!



DE quando em quando surgem casos de volta à vida, quando pessoas já são dadas como mortas pelos médicos assistentes. O processo para êsse milagre é a massagem sôbre o coração. Agora mesmo acaba de verificar-se um dêsses fatos com Arthur Seeber, um suiço de 51 janeiros bem vividos. Ao lhe ser amputada uma perna, o coração parou. Imediatamente o prof. Emanuel Scavo, diretor do Instituto de Anatomia, abriu passagem para o coração do "morto" e lhe aplicou massagens. Ao fim de um quarto de hora, o coração de Seeber começou a pulsar. Entretanto, embora batendo, Seeber não respirava. Passaram-se, assim, uns 45 minutos, até que a respiração se fêz sentir. O suiço está passando bem. Entretanto os médicos assistentes declaram que êle estêve "morto" por tanto tempo que suas células cerebrais talvez tenham sofrido dano irreparável, ou que já tenham começado a morrer. Êsse caso vem aumentar os muitos que já têm sido registrados em várias clínicas da Europa e da América. Parece que, com massagens sôbre o coração o sangue volta a circular irrigando vasos e tornando a vida possível em todos os órgãos. O organismo humano é um conjunto de peças interdependentes, e o sangue é a própria vida. No dia em que se achar um meio de mantê-lo em plena forma, muita gente voltará aos velhos tempos de Matusalém... Talvez isso não seja muito agradável, com as dificuldades que temos hoje para viver tão pouco. Mas que é uma boa esperança, não se pode negar. Ademais, o "outro mundo" pode ser uma maravilha; mas êste aqui já é nosso velho conhecido...



Não é sòmente no Brasil que os torcedores se vestem com suas roupagens curiosas ou dão "show" nos gramados para exaltar seus clubes prediletos, como fêz, recentemente o pessoal do Fluminense com aquela divertida caixa de pó de arroz. Na Inglaterra se vê disto: o jôgo entre West Ham e Blackool arrastou ao estádio enorme multidão. Mas o ponto de diversão dos espectadores foi êste torcedor do Blackool, vestido a caráter e com umas chuteiras enormes, esperando que também lhe fôsse dada uma chancezinha. Um gaiato que sabe ser esportista



O drama do Calmário continua a empolgar os povos cristãos. Não é sòmente em Oberamergau, Alemanha, que o povo comemora com grandes cenas ao real, o sacrifício de Jesus. Também na Inglaterra se reunem centenas e centenas de católicos e realizam espetáculos de grande beleza e suntuosidade artística. Aqui vemos duas lindas "girls" que tomaram parte nas comemorações da Semana Santa, em Londres, integrando o elenco de mais de trezentas pessoas as que representaram as cenas da Paixão, no palco do Albert Hall. Só de jovens assim, houve 300



Fotos desta página: grupo de bailarinos, em frente ao copiar de uma das casas principais da localidade; sugestiva máscara de um mestiço de índio aticum e negro

TORÊ - A DANÇA DA SERRA DE UMAM

SERRA DE UMAM — OASIS NO SERTÃO

ÍNDIOS ATICUM, NEGROS FUGIDOS

UM POVO TRISTE TEM SUA DANÇA

Texto e fotos de NILO VELOZO



A vida do negro escravo trazido ao Novo Mundo para a agricultura foi um drama pungente de sofrimentos. Milhões de sêres foram martirizados durante séculos.

Doze milhões de negros foram arrancados violentamente de sua pátria e transformados em farrapos. Nem a cultura, nem as condições de sêres humanos, nem idade ou sexo foi levado em conta. A caça do negro na África é uma página selvagem na história da humanidade. Quando os "presentes" já não serviam para que os pobres negros fôssem enganados, serviam-se os escravagistas de destacamentos de soldados armados de mosquetão e atacavam as vítimas inermes.

"Uma vez capturados, eram os negros conduzidos em grupos, em fileiras enormes de homens, mulheres e crianças, presos uns aos outros, então começava o calvário negro, em longas e intermináveis marchas em tôdas as direções do Continete, em busca do litoral para o embarque nos navios negreiros. Não eram sêres humanos, aquela fila extensa como de animais encangados. Os indivíduos eram presos uns aos outros por uma canga de madeira, que tinha feitios variados. Ora era uma canga única com buracos para o pescoço, ora tinha uma forquilha na extremidade que prendia o pescoço do negro e terminava na outra em ponta que repousava sôbre a espádua do escravo que seguia o primeiro, e assim por diante. Durante a noite, os braços dos escravos eram atados na cauda da canga de madeira, também chamada **malombé.**

O grupo de escravos era conduzido por uma corda amarrada à cintura do comboieiro. Os escravos vinham, ainda, atados uns aos outros pelo pescoço, por meio de cordas feitas com couro de boi, torcido. Para impedir a fuga costumavam os negreiros também unir a perna direita de um à perna esquerda do outro, com um cêpo de madeira.

Para maior segurança, as mãos eram ainda fechadas em grilhetas e correntes, atadas ao pescoço e aos pés".

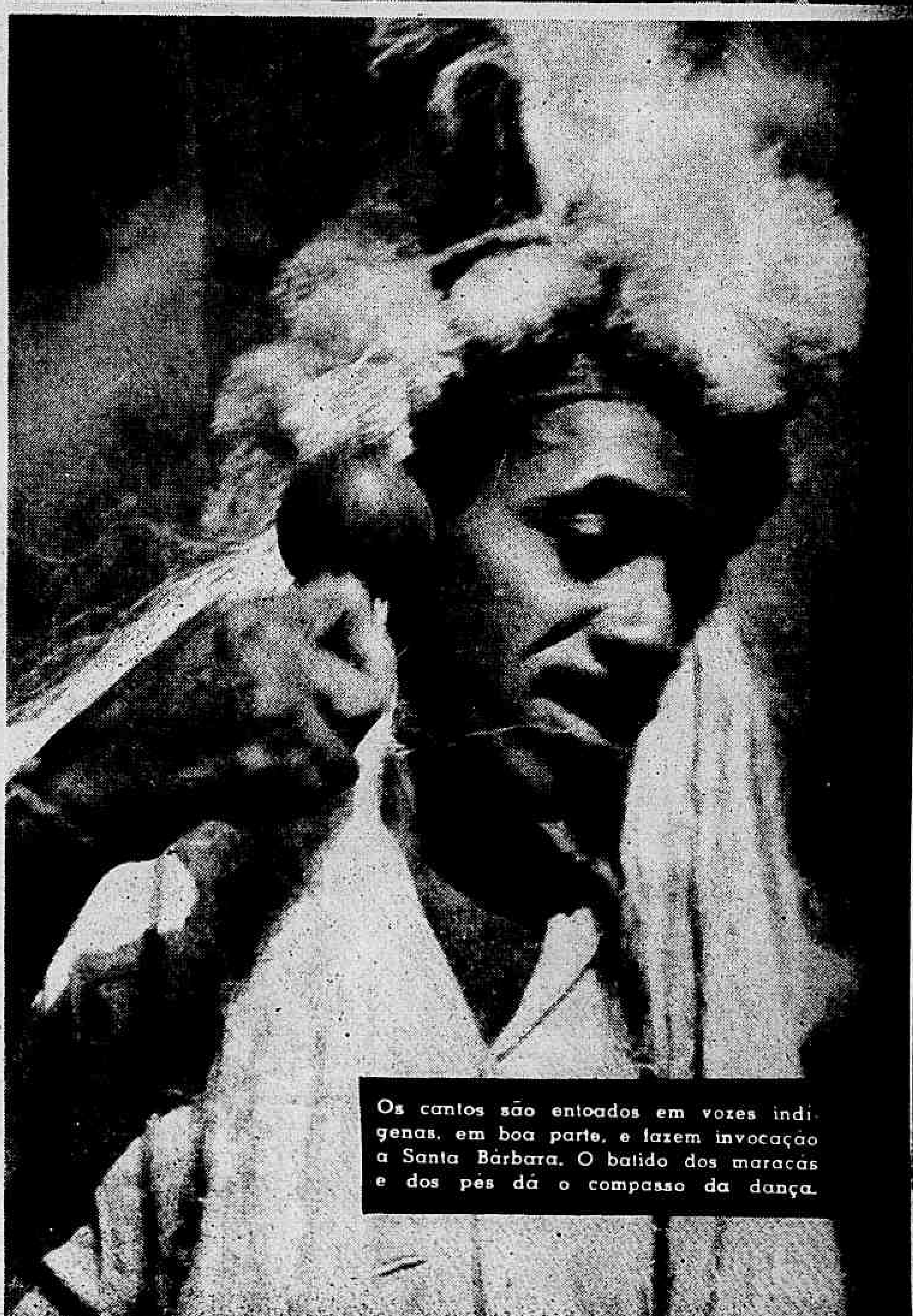
Pelo que acabamos de ler — um página de Artur Ramos — o negro não foi prêsa fácil e dócil como vem sendo dito, tantas e repetidas vêzes. As providências tomadas pelos negreiros nos estão ad-











Os cantos são entoados em vozes indígenas, em boa parte, e fazem invocação a Santa Bárbara. O batido dos maracás e dos pés dá o compasso da dança.







vertindo que desde a sua terra natal êle se revoltou contra o cativeiro.

Ao chegarem às terras brasileiras eram marcados com ferro em braza no rosto ou nas costas, com uma letra ou símbolo, tal qual é feito no gado pelos fazendeiros. Esta marca se destinava a identificar o desgraçado que fugisse. Mas a rebeldia do negro não se deteve diante da "civilização cruel do branco", êle fugiu, amotinou-se, organizou associações de alforria, onde compravam à custa de sacrifícios inauditos a liberdade. Diz-nos Blaer, no seu "Diário", que o velho Palmares, um dos mais conhecidos pontos de resistência dos negros "tinha meia milha de comprido, e duas portas, a rua era da largura de uma braça, trazendo no centro duas cisternas; um páteo onde tinha estado a casa do seu rei era presentemente um grande largo no qual o rei fazia exercícios com a sua gente; às portas dêste Palmares eram cercadas por duas ordens de palissadas por meios de travessões..."

O negro teve ao seu favor, e em auxílio as suas fugas, os palmeirais imensos que se encontram em quase todo o interior de Pernambuco e Bahia, grandes centros de escravagistas, naquela época. E as palmeiras são de grande útilidade aos povos negros pois, em primeiro lugar, fazem com elas suas casas, em segundo as suas camas, em terceiro abanos, em quarto, comem o interior dos cocos, e dêstes fazem seus cachimbos, e comem também os palmitos, fazem ainda dos cocos azeite para comer e igualmente manteiga, que é muito clara e branca, e ainda uma bebida que se assemelha ao vinho.

Nestas árvores pegam vermes, da grossura de um dedo, os quais êles comem.

E' portanto, a palmeira, o seu ponto de apoio e a garantia de sua subsistência pelos sertões do Brasil.

Fugindo à perseguição o negro encontrou o índio que não se submeteu à escravatura, não se amoldando mesmo em virtude de seus hábitos livres e sua vida nômade em que a agricultura está apenas em esbôço.

À proporção que o negro e o índio deixam o litoral e se internam pelo sertão a dentro vão encontrando problemas em comum a enfrentar.

Depois de atravessarem a zona em que as matas lhes oferecem a palmeira e algumas frutas entram na caatinga, em que só o umbuzeiro e o mandacaru atiram seus braços denegridos aos céus. Os conhecimentos dos índios e a experiência dos negros se fundem nesta luta de vida e morte. Nesta união se dá a assimilação de hábitos, cultura e religião. Forma-se então a mancebia

Santa Bárbara no céu
S. Jerônimo no mar...
E a dança surpreendente prossegue

TORÊ - A DANÇA DA SERRA DE UMÃM

do negro com o índio, dando como resultado o cafuzo. Hoje, quem percorre o sertão Norte de Pernambuco e envereda na caatinga, onde só medra o xiquexique e o cabeça-de-frade, é surpreendido pela Serra de Umam que aí se apresenta como verdadeiro oásis tal a qualidade de suas terras, onde verdejantes plantações asseguram a vida de um grupo de 300 habitantes, descendentes dos índios Aticum e de negros fugidos dos engenhos na época da escravidão.

Estamos no sopé da Serra de Umam. Em tôrno tudo parece morto, as árvores cobertas de negro sem uma fôlha sequer, no chão as pedras se assemelham a restos de ossadas de monstros imaginários de um mundo perdido. Sòmente aqui e ali, como que a teimar e a nos desmentir, e nos gritar, "nem tudo está morto", o "jegue", êsse pequeno animal também conhecido pelo nome de **jumento**, se move e, o que é mais espantoso, encontra de que se alimentar em meio àquele cenário desolado. Oh, Natureza! mãe e madrasta! Oh, Milagre! O pobre animal retira com a bôca, um a um, os agudos espinhos do mandacaru (cactus gigantesco) para, em seguida, devorar sua palma.

Companheiro de infortúnio do nordestino, o jegue tem direito a uma estátua nascida da gratidão, pois nas horas duras das caminhadas sôbre terras escaldantes, sôbre nuvens de pó, sem água e sem alimento, quando os retirantes deixam suas terras, a última coisa a abandonar é o jegue que o ajuda a transportar crianças e trapos, miséria e dor.

Falam o português e o idioma indígena, os habitantes da Serra de Umam. Quase nada lhe resta do índio, tendo predominado o negro. Fundiram contudo suas danças e religião.

Torê é uma dança usada pelos moradores da Serra de Umam, dedicada a Santa Bárbara. Ornamentam-se com fibras de caruá, que existe em grande quantidade na região. Usam o maracá indígena, desprezando o tambor africano. Homens e mulheres formam um quadrado enquanto duas figuras ao centro, ao som do maracá, vão marcando compasso e o quadrado aperta-se e alarga-se, outras vêzes ficam em fila, enquanto o chefe, meio vergado, vai dançando e cantando acompanhado pelos demais:

Santa Bárbara no céu
São Geraldo no mar
Tanta grandeza na terra
Deus em todo lugar.

Torê, esta dança afro-indiana, é de um colorido e de um movimento belíssimo. Todo o corpo dos personagens vibra, ora suas fisionomias tornam-se tristes, ora saltitantes, o bater dos pés, o ritmo do pequeno maracá, o canto monótono, o movimento das figuras, o balanço de suas indumentárias tocadas pelo vento sempre morno do Nordeste, nos apresentam um quadro belo e ingênuo, em que o homem usa indumentária igual à da mulher.

A religiosidade suplanta os instintos humanos e leva os nossos sentidos a épocas passadas em que o negro e o índio, imploravam aos seus deuses um pouco de justiça do homem branco.

Horas e horas se prolonga esta dança em que Santa Bárbara, divindade católica, levada aos altares dos terreiros dos negros é cultuada já aqui pelos mestiços descendentes de negros e índios e homenageada reverentemente. Encontramos na Serra de Umam, o homem que não é o negro africano, nem o índio auctotono da América. E' o mestiço, atirado ao ostracismo em que a aculturação ainda não se completou.



O ritmo indo-africano infunde uma concentração mística à fisionomia dos dançarinos. Esta jovem mestiça está mergulhada num mundo de religiosidade e nostalgia



Os belços grossos, a cara redonda, as espessas sobrancelhas dão um ar primitivo a esta cafuza. Também os enfeites que usa falam de uma cultura primitiva .....



Quase ilhados na Serra de Umam, perdida na caatinga pernambucana, êstes sertanejos constituem um nucleo étnico peculiar. Torê reflete essa peculiaridade

A Pergunta da Semana — Por SINIMBU



QUEM FOI PIONEIRA DO SUFRAGISMO NO BRASIL?

MARIA QUITÉRIA?



Pode ser considerada pioneira aquela que sentou praça no Exército Libertador da Bahia e, envergando o uniforme, combateu com valor igual ao de qualquer soldado do outro sexo? Feminismo, no Brasil, representa a emancipação da mulher da condição colonial que lhe davam a tradição e a lei portuguêsa. Equiparando-se aos homens, na luta pela independência da pátria, foi Maria Quitéria uma precursora do feminismo no Brasil?

NARCISA AMÁLIA?



Ou se considerará pioneira do feminismo Narcisa Amália da Rocha, cujo centenário êste ano se comemora? Mulher não sòmente bela, segundo a lembrança que dela se guardou, capaz de se entregar decididamente a atividades até então vedadas à mulher brasileira, Narcisa Amália foi jornalista, poetisa e professôra quando qualquer dessas condições ainda constituíam um motivo de escândalo e suspeita no meio social. Foi essa intelectual a pioneira do feminismo?

ANITA?



Outra mulher guerreira, a heroína catarinense que se tornou mulher de Garibaldi e mãe de seus três filhos. Diferente de Maria Quitéria pela única circunstância de que foi levada ao heroísmo por inspiração do amor que dedicou ao "herói de dois mundos". Anita Garibaldi, valorosa e estóica no seu papel de amante e mãe, combatendo a cavalo junto de seu espôso, foi ela uma pioneira do feminismo entre nós? Estará ao menos entre as pioneiras? Estará assim, enterrada em Roma, glorificada pelos italianos, que lhe ergueram uma estátua, a brasileira que primeiro quebrou as cadeias da mentalidade colonial que algemava as mulheres de nosso país naquele tempo?

ANA NÉRI?



Noutro terreno de atividade social destacou-se Ana Neri, cujo nome hoje se invoca como patrono das enfermeiras do Brasil. Essa extraordinária mulher inicia entre nós, nos campos de sangue do Paraguai, a assistência aos feridos quando apenas se cogitava, entre os povos civilizados, da regulamentação dos socorros de guerra, que Florence Nightingale avocara para as mulheres durante a guerra da Criméia. Pode Ana Neri ser assim considerada uma entre as mais altas pioneiras do trabalho feminino.

BERTA LUTZ?



Filha de um cientista estrangeiro, educada numa escola de costumes e tendências diferentes dos que vigoravam entre nós, D. Berta Lutz assumiu destacado papel nas lutas pela emancipação social da mulher brasileira. Seu nome figura assim entre aquêles que, em seguida à primeira Grande Guerra, deram caráter sistemático à propaganda feminista em nosso país. Será assim a cientista Berta Lutz, que já foi deputado federal, a verdadeira pioneira do feminismo?

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 17 ★ 26-4-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5802 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-...







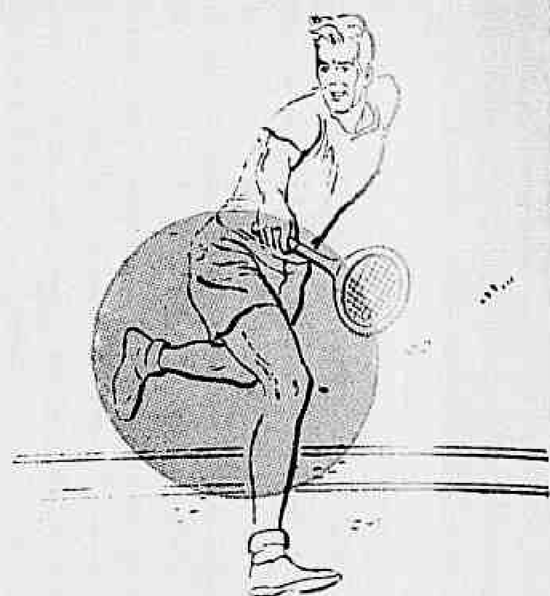
GRUPOS ESTOFADOS —
uma especialidade
de nossas oficinas

TAPETES e Passadeiras de forração
de tôdas as dimensões, em côres lisas e com flores

MÓVEIS e DECORAÇÕES
— orçamentos por técnicos especializados —



65 — RUA DA CARIOCA 67 — RIO



sua recompensa... e nosso orgulho!



Tenis... amigos que se reunem em amável competição esportiva... elegante pretexto para apreciar as coisas boas da vida, como Hollywood - o cigarro tradicional da sociedade brasileira...

GRATIS

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ